

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO**

**APÊNDICE C – ENTREVISTAS E QUADROS SÍNTESE DAS ENTREVISTAS**

**Margarete Bertolo Boccia**

**São Paulo  
2016  
VOLUME 5**

## SUMÁRIO

1. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	03
1.1 RELATOR DAS DIRETRIZES.....	03
1.2 PESQUISADOR 1.....	20
1.3 PESQUISADOR 2.....	37
2. QUADRO SÍNTESE DAS ENTREVISTAS.....	65
2.1 QUADRO 1.....	65
2.2 QUADRO 2.....	67
2.3 QUADRO 3.....	69
2.4 QUADRO 4.....	71
2.5 QUADRO 5.....	73
2.6 QUADRO 6.....	74
2.7 QUADRO 7.....	76
3. QUADROS DE CATEGORIZAÇÃO.....	79
3.1 QUADRO 8.....	79
3.2 QUADRO 9.....	91
3.3 QUADRO 10.....	98

## TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

### 1- ENTREVISTA RELATORA DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DO CURSO DE PEDAGOGIA

LEGENDA	
<b>M:</b>	Margarete Bertolo Boccia – Entrevistadora
<b>C:</b>	Relatora das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia – Entrevistada

Normas utilizadas na transcrição	Significado
...	Pausas Longas
“ ”	Citações de Conversas de Terceiros
( )	Incompreensão de Trechos ou Palavras
(xxxxx)	Incerteza do Transcritor
/	Mudança de Pensamento do Narrador
[palavra ou expressão]	Inserção de interpretação do transcritor

**M** – Professora Clélia, muito obrigada pela entrevista realizada no dia 22 de setembro no *campus* da Universidade Católica de Goiás - PUC de Goiás. A entrevista que eu gostaria de fazer com a senhora é sobre o curso de pedagogia, sobre as diretrizes curriculares do curso de pedagogia. Essa entrevista está vinculada à minha pesquisa de doutorado na Uninove, sob a orientação do professor Romão.

A primeira pergunta é que a senhora pudesse me contar, como que foi ser a relatora das diretrizes? Como que foi chegar até as diretrizes curriculares do curso de pedagogia? Um documento tão importante, para o curso de pedagogia do nosso país.

**C** – Bom, primeiro que, como pedagoga por opção, pra mim foi uma grande honra partilhar com a conselheira Petronilha [Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva], que à época era da Universidade Federal de São Carlos [UFSCar]. A conselheira Petronilha era da Câmara de Educação Superior [CES], e eu representante da Câmara de Educação Básica [CEB], havia chegado ao Conselho Nacional de Educação [CNE] em 2004 e fomos já participar da comissão de formação de professores. Uma das atribuições dessa comissão era resgatar as

discussões sobre o curso de pedagogia que... após a LDB [Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional], o Conselho Nacional de Educação estabeleceu um prazo para fazer uma revisão, pra elaboração das diretrizes das licenciaturas e imediatamente, no ano 2000-2001 as diretrizes das licenciaturas de física, química, matemática, história, geografia, letras, elas foram elaboradas e foi também elaborado um parecer sobre a formação de professores, em 2001, foi um parecer do Conselho Pleno. Foi um parecer, isso é muito importante, um parecer que era do Conselho Pleno, quer dizer participava a Câmara de Educação Básica e a Câmara de Educação Superior, e esse parecer falava, orientava a formação de professores pra educação básica, no entanto, nesse período, quando se discutiu a formação, a educação básica e que se elaborou esse parecer, uma das reladoras foi inclusive uma professora aqui de Goiás, a professora Raquel Teixeira. Esse debate ocorreu no Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação, no entanto quando fizeram a revisão das diretrizes, quando fizeram a elaboração das diretrizes das licenciaturas, isso foi realizado somente no interior da Câmara de Educação Superior, ou seja, nós pensamos, o Conselho pensou a educação básica numa formação conjunta, no entanto quando foi se discutir cada área de formação, isso foi feito separado da educação básica, quer dizer, preparar professor de física, química, matemática, biologia, porém, fora do debate com a Câmara de Educação Básica, houve aí, uma grande fragmentação.

Em 2004 quando essa comissão foi constituída, e já se iam vários anos que as outras diretrizes já haviam sido elaboradas e, as diretrizes de pedagogia com toda a complexidade e todo o debate que teve início desde a década de 80, com a formação das comissões, com a Comissão Nacional de debate sobre a formação de professores, criação dos fóruns de debate, depois da criação da Anfope [Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação], a pedagogia não conseguia romper em termos desses debates. Nós tínhamos então várias concepções, várias formas ou horizontes diferentes sobre a atuação do pedagogo: uma bem centrada naquilo que a lei, a LDB dizia, que a formação da orientação e da administração deveria se dar na graduação, que inclusive era algo extremamente contraditório, porque ao mesmo tempo dizia que pra você assumir um cargo de gestão você precisava de no mínimo dois anos de magistério, então isso era uma das contradições dentro da própria LDB. E considerando também, que o novo quadro que surgiu a partir de 1980, esse novo quadro já estabelecia outras formas de assumir atribuições e papéis na escola. Por exemplo, em vários

lugares o coordenador, muitas vezes pedagógico ou coordenador de área, já não era mais o pedagogo que era o coordenador, podia ser qualquer um dos professores de licenciatura. Quer dizer, houve uma mudança também na forma de organizar a escola e, isso batia também na forma com que se deveria pensar então a pedagogia, tinha dois caminhos claros, mas logicamente não são só esses dois caminhos, não eram só esses dois caminhos: um que seria a licenciatura pra atuar de zero a dez anos e o outro que continuaria sendo um curso para as habilitações, no entanto, o curso pras habilitações ele corria numa série de contradições considerando a forma como que as escolas já se organizavam a partir de 80. Bom, e o outro dado que à época foi colocado pra essa comissão, que era muito forte, que a gente precisava ter coragem de apresentar uma proposta; uma proposta com responsabilidade; que tivesse o pé, encharcado daquele debate histórico de 20 anos sobre a Pedagogia, mas que a gente precisava apresentar uma proposta, porque a reflexão é importante mas chega um momento que, a reflexão, ela fica exaurida se a gente não tiver uma proposta, pra dar continuidade, pra fazer uma avaliação, até pra pensar se aquelas propostas, se realmente elas estão coladas a alguma dinâmica ou à dinâmica social, a essa necessidade da escola ou da vida escolar, da vida educacional escolar.

É, foi pensado então que em um prazo de um ano, a gente deveria fazer as discussões nacionais sobre o curso de pedagogia.

**M** - Como foi o processo?

**C** - Nós poderíamos dizer assim, passar para um segundo momento, qual foi o processo? O processo foi em um primeiro momento chamar todas as instituições, as entidades que estavam ao longo desses anos, na trajetória da discussão do curso de pedagogia, e também das licenciaturas, para um resgate histórico dessa produção - daquilo havia sido produzido, do que o Fórum pensava, do que a Anfope, Cedes [Centro de Estudos Educação e Sociedade], Anped [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação], Anpae [Associação Nacional de Política e Administração da Educação], pensavam e pensaram sobre o tema.

Essa retomada foi extremamente importante, porque veio com a força daquilo que tinha sido produzido, mas também com aquela força que precisava ter - alguma proposta, vamos, enfrentar esse momento. Aconteceram muitos debates em nível nacional.

As entidades foram imediatamente convidadas e vários, não vou dizer milhares porque seria impossível mas, dezenas e centenas de debates aconteceram. Fomos a vários cursos de

pedagogia das universidades, fizemos várias reuniões e encaminhamos no sentido de apresentar então diretrizes que pudessem não só ter um parâmetro para a avaliação dos cursos de pedagogia; que a essa altura com as suas diretrizes já, vamos chamar assim, defasadas porque elas haviam sido aprovadas em 69, e o curso que ainda não tinha diretriz depois da 9394, da LDB, começamos então um processo inicial de discussão não só com essas entidades, mas também lá no Ministério da Educação [MEC]. Porque como todos sabem o Conselho Nacional, ele elabora as diretrizes, mas quem homologa essas diretrizes para que elas se tornem normas nacionais é o ministro da educação, então a partir do momento em que o ministro homologa, ela já não é mais, algo da produção interna do Conselho, mas ela é algo que deve orientar a educação brasileira, por isso que define diretrizes, como orientações, elas são mandatórias, não precisa consultar o Conselho, se elas devem ser implantadas, porque elas são nacionais e elas precisam ser implantadas, independente, da modalidade de instituição, se ela é pública, se ela é privada, se ela é comunitária.

Bom, caminhamos então no sentido de elaborar um documento que estivesse mais próximo dessa realidade de um professor, de um pedagogo professor entendendo a docência não de forma restrita ao trabalho da sala de aula, mas a docência que já se fazia presente em muitos municípios, a docência ampliada, porque também os docentes licenciados já passavam a fazer parte também dos quadros de gestores à medida que as eleições passaram a integrar a seleção a escolha dos diretores da escola, e não mais só o pedagogo poderia ser o diretor da escola. Então a docência ampliada significava, ou significa nas diretrizes, que o pedagogo, e também os outros licenciados, o pedagogo assume a tarefa ou as tarefas de cuidar e educar em várias dimensões: na gestão, na sala de aula e em outras áreas que não seja a área estritamente escolar, porque nós temos várias áreas de atuação pedagógica, concorda?... de formação que o pedagogo pode atuar, então esse foi, é! esse foi um dos eixos de orientação das diretrizes. Outro pensamento que me parece que foi extremamente inovador foi pensar já a pedagogia nesse novo contexto escolar, de novos sujeitos que chegavam à escola. A escola pública, ela precisava não só de levar a cabo o direito à educação e por isso o acesso deveria ser urgentemente promovido, no entanto, o acesso não era suficiente, era preciso também trabalhar para que a permanência e a conclusão fossem de qualidade e eu digo com justiça, com equidade, que os estudantes pudessem concluir nas suas, eu chamo muito na idade certa, a gente não sabe se a idade certa é sete ou oito mas, no sentido de que ele pudesse ter um

acompanhamento e um desempenho correspondente, àquilo que é o seu desenvolvimento. Então, nesse sentido, princípios que foram pensados e que são extremamente importantes: é reconhecer a diversidade na escola e isso fica claro nas diretrizes da pedagogia; a importância de entender a relação planetária, a relação socioambiental, acho que são elementos novos, na formação de professores de zero a dez anos; e também, quando a gente passa a pensar já a estrutura do curso, a organização da proposta político pedagógica, que superamos aquela visão fragmentada anterior da divisão: 400 horas de prática, 400 de estágio, 200 horas de atividades acadêmico-científicas, culturais, porque é, aquela forma de pensar o currículo, ela era uma concepção de currículo, que o currículo ele era subdivido e competia então a instituição fazer uma proposta pedagógica que encaixasse dentro daquelas subdivisões.

Então, esse foi um outro dado importante, porque nós tivemos clareza que o currículo precisa de ser pensado de uma forma orgânica, e aí se estabeleceu apenas a carga horária mínima para o estágio, favorecendo a autonomia das faculdades de educação para criarem os seus currículos a partir dessa realidade de novos sujeitos que chegam à escola. Então aquela estrutura curricular, a estrutura curricular da pedagogia... da organização do curso, ela é subdivida, em núcleo de aprofundamento e diversificação dos cursos: a subdivisão acho que ela é muito importante, o curso tem uma estrutura, tem um núcleo básico, e mesmo assim quando a gente faz apenas essa divisão, vamos dizer assim... didática, acaba que na cabeça, me parece, das pessoas que pensam o currículo, acham assim núcleo básico primeiro, depois vem o outro, depois vem o outro, e eu acho que isso dificulta um pouco a elaboração desse currículo orgânico.

Veja, na estrutura do curso de pedagogia é respeitada a diversidade nacional, acho que esse é um dado fundamental, quer dizer que precisamos ter uma base nacional, mas o que que significa uma base nacional também para um curso de pedagogia se não tiver um mínimo de diálogo com a educação básica?

Você não pode fazer um curso de pedagogia desvinculado da educação básica!

Então, a base nacional da legislação é aquilo que é chamado, pela LDB, comunicação - área de comunicação, as áreas que tem organização na educação básica, então essa é a base nacional da educação básica. Quer dizer, também os cursos precisam conversar com essas áreas que são básicas na educação básica, são áreas que dão sustentação para fazer, vamos dizer assim, a conexão nacional, o que que é nacional?

Eu tenho o nacional. Mas, eu não posso pensar assim: eu tenho o nacional, depois eu tenho o da universidade, que inclusive a própria LDB trata.

O que é nacional, o que é regional, então eu chamo lá a parte do núcleo comum e a parte diversificada e essa parte diversificada nunca chega, concorda? Porque o núcleo comum toma conta de tudo, é como se não aprendesse português numa aula de dança, quer dizer, como se português se aprendesse de segunda a sexta na aula da professora de português, quer dizer, como estabelecer, esse diálogo? Quer dizer nós temos um núcleo de estudos básicos que sem perder de vista a diversidade e a multiculturalidade da sociedade brasileira, por meio de estudos apurados da literatura pertinente das realidades educacionais, como por meio da reflexão e ações críticas vai articular, todos esses princípios aqui.

É! Todos esses princípios que estão aqui no artigo 6º da Resolução, que, vamos vamos chamar assim, é entralidade. É, a centralidade do curso, mas o curso, ele não é feito só com a sua centralidade, a centralidade ela forma um eixo que depois ela vai ser enriquecida com aquilo que faz parte, do que nós vamos chamar das atividades complementares, nós vamos chamar do núcleo de aprofundamento.

Quer dizer, como pensar esse currículo? Acho que é um desafio, e eu acho que nós não conseguimos pensar nesse currículo como desafio, nós pegamos as diretrizes, essa é uma análise que eu faço assim... muito simplória, eu não fiz nenhuma pesquisa. ... Nós até começamos a fazer uma pesquisa lá no Conselho Nacional de Educação, que foi a professora Leda Chaves que começou a fazer logo no início, mas ainda nem todos os cursos haviam já organizado os seus currículos a partir das novas diretrizes. Quer dizer, lá no Conselho, até 2012, não se tinha ainda essa avaliação, se todos os cursos já foram implantados em todas as instituições e como que estão esses currículos.

Bom, nessa estrutura do curso de pedagogia, nós temos então um núcleo de aprofundamento de diversificação de estudos e depois nós temos um núcleo de estudos integradores, e tem uma subdivisão de carga horária, agora quando fazemos uma subdivisão de carga horária, 2.800 horas, que fala assim: “dedicada às atividades formativas como assistência à aula e realização de seminários, participação na realização de pesquisas, consultas a bibliotecas, centros de documentação, visitas às instituições educacionais e culturais, atividades práticas de diferentes naturezas, participações em grupos cooperativos de estudo”, e quando faz essa divisão que é muito mais uma divisão didática, para conseguir organizar melhor esse



currículo; quando se estuda os currículos, identifica-se assim uma fragmentação das 300 horas de estágio e 100 horas de atividade teórico-prática de aprofundamento em áreas específicas de interesses dos alunos por meio da iniciação científica, da extensão e da monitoria.

Outro aspecto que eu acho inovador e importante também dessas diretrizes, foi pensar a formação de professores na perspectiva também de uma pesquisa, porque de primeiro a pesquisa vinha no bacharelado, professor não tinha pesquisa, pesquisa era no bacharelado, isso aí foi também um grande debate que aconteceu, quer dizer, nós não podemos formar um professor, sem ter uma mínima orientação sobre pesquisa, como se realizar uma pesquisa e a importância da pesquisa na formação e na chamada educação continuada quando ele está na realização do exercício profissional. Acho que esse também foi um elemento, ou talvez, um critério muito importante na elaboração dessas diretrizes. Bom, Margarete ... linhas gerais ... desse eu faço meu comentário geral.

**M** – Bom professora, as minhas perguntas estão muito relacionadas ao que a senhora comentou, mas eu gostaria de fazer uma pergunta específica com relação à carga horária. A senhora falou da divisão das 2.800 horas, mas como se chegou nesse número de 3.200 horas para curso de pedagogia? Eu sei que ela tem uma proximidade com as diretrizes das licenciaturas e acaba tendo uma carga horária um pouco maior do que as diretrizes das demais licenciaturas, como se pensou, como se chegou a esse número: 3.200 horas?

**C** – Bom, esse número de 3.200 horas, ele foi um número que teve a seguinte conclusão: era preciso, considerando que o professor devia atuar de zero a dez anos, e que precisava de conhecimentos específicos, quando você pega de zero a três, é creche e precisa de conhecimentos específicos / depois eu pego de quatro a seis, é pré-escola; de seis a dez, quer dizer, / a educação básica é um conjunto, de zero, hoje, é a Lei, o que é público e gratuito é de quatro aos 17, mas hoje se considera de zero a 17, o público e gratuito é dos quatro, a partir dos quatro, mas de zero a três, o Estado é obrigado a fornecer creche e a família coloca se quiser, / então esse é inclusive um grande debate nacional, você tem creche pra todo mundo, quantos demandam essa creche, se tem creche pra eles/

Bom, é Essa formação, por ser uma docência ampliada ela precisava de um tempo maior também. Não é só a formação de uma determinada disciplina ou de uma determinada habilitação. Porque antes você fazia opção, você fazia uma habilitação, você podia até fazer duas, mas você tinha que complementar a carga horária. Então foi traçado a partir dessas

novas exigências para atuação do pedagogo, do ponto de vista dos estudos, ampliava a área de atuação, do ponto de vista da escola, não mais uma atividade, ... uma atividade que não era em sala.

Porque a orientação, a administração, não eram atividade diretamente com aluno, mas uma atividade agora que dentro de uma educação básica que é orgânica e sequencial, tinha características bem específicas, de zero a três, de quatro a seis, de seis a dez, então, esse foi um dado. Equilibrando com a possibilidade também, de não ser um curso muito longo pra que as pessoas pudessem fazer esse curso num tempo de no mínimo três anos, três não... Foram três? Não. Três anos eram 2.800 horas, pedagogia são quatro anos, são 800 horas por ano, são quatro anos. ... pudesse fazer, não mais, porque tinha curso de pedagogia de seis anos, em algumas instituições públicas. Ia fazer uma média de quatro anos, mas que também não ficasse tão distante das demais licenciaturas porque também você teria um problema nas instituições pra equilibrar essa formação de professores, porque na realidade todos deveriam estar ou num fórum ou num colegiado das licenciaturas, porque o projeto quando pensado, o projeto das licenciaturas deveria ser o mesmo nas instituições; quer dizer: o norte, o eixo da formação devia ser o mesmo. Quer dizer: que escola nós queremos? Que escola que nós temos? O que nós vamos fazer? E todos aqueles que estão fazendo licenciatura deveriam estar em torno dessa, dessa vamos dizer assim, dessa expectativa que se tem dessa construção dessa escola.

Então, foi baseado na ampliação e na especificidade dessas três etapas que o pedagogo acompanha, mesmo sabendo que a educação básica é um todo, no entendimento da docência ampliada, porque ele precisaria de também não só da licenciatura *stricto-sensu*, mas também de entender, um pouco mais, em relação a gestão, ele deveria saber do planejamento da escola, do financiamento e como também conciliar um pouco do ponto de vista da carga horária com as demais licenciaturas. Então foram esses três pontos.

Havia no Conselho Nacional de Educação à época, uma corrente, ou conselheiros, que eram totalmente contra a ampliação da carga horária, que achavam que 2.800 horas eram suficientes. Então nós trabalhamos as 2.800 horas, e vamos dizer assim, acrescentamos as 300 do estágio e mais as 100 das atividades.

Bom, porque o estágio ficou só com 300 horas? Porque nós estabelecemos o que é mínimo na LDB, a escola pode fazer até mil horas de estágio se ela quiser ... então, eu fico pensando

assim, ao mesmo tempo em que as universidades querem autonomia e falam da autonomia, quando se elaborou as diretrizes da pedagogia, que ficou para autonomia da universidade definir a carga horária de estágio que ela queria ou que ela precisava, que o projeto pedagógico exigia, acabou dizendo que o Conselho normatizou pouca carga horária para o estágio.

Quer dizer, o Conselho estabeleceu o mínimo que está na Lei, em momento nenhum ele diz: é só 300 horas de estágio, não. É um mínimo de 300 horas. Você pode por 1.000 horas, 2.000 mil horas, isso aí, depende agora, de quem faz essa avaliação. Quem faz essa avaliação da proposta não é o Conselho, quem faz a avaliação da proposta - antes era lá na SESu [Secretaria de Educação Superior], hoje quem faz avaliação da proposta é SERES [Secretaria de regulação e supervisão da educação superior], lá no Ministério da Educação.

Então a gente tem que se entender nessa articulação, quer dizer, o Conselho elabora as diretrizes e em geral, nesse período que eu estive no Conselho de 2004 a 2012, não teve uma diretriz que não tivesse passado por um debate nacional, por audiências públicas, nenhuma das diretrizes! Todas passaram por audiências públicas, por debates nacionais, saem do Conselho, elas, esse é o percurso: elas saem do Conselho, ela vai pro ministro, para homologação, logicamente que o ministro tem uma equipe que faz essa análise, o ministro homologa, volta para o Conselho, e é publicada no Diário Oficial. Aí, passa a ser uma norma que será acompanhada pela diretoria ou pela secretaria do Ministério da Educação, que aprova os cursos, que antes era a SESu e hoje é a Cedes, então é ela que aprova o curso. E quem faz a avaliação, que deve ter o domínio dessas diretrizes é a comissão estabelecida de especialistas que faz avaliação do curso. Então são várias, quer dizer, isso aí é um conjunto de equipes, que se relacionam na avaliação, tanto pra aprovação quanto depois na avaliação dos cursos no Enade [Exame Nacional de Desempenho de Estudantes], depois na avaliação dos cursos da universidade.

**M** – Professora, passado agora quase dez anos da aprovação das diretrizes e nós tivemos algumas alterações legais, também, até mesmo essa ampliação da educação a partir dos quatro anos, foi uma alteração da LDB, a diretriz, ela precisa ser alterada? Ela precisa ser/ ter algum ajuste, já é o momento de alguma alteração?

**C** – Olha, eu não acredito em alteração, das diretrizes não, porque as diretrizes elas não são operacionais, a gente não pode fazer uma diretriz, acho que a comunidade tem que entender

que nós não podemos fazer uma diretriz dizendo assim: olha a universidade tem que dar 300 horas de alfabetização, porque todo mundo critica o curso de pedagogia que forma para atuar nas séries iniciais e que não tem alfabetização, que o professor sai sem saber alfabetizar. O que a diretriz diz é o seguinte: “ele vai atuar de zero a dez anos”, agora quem estabelece operacionalmente isso a partir... / A diretriz,.../ ela estabelece princípios, ela estabelece eixos estruturais, ela não estabelece operacionalmente como é que você vai organizar seu curso. Agora, pela lógica, se você vai atuar e basicamente, ahn, basicamente, se você pega da pré-escola até dez anos, a alfabetização tem um papel fundamental nisso aí, e porque que os cursos de pedagogia não se preocupam também em formar um pedagogo que saiba alfabetizar? Eu não sei! Eu não sei! Porque em lugar nenhum aqui tá proibido, na diretriz não tem proibição de nada, não tem. Eu acho que é uma lógica: quem atua de zero a dez anos, acho que inclusive quando se pensa o curso e fala lá que você, na estrutura, que você tem o núcleo de aprofundamento, você pode aprofundar, você vai aprofundar, .../ isso eu achei assim que foi uma coisa formidável!!

Por exemplo, bom, então meu aluno ou minha aluna ou acadêmico e acadêmica que entrou, qual que é a ideia? A ideia dela é que ela vai atuar de zero a dez anos, tudo bem, mas ela quer se especializar mais na creche, ela tem vários momentos pra isso, ela pode ser orientada pra isso nos seus estágios, ela pode ser orientada pra isso no seu trabalho de monografia, você está entendendo? Ela pode ser orientada pra isso nesse núcleo de aprofundamento, – “ah, mas eu quero ser uma grande alfabetizadora!” -, ela tem todos esses espaços para você fazer um plano de estudo com ela para ela fazer isso, agora, o que o aluno não pode é chegar num curso de pedagogia, pois ele escolhe a monografia na área que ele quer, muitas vezes ele nem sabe que área que ele quer, ele chega e fala assim pra ele: “apresenta o tema que você quer fazer na monografia”. Ele nem sabe escolher o tema ainda. Eu já vi muitas vezes isso. Então acho que é preciso já ir conversando com o pedagogo desde o dia em ele entra, porque a gente sabe que muitos que vão fazer ou pedagogia, ou letras, ou matemática, ou física, ou química, não entraram ali para ser professor, eles entraram para fazer um curso superior, eles entraram pra universidade, mas eles não entraram pra serem professores, então eles precisam ser orientados desde o primeiro dia que eles serão professores; e a pedagogia, então, quer dizer, primeiro e segundo período, terceiro, o pessoal não vai saber qual que é a área que ela pretende atuar com mais profundidade, mas a gente precisaria de já ir estudando essas áreas com os alunos,

porque também é difícil pra ele até porque ele não conhece, ele só foi à escola o dia que ele estudou. Porque de primeiro fazia o curso de magistério, às vezes já vinha pro curso de pedagogia com o curso de magistério do ensino médio, ele tinha uma noção da formação de professor, hoje não. Então, a gente precisa até conversar com eles: - olha gente é assim!

Talvez a gente deixa um pouco de fazer o arroz com feijão, porque a gente acha que tem que fazer outra coisa que é mais importante, pois eu acho que falta aos primeiros períodos de licenciatura um trabalho para aquele que está chegando nessas condições na universidade: com pouca leitura, com pouco interesse em ser professor e com outras carências. É preciso se pensar um primeiro e segundo períodos diferentes, a gente quer já pensar o primeiro e segundo períodos com um monte de aula de sociologia, com um monte de aula de psicologia, com um monte de aula de não sei do que, e muitas vezes ele tem uma certa dificuldade até de interpretação.... Não adianta falar: “esse meu aluno é assim, assim e assim”. Tudo bem, ele é assim, assim e assim.

Mas eu quero formar quem? Eu quero formar professor. Então ele tá assim? Mas ele não pode sair assim. Então eu acho que é fundamental pensar o primeiro e o segundo período, é o meu sonho. Acho que é difícil, as pessoas não entendem que nem sempre chegar na universidade hoje é como chegar a quarenta anos atrás, que era meia dúzia que chegava, e que já chegava pronto pra começar daquele ponto em diante. Hoje o ponto de chegada é outro. Hoje o ponto de partida é outro. Mas o ponto final, de chegada deve ser de um bom professor, que saiba uma boa comunicação, que saiba escrever, saiba falar, saiba se comunicar, saiba uma matemática básica, porque critica-se muito o curso de pedagogia, falam que os professores de pedagogia não sabem matemática, os professores de pedagogia não sabem português, daqui uns dias, o professor de matemática vai querer dar aula pros meninos de primeiro, segundo e terceiro ano, porque no fundo também tem uma competição de mercado, a gente não pode achar que é só formação, e as vezes eu acho que a gente é pouco crítico nesse sentido, de pensar também a atuação do profissional no mercado, não estou falando nem no mundo do trabalho, estou falando mesmo, assim, uma coisa operacional. Quer dizer, há uma concorrência. Você vê que hoje tem várias legislações em discussão para o psicólogo ir pra escola, para o fonoaudiólogo ir pra escola, para o terapeuta ocupacional ir pra escola, por quê? Tudo bem, eu acho que precisa ter uma equipe interdisciplinar, mas não é na escola. Acho que a equipe interdisciplinar deve estar localizada em reuniões, em locais do sistema, em centros

do sistema, não dá pra você ter, com o recurso que você tem da escola pública, em cada escola essa equipe de profissionais, não dá para você pegar o dinheiro da educação e pagar outros profissionais com o salário que os professores têm; você tem que melhorar também o trabalho dos professores.

Então, quando eu penso o curso de pedagogia e, também, que as faculdades de educação, elas precisam estar presentes nos debates nacionais sobre a valorização dos professores, elas não podem estar só dentro da universidade, elas precisam participar do debate nacional, quer dizer, quais os cursos que discutem a implantação do plano de carreira? Plano de carreira era para ter sido implantado em 2009, não foi, só que o plano de carreira, ele vai dar um impulso maior para quem faz pedagogia, porque vai ser uma profissão, ele vai ter condições de estudar, ser valorizado, ter carga horária para trabalhar, ter carga horária para planejar. Quer dizer, não dá para pensar na formação acadêmica sem pensar no exercício profissional, não é uma coisa amarrada na outra, mas elas têm uma articulação muito grande.

Então, quando eu penso que só, só esse exemplo que eu vou dar, ..., quando eu penso que as diretrizes de carreira foram elaboradas, aprovadas e homologadas e eram para serem implantados os planos de carreira em 2009, porque o Fundeb [Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação] exigia .... O Fundeb já exigia e, antes de 2009 o Fundef já exigia, com o plano, com a Lei do piso salarial ficou estabelecido em 2009, agora, com a aprovação do Plano Nacional de Educação [PNE], após a aprovação do Plano que foi em 2014, tem mais três anos para implantar, então mais três anos são 2017, se você pegar que devia ser implantado em 2009 pra 2014, você tem uma defasagem aí de quantos anos? Só aqui são cinco anos, então esse debate, ele é fundamental, também, eu acho que falta não só esse entendimento, não estou falando que são todos os cursos não, estou falando que falta, ahn, falta, é, trazer pra dentro dos cursos de pedagogia, também, inclusive estão aqui nos objetivos, é, esse debate do contexto nacional. Se você pegar, por exemplo, as diretrizes da educação gerais, Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, que eu fui relatora também, aí deveriam ser discutidas no curso de pedagogia, acho que pouquíssimos cursos conhecem essas diretrizes porque, elas falam como que a educação básica deve ser organizada, onde que se discute isso? Quer dizer, nós também fragmentamos muito, quer dizer, quem é que pode dar essa unidade? É alguém que faz a coordenação. Senão ninguém vai dar essa unidade.

É então, se tem as diretrizes; são ótimas? Não, não são ótimas. Poderiam ser melhores? Poderiam. Mas nos falta divulgação, nos falta uma implantação com debate e nos falta avaliação. Então se você me pergunta hoje o que precisa nessas diretrizes, eu vou perguntar é pra você que tá implantando o que é que você acha que precisa. Eu devolvo a pergunta pra você.

**M** – As diretrizes, elas precisam ser efetivadas na verdade? As pessoas precisam discutir compreender e ver dentro da sua realidade como que você articula as propostas que estão colocadas ali.

**C** – Por quê? Porque o pessoal espera uma cartilha. Você veja esse debate hoje da educação básica sobre a base comum nacional, O que a comunidade, parte da comunidade educativa, espera? Que saia uma relação de conteúdos que a escola precisa administrar. Isso gente, foi da década de 40, que eu tinha uma lista, tudo bem, a lista acabou? Acabou, o que, que passou a ser a lista? O índice do livro, porque também? Porque os nossos professores, eles têm uma certa dificuldade para criar, por isso que eu falo com minhas alunas assim: “você falam, ah curso de pedagogia tem muita teoria”, quem tem teoria, cria, quem não tem teoria, copia. Eu não acho que tem muita teoria no curso de pedagogia, não acho que é isso, acho que a gente, muitas vezes tá partindo, não da etapa correta, nós estamos deixando uma primeira etapa ser substituída pela segunda, porque a gente não está entendendo quem está chegando. Eu fiz pedagogia na década de 70, 60 que era uma coisa, até a década de 80, você podia até trabalhar da mesma forma, mas eu não acredito que a partir da década de 80 você possa trabalhar, o que que mudou desse período pra cá? Eu não posso falar, porque eu não estou dentro das faculdades, estou voltando agora, fiquei fora muito tempo, eu falo agora pelo que eu conheci da educação básica.

Eu andei por esse Brasil inteirinho, não estou falando pelas faculdades eu estou falando pelo que eu vi nas escolas e pelo acompanhamento que eu fiz no MEC, durante dois anos, dos 18 milhões de alunos do Bolsa-família, ele está na escola e a escola não sabe o que fazer com ele. Ele está lá, mas fala: “ah ele tá aqui só pra assistir aula, ela tá aqui só pra ganhar a bolsa”, tudo bem, mas ele está aqui, porque que você não aproveita que ele está aqui? Ele está aqui. Você não precisa dele aqui? Pra ele estudar, pra ele aprender, pra ter qualidade no ensino? Então, ele está aqui. Quer dizer, primeiro ele não chegava, agora ele chega, agora tem 18 milhões que é 42% dos alunos da educação básica dentro da escola, e a escola fala: “não, mas

ele está aqui porque a mãe precisa de receber a bolsa”, tudo bem, mas o que, que se pode fazer com ele? Ele está lá, vai continuar invisível? Vai continuar invisível?

**M** – Não pode.

**C** – Então, é isso professora, não sei se eu estou conseguindo atingir seu objetivo.

**M** – Está sim, já está até respondendo algumas perguntas que eu fui pensando.

Para ir encerrando, quando é colocada a atuação do pedagogo no espaço da escola e também em espaços não escolares, isso não distancia o pedagogo de uma proposta inicial que é a docência, que é esse professor? ... Ou colocando diferente...

**C** – Não, ... eu vou te responder.

Talvez até porque eu tenha tido oportunidade de acompanhar vários estágios fora da escola, vou pegar um: pedagogia hospitalar. O que, que acontece? O que ele aprende na pedagogia, o que ele aprende no curso de pedagogia ele vai fazer isso não é no espaço da escola, ele vai fazer lá no hospital. Ele precisa ter algo mais, que é saber, inclusive, trabalhar com as emoções, porque de repente, dá aula hoje pro menino e amanhã chega o menino morreu, mas o que ele aprendeu lá, por isso que eu falo da importância da teoria, o que ele aprendeu no curso de pedagogia, ele leva lá, ele mudou o que? Ele mudou o espaço, mas a relação é professor-aluno, naquela relação de ensino-aprendizagem mesmo: um ensina e aprende, o outro aprende e ensina, isso pra mim ficou muito evidente.

Outra área que eu acho extremamente importante: muitas das minhas alunas que eu acompanhei na área da educação em Organizações não Governamentais [ONGs] na educação ambiental, o que, que elas fazem quando chega aquele monte de meninos de escola que eles vão ao zoológico, que eles vão a um RPPN [Programa de Incentivo às Reservas Particulares do Patrimônio Natural], o que, que elas fazem lá? Elas dão aula. Só que elas dão aula num espaço aberto, não tem carteira, mas onde elas aprenderam? No curso de pedagogia. E se elas saem com a consistência boa, elas dão conta de fazer a adaptação. Outra área que eu fiz muito estágio, talvez pela minha idade, .... (ri) / que é abominável aqui nessa universidade, que é a pedagogia empresarial, que chamava assim de primeiro e depois passou a chamar de pedagogia institucional, o que faz? Ele faz um trabalho extremamente integrado ao psicólogo, o psicólogo faz seleção, e ele faz formação. E, não faz formação na escola? Ele faz formação na empresa, quer dizer, o que ele aprendeu em didática de planejamento, /depois vou te dar um exemplo, isso foi um aluno que me fez entender isso, porque eu tive que descobrir pra ele



como que didática era importante pra ele, depois vou te falar/, então, quer dizer, o que a pedagogia me fornece? Me fornece os instrumentos pedagógicos para relação da aprendizagem.

Você tem um monte de pedagogo que trabalha em jornal, pra fazer o que? Para fazer reportagem. Por quê? Porque ela precisa de conhecer criança, “ah mas o de psicologia também pode”, mas o de psicologia não tem o domínio da aprendizagem, não tem, ele pode ter o conhecimento sobre a criança./

Eu tive um aluno, segunda turma que eu dei aula aqui na universidade, uma turma a noite mas assim... desenfreada, sabe? Tudo aqueles moço, e eu tinha um aluno, mas ele era difícil demais, da geografia, eu dava aula de didática mas, esse moço me atormentava tanto, era o segundo semestre que eu dava aula aqui na universidade, eu pensava: mas eu tenho que conquistar esse menino, porque ele não vai ser professor, ... de uma grande imobiliária aqui em Goiânia e inventou de fazer geografia, aí um dia eu chamei esse moço, falei assim:

- O que, que você faz na sua imobiliária?

- “Ah, a minha imobiliária faz isso, faz isso, faz isso, dá curso”.

- Ah, imobiliária dá curso?

- “Dá”.

- É... O que, que você está aprendendo aqui na didática?

- “Aprendi isso, isso, a fazer planejamento...”

- Então você pode aplicar tudo isso dentro da sua imobiliária, preparar os cursos para os seus funcionários, o que didática está te ensinando? Além de concepção e tudo, tem uma parte da didática operacional, as técnicas de trabalho, e você sabe que até hoje, onde ele me encontra ele vai me abraçar, esse moço, sabe? Porque ele entendeu que era possível utilizar, porque o pessoal é muito pragmático, quer saber o que faz aqui que vai usar lá, aí conseguiu entender a didática e começou, melhorou um pouco assim, a participação dele no curso./

Então eu não acredito que isso, porque não é que você vai falar, vai trabalhar com eles todas as áreas de atuação do pedagogo, mas o professor que tem um conhecimento da atuação do pedagogo ele pode, em determinados momentos dizer: “olha, isso aqui inclusive você pode utilizar quando você tiver trabalhando na área, sei lá, na área empresarial”, você trabalhando com o psicólogo, você precisa apresentar o cenário nacional, ele faz isso muito melhor que o

psicólogo, tanto que tem empresário contratando até filósofo para fazer isso nas empresas, e porque que não pode ser o pedagogo? Ele não tem formação pra isso?

Agora, nós formamos alunos que não tem muita vontade de argumentar, eu falo para as minhas alunas aqui: vocês deixam as outras pessoas falarem no lugar de vocês. Acho que esse é um desafio que nós temos, preparar os alunos para argumentarem e defenderem as suas ideias, eu acho que isso é um pouco difícil ainda na pedagogia. Sabe?

Eu atuei em todas as áreas. Atuei na área da pedagogia hospitalar, quando eu atuei na área da pedagogia hospitalar, foi quando tava iniciando a matrícula de deficiente na escola regular, que foi uma luta, que Goiás foi um dos primeiros estados a fazer isso, é difícil? É. Mas é exatamente o que... / a gente vem de uma escola que marginalizou, aquele que é deficiente não dá conta de acompanhar a escola regular, do jeito que ela é hoje, é difícil mesmo. Né? Então, por exemplo, o aluno que tá matriculado na escola regular e é deficiente, a escola, no senso, ela conta esse menino duas vezes, a escola pública recebe recurso pra infraestrutura desse menino, quantos alunos de pedagogia sabem isso? Que a escola recebe recurso a mais por esse aluno? Quantos?

**M** – Nenhum.

**C** – Você entendeu? Então quer dizer, como que também a gente consegue fazer com que as políticas estejam presentes para o debate, até para criticar essas políticas públicas. Parece que o único momento de debate das políticas públicas é quando vai ter eleição pra presidente da república, que um vai contradizer o outro, parece que é só nesse momento ou quando vai ter uma eleição para governador ou vai ter uma eleição para prefeito, ainda bem que acontece de dois em dois anos, então a gente tá discutindo bem mais agora (ri).

**M** – A senhora tocou num ponto importante que é a crítica que o curso de pedagogia recebe de ter muita teoria e pouca prática. As diretrizes, elas tem algum ponto, algum elemento, algum dado da diretriz que ajudaria a diminuir essa distância ou essa dicotomização que é colocada? Na sua estrutura as diretrizes discutem isso?

**C** – Na própria estrutura do curso. Porque quando se fala assim: o núcleo de aprofundamento, esse núcleo de aprofundamento, é de aprofundamento de uma área, mas quando você fala lá no início, daquelas 2.800 horas, ali, seria, agora, como é que você vai aprofundar?

Acho que começa por aí. Talvez, tanto a gente fala da avaliação diagnóstica, a gente devia levar isso mais a sério. Quem é que chega? Ele responde o questionário no Enade, mas

quando ele entra também, a universidade não faz um levantamento de dados quando presta o vestibular?

Então eu acho que primeiro e segundo período eles fecham o olho, acho que aí que nós estamos perdendo, agora isso eu tô falando da minha cabeça, estou falando da minha experiência.....

Estou à sua disposição professora, se você quiser mandar alguma coisa assim pra eu responder por escrito, porque na realidade eu sou apaixonada pelo que eu faço.

**M** – Eu também. Eu adoro o curso de pedagogia.

**C** – (ri). Os meus amigos que mexem aqui comigo, dos outros departamentos, eles falam que eu sou um pedagogo que deu certo, sabe? (ri)

**M** – Queria agradecer a entrevista que a senhora acabou de me conceder; agradecer à disponibilidade, o tempo, a gentileza, todas as respostas vão me auxiliar muito na estrutura do trabalho e se tiver alguma dúvida eu coloco, mas acredito que não, nós abordamos os temas colocados...

**C** – Pode mandar por escrito...

## 2- ENTREVISTA PESQUISADOR 1

LEGENDA	
M:	Margarete Bertolo Boccia – Entrevistadora
I:	Pesquisador 1 – Entrevistada

Normas utilizadas na transcrição	Significado
...	Pausas Longas
“ ”	Citações de Conversas de Terceiros
( )	Incompreensão de Trechos ou Palavras
(xxxxx)	Incerteza do Transcritor
/	Mudança de Pensamento do Narrador
[palavra ou expressão]	Inserção de interpretação do transcritor
<u>palavras sublinhadas</u>	Ênfase na fala da entrevistada

**M** – Professora Iria, muito obrigada por disponibilizar de tempo, nessa vida corrida, me conceder essa entrevista que tem relação com minha tese de doutorado, minha pesquisa sobre o curso de pedagogia. Eu fico muito feliz que nessa manhã, quase tarde de setembro, quase primavera... que a senhora tenha podido me conceder essa entrevista. Eu queria iniciar conversando com a senhora, qual seria o grande elogio ou a grande crítica às diretrizes? Essa é a primeira pergunta: qual seria o elogio ou a crítica que a senhora faria às diretrizes do curso de pedagogia?

**I** – Bem, eu quero só me colocar, de onde eu falo...

E um grande prazer tê-la aqui, você interessada na pedagogia e é o meu foco de pesquisa também. É, o que ocorre com as diretrizes sobre,/eu não falo nesse momento como Iria Brzezinski, eu falo de um movimento nacional que tem trabalhado especificamente com formação de professores, e a pedagogia é uma das facetas,/até o professor Ildeu de Moreira Coelho, que é nosso professor aqui da federal, ele foi o primeiro coordenador do comitê pró-formação, do educador. Que ele tinha, teve um pequeno núcleo em São Paulo, na PUC, e quando foi em 1980, ele assumiu o Comitê na Primeira Conferência Brasileira de Educação./Então esse nosso movimento, ele nasce junto com as Conferências Nacionais de

Educação, num período que nós estávamos ainda na ditadura e que nós tínhamos um motivo muito forte: eliminar da formação de professores o currículo mínimo. Essa era nossa grande batalha. Era a eliminação do currículo mínimo. Porque o currículo mínimo, você sabe, ele atrela algumas disciplinas, todos os projetos, etc., e nós sabemos que os muitos Brasís nossos, muitos, eles precisam de curso de pedagogia que possam atender as necessidades pode ser... não pode ser local, só local, mas que pelo menos que atenda a necessidade na amplitude do Estado, como ente federado onde ele está. Então essa era a nossa grande crítica às diretrizes da época, que eram orientações do Conselho Federal de Educação [CFE], e esse movimento depois se transformou em Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação, eu presidi a assembleia de instalação em 1992, e de 80 até 92 nós fomos instalando o movimento, e assim nós fazemos até hoje.

Nós, agregamos ao nosso trabalho as produções, fazemos os estudos e depois socializamos, esses estudos. Um exemplo é esse livro que eu organizei na minha... /eu fui presidente numa determinada época, aqui você pode ver a sequência com os presidentes, que eu começo com o professor Ildeu, e depois esse aqui até 2012 que eu estive presidente./

Então a Anfope, ela tem uma defesa fortíssima em relação às diretrizes: que o currículo não seja organizado por disciplinas, mas organizado por meio de, nós chamamos de eixos curriculares, pode chamar do que quiser. Então o elogio que eu faria diretamente às diretrizes atuais de 2006, é que sugere-se que o currículo seja organizado por núcleos, então eu vejo que é um avanço muito grande. /

Mas quero dizer pra você Margarete,/que eu, eu sou aposentada da UnB [Universidade de Brasília], eu comecei a minha carreira na UFPR [Universidade Federal do Paraná], porque eu sou egressa do curso de ciências sociais, lá da UFPR, caí depois na educação por necessidade de trabalho, porque minha profissão foi caçada pelos militares. E, na UFPR, eu fiquei pouco tempo, mas ainda assim, com maturidade para discutir currículo fortemente como precisava; na UnB, eu fiz concurso na UnB em função de questões de família que tivemos que nos transferir pra Brasília, não consegui nada em relação à mudança curricular da pedagogia, que saísse das disciplinas,/e aqui, você pode ver aqui, olha o nosso currículo, [quadro na parede com as indicação das disciplinas por períodos. É uma repartição de saberes incrível, que é desnecessária, por quê? Aqui nós temos um fator administrativo, se o professor der duas aulas,... der com outro professor as duas disciplinas no mesmo horário, só um professor

recebe, porque aqui é uma instituição particular./Mas na UnB que nós tínhamos um regime diferenciado, nós também não conseguimos. O que nós conseguimos na UnB como avanço?/ E eu digo nós porque eu sempre estive nas comissões de reformulação, aqui nesse departamento, a primeira reformulação fortíssima que nós eliminamos as habilitações tradicionais foi em 1984, eu que estive na coordenação. Depois em 94 nós instalamos um núcleo que se chamava colegiado das licenciaturas, instalamos uma base comum nacional, que é a defesa da Anfope para um currículo. Então é: não organizar em disciplina e ter uma base comum nacional na instituição que possa fomentar os cursos de todas as licenciaturas e depois a formação específica, depois não, é concomitante. Esse depois é nas disciplinas que nós temos aqui, que o estágio só começa a partir da segunda metade do curso. /

Bem, então voltando, eu preciso historicizar isto porque eu sou defensora das diretrizes e sou defensora da proposta da Anfope, você vai dizer: “mas que contradição!”. Não é. É porque é um movimento dialético mesmo. Tudo que a gente conseguiu de avanço nas diretrizes pode ter certeza que a Anfope teve seu dedinho lá. Dedinho no sentido de militância, de estar em todas as reuniões, de estar conversando com a professora Clélia e com a outra professora que foi relatora, porque nós tivemos muita repressão às diretrizes, que elas não deveriam acontecer no governo de Fernando Henrique Cardoso. Engavetaram as diretrizes por oito anos, tanto é que foram as últimas diretrizes a serem homologadas pelo ministro no conjunto de todos os cursos universitários, foi a última! Eles engavetaram, porque eles não aceitavam a existência do curso de pedagogia. Era uma rejeição da professora Eunice Duran, que era a secretária de políticas educacionais do MEC [Ministério da Educação]./

Então eu tô te contando os meandros das diretrizes... E que eu acompanhei isso, porque eu sempre estive na militância à frente da defesa da pedagogia como ciência. Eu acredito nisto. A pedagogia como ciência. Ela ainda não tem um estatuto próprio, mas ela está avançando pra isso./Bem, então, isto foi bloqueado, daí quando nós conseguimos foi quando o governo Lula entrou, houve mudança quase que total dos conselheiros. E por uma felicidade nossa e por competência da pessoa, nós tivemos uma professora Clélia sendo relatora. Então, tivemos um momento propício, e aí a Anfope se aproximou muito do processo de elaboração das diretrizes. /

Porque a gente sempre estava do lado de cá, porque sabe que, o movimento ele tem um contra movimento ao governo porque nós precisamos defender os interesses maiores da população, e

eu trabalho muito com movimentos sociais então esse é o meu referencial teórico. São os movimentos sociais e a pedagogia com ciência./

Bem, ponto negativo/...

O ponto alto eu acho que é a organização curricular. Um outro ponto alto, que eu acho interessantíssimo, é que cada instituição, preservando o núcleo básico, ela pode ter o curso de pedagogia que ela desejar, isso as diretrizes nos dão liberdade, só que as instituições não estão sabendo usar deste direito, está lá claro, e nós conseguimos isso com a professora Clélia a partir dos grandes movimentos, e não éramos, não somos só nós que defendemos isso, são cinco entidades científicas que trabalham em conjunto: a Anfope, a Anped, [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação], o Forumdir [Fórum Nacional de Diretores de Faculdades, Centro de Educação ou Equivalentes das Universidades Públicas Brasileiras], que é Associação dos Diretores de Faculdades e Similares de Educação Pública, a outra instituição é a Anpae [Associação Nacional de Política e Administração da Educação], que você deve conhecer.

**M** – Eu sou filiada a Anpae.

**I** – /Eu sou filiada a todas, só no Forumdir não, porque eu nunca fui diretora de faculdade porque eu não aceitei. E o Cedes [Centro de Estudos Educação e Sociedade] que é o nosso grande Centro de Estudos e Pesquisas que divulga também a nossa produção. / Então nós trabalhamos em conjunto, assinamos todos os documentos em conjunto, os encontros que nós fazemos essas associações estão presentes, então é um grande movimento que instalou um pensamento educacional para a formação de professores. Há 30 anos nós mantemos esse pensamento que,/não sei se você vai entrevistar o professor Libâneo...

... ele se contrapõe ao nosso movimento, ele era do movimento anteriormente, mas ele se colocou contra a base comum nacional, ele acha que não deve existir porque o pedagogo deve ser só um cientista, que ele não é professor,/ e nós partimos do princípio que todo pedagogo é professor e um cientista e um gestor. Essa é a grande defesa que nós temos./

Até eu queria trazer pra você um livro que nós publicamos aqui, eu e do nosso professor, mas eu não tinha um volume em casa, é ... casa de ferreiro minha querida/ é sobre identidade profissional/ , eu defendo nesse livro a identidade profissional, com base na docência, mas ele é um pedagogo que eu denomino de *unitas multiplex*, que, não fui eu que inventou essa expressão, ela vem de Carrolo, um estudioso chileno, de formação de professores e significa o

seguinte: eles não chamam de pedagogo, eles chamam de professor, mas esse professor da pedagogia, eles chamam de metodólogo, no Chile, assim como em Cuba, todo pedagogo é metodólogo. /

Então, você está vendo que eu sou de um materialismo histórico dialético e não abro. /Sou persistente, que o meu curso de ciências sociais me propiciou a estudar isso com profundidade. /

Bem, essa expressão [*unitas multiplex*], ela indica que o nosso pedagogo das diretrizes e ali a gente encontra respaldo nas diretrizes 2006, que ele é, um professor, ele é um pesquisador, porque não existe professor sem ser pesquisador, e ele é um gestor. Agora, o que tem sido interpretado, às vezes equivocadamente, que esse gestor é que ele é apenas o diretor de escola, não é isso. Primeiro ele é o gestor da sala de aula, você não abre mão de ser o coordenador geral da tua sala de aula como pedagogo, não pode abrir mão.

Então por isso que a gente não pode ter um currículo mínimo... mínimo, nós podemos ter uma base. Que nos dá uma garantia de identidade. Então, currículo mínimo *versus* base comum nacional é a nossa defesa, e isso está subliminarmente, expresso nas diretrizes, a base comum nacional, mas tem lá a defesa da docência, então foi o grande ganho do movimento nas diretrizes: é a docência como base de formação, que o professor Libâneo é contrário./Eu o respeito muitíssimo, tanto que somos colegas de disciplina, nós damos a mesma disciplina. E temos uma convivência extraordinária, mas nós respeitamos as nossas posições que são ideológicas, epistemológicas, cada um respeita o outro com a maior ética./

Então ele é contrário a essa base comum nacional, ele disse que professor, pedagogo não é docente, a docência é feita em outro lugar. E ele tem o grupo, de defesa. A professora Selma está junto com ele, a Selma Garrido, várias... professora é, da, ... UniSantos [Universidade Católica de Santos]...

**M** – Maria Amélia Santoro.

**I** – Maria Amélia Santoro, e são muito respeitados por nós, assim como eles respeitam nosso movimento, nós temos uma convivência ética muito grande. E eu sou colega do Libâneo na mesma disciplina. É, quando chega nas diretrizes ele diz: “ olha você faz a sua que eu faço a minha”.(ri)/

Bem, já te dei os pontos positivos, que são, são muitos, o outro ponto que eu queria enfatizar, eu acho que daí eu já fecho todas suas questões, é que as habilitações tradicionais foram



extintas, porque eram uma herança da tendência pedagógica tecnicista, nem era tecnicista, é tecnocrata militar. Porque para governar você divide os saberes, você não deixa fazer uma coisa totalizante, dialética, você divide cada um na sua caixinha. Então era o saber do orientador, era o saber do inspetor, era o saber do planejador, era o saber do administrador, e nós éramos contra as habilitações,/ haja vista que a Católica e a Federal de Goiás, nós implantamos aqui o currículo unificado sem habilitações em 1984.

Em 1984, desde essa época nós não temos as habilitações tradicionais. Então foi um grande ganho, a habilitação ser extinta, sobre a nossa perspectiva, porque a gente tem um currículo mais totalizante./ Agora esse gestor, ele começa a ser o gestor da sala de aula, ele pode ser o gestor de um curso como coordenador, ele pode ser um supervisor quando ele trabalha com a relação com os professores, é um gestor, todos eles são gestores, e ele pode ser gestor do sistema nacional de educação, por exemplo. Então, é um gestor com uma visão bastante ampla. E é isso que nós temos como identidade do pedagogo./

O nosso curso, ele embora seja dividido em disciplinas, ele tem todos esses princípios orientadores, o nosso aqui da Católica e o da Federal, só que a Federal preferiu ficar só com a formação do professor para sala de aula, e a Católica aqui não aceita, nós queríamos a formação global também do gestor, é o que a gente luta por isso./

Bem, ponto negativo, nós perdemos uma tese que o movimento defende há muito tempo, ponto negativo das diretrizes. É exatamente a identidade da pedagogia como ciência, o que, que nós desejávamos? Que o curso fosse chamado assim: curso de graduação plena em pedagogia e não diretrizes curriculares nacionais para licenciatura plena de pedagogia, que é o que saiu. Que nós entendemos que só a licenciatura restringe a amplitude da atuação do profissional que... pelas diretrizes eles determinam a formação, agora é lá no movimento social, é nas relações sociais, é lá na escola que se define a atuação do pedagogo. E a atuação do pedagogo não se restringe a docência. Então nós perdemos essa tese, que nós queríamos um curso de graduação em pedagogia em que bacharelado e licenciatura estivessem articulados, então esse foi o grande defeito, se você quiser colocar como ponto altamente negativo.

E por quê? Não foi por causa dos conselheiros não. Foi por uma questão legal, que quando o parecer foi dessa forma para o ministro homologar, o jurídico devolveu e disse: “você estão afrontando a LDB”, era até uma ousadia dos conselheiros, ultrapassar essa questão, e daí

disseram: “não, tem que se fixar na LDB, no artigo 62 da LDB”, que diz lá bonitinho: “você tem que formar o professor, admite-se o ensino médio para formar o professor da educação infantil, do ensino fundamental até a quinta série”, que nós não concordamos, que nós julgamos que todo profissional da educação deve ser formado em nível superior. Lá o 62 daí remete pra o 64, que é onde fala das habilitações, que pode ser dada na graduação ou na especialização ou no mestrado, que você pode dar, então esse foi, do movimento foi o que nós perdemos e nós achamos que é um ponto altamente negativo das diretrizes. /

Tem mais um, e aí, independe das forças tanto dos movimentos sociais quanto dos conselheiros progressistas do Conselho Nacional [CNE], o que, que acontece na base da formulação das diretrizes? Está pautado exatamente na formação para o mercado de trabalho e não está pautado na formação humanística do pedagogo, então, porque que aparecem lá 15 competências dentro das diretrizes? Por quê? Porque é para atender o mercado de trabalho e não é pra atender um curso pautado numa epistemologia humanista, porque o pedagogo, ele necessariamente tem que ser formado com os princípios humanistas, então aí tá o grande nó das diretrizes. Porque como era padrão o modelo das diretrizes, no conselho, para todas as diretrizes do ensino superior tinha que ter arrolado as competências, era um esqueminha assim: perfil que se quer formar e as competências que são o núcleo da formação, esse é um crime que se cometeu, pois as competências são decorrentes da formação e não são o núcleo da formação do pedagogo. Porque tem em todos os cursos, todos os cursos do ensino superior, foi o modelo que o MEC impôs. Que foi a Sesu, Secretaria de Educação Superior. Houve essa imposição porque os tecnicistas estavam todos lá na Sesu. Que era o pessoal do Fernando Henrique Cardoso, foi no governo dele que começaram a ser elaboradas essas diretrizes e com o grande mote que iam acabar com o currículo mínimo, que era o que eles eram contra a ditadura como todos os movimentos sociais são. Então eu acho que tem muitos pontos negativos, agora a gente tem que falar da coisa boa, né? (ri)

Eu acredito agora nessa ideia que nós estamos defendendo, que nós começamos a defender durante todo o período que nós tivemos de preparação para o Plano Nacional de Educação [PNE], as audiências públicas que nós tivemos na comissão especial de educação, que o plano ficou por três anos e meio e depois foi para o senado e depois retornou para ser referendado ali e que acabou saindo, ahn, não o plano que a gente deseja, o plano nacional, porque tem muitas questões que não são decorrentes da Conae [Conferência Nacional de Educação] que

nós tivemos indicações, perdemos muita coisa no plano, perdemos no sentido de movimentos sociais, a correlação de forças foi muito difícil na Câmara. Então é uma questão que a gente perdeu no plano, que eu vinha falando ali pra Clélia, que é, esse subsistema nacional de formação e valorização dos profissionais de educação articulado ao sistema nacional./Eu como presidente da Anfope, eu percorri noventa e seis gabinetes, mais... mas 96 se comprometeram em fazer essa defesa lá na comissão de educação, o que que ocorreu? A pressão era tão forte que apenas nove fizeram a defesa, porque eles não defendiam um subsistema nacional. Daí o relator numa audiência pública que eu estava fazendo a apresentação, ele disse assim: “eu gostaria que a senhora me explicasse melhor o que é esse subsistema que eu tenho muita simpatia a essa alternativa, porque assim nós estaríamos colocando o professor num patamar que a gente deseja, de reconhecimento social e econômico, porque ele estaria sendo formado e valorizado e coordenado num único local, que é o subsistema”. Daí eu apresentei pra ele um parecer, de um jurista que eu tinha pedido, que alguns deputados acusavam de inconstitucionalidade, mas daí esse jurista que a Anfope contratou e ele é um grande jurista na área de direito educacional, e eu apresentei para o relator a defesa, essa defesa do subsistema e que não é inconstitucional, só que depende de uma Lei complementar, ele num sai, e são as questões jurídicas. Ele não sai por acaso, só porque eu desejo, ou você deseja. Então teria que ter uma Lei complementar, mas se ele tivesse sido garantido na meta 15 do plano, que era o que nós propusemos para a meta 15, uma ementa substitutiva, a essa ementa aderiram 96 deputados, mas na hora da defesa uns não estavam outros não vinham outros não queriam, e nove fizeram essa defesa. E nós não conseguimos mudar a meta do plano que saiu agora. Saiu do jeitinho que estava o primeiro momento do plano e que nós éramos contra, tínhamos ganho essa defesa na Conae 2010, e eles não respeitaram a determinação da Conferência Nacional, os deputados não respeitaram. Então o que estamos lutando, é que se possa nos estados, ... que estamos num momento assim, bastante profícuo de elaboração dos planos estaduais, que se pelo menos as universidades estaduais do país, que são regidas pelo plano estadual, do seu estado, adotassem um subsistema estadual de formação e valorização articulado, nós já teríamos 50% ganho, teríamos os entes federados assumindo isso. Aqui no estado de Goiás nós estamos conseguindo, agora tá muito difícil, em São Paulo então, você não imagina que coisa difícil o

Fórum de apoio, Fórum Permanente de Apoio a Formação Docente, aquilo, que São Paulo é mega. Tudo é mega...

**M** – Tudo é grande.

**I** – É, tudo é mega, o número de escolas, as representações no Fórum. Tem muitos representantes./

Bem, então voltando às diretrizes, eu creio que eu só tenho mais uma questão negativa: as diretrizes sustentam a existência de um sistema de certificação... e esse sistema de certificação é a grande regulação do estado, que acaba tendo um modelo, um modelito, que interfere no reconhecimento dos cursos, por exemplo. Então você não pode fugir daquele modelito das competências, você entende como as diretrizes, elas avançam, mas ao mesmo tempo elas, pelas injunções jurídicas, elas retrocedem?

Porque, ( ), olhe: toda instituição tem condição, respeitando os núcleos articuladores ela pode colocar o que quiser no seu currículo, ela pode formar só o docente que é o caso da Federal, pode formar o docente-gestor-pesquisador que é o caso aqui da Católica./

... Numa ocasião nós estávamos num evento e conheci as coordenadoras de uma IES de São Paulo, e uma delas que foi justamente me agradou muito a posição dela, ela disse: “olha professora,”... eu disse assim: mas vocês tem um curso com três anos de duração, e ela disse assim: “eu posso até não concordar que seja suficiente professora, mas as diretrizes não falam de tempo em anos, falam em horas, como nós estamos em uma instituição particular, nós optamos pelos três anos, porque nós julgamos suficientes ou é possível a nossa proposta atender a isso”. E eu disse pra ela que pela Anfope os nossos cursos teriam que ter no mínimo quatro anos e como as Federais estão tendo várias, com quatro anos e meio no diurno, e cinco anos no noturno. Porque todo pedagogo tem que fazer estágio na educação infantil, então são cinco anos lá, e eles têm que ter um tempo no diurno pra fazer esse estágio, porque não existe escola de educação infantil noturna, e ela disse que daí “tinham formas de fazer o estágio”, só que a gente não aprofundou porque o meu interesse era saber se o curso, qual era a duração do curso, se atendia os núcleos.

.. A nossa Associação tem dificuldade em entender que as 3.200 mínimas, mínimas, daí o mínimo vira teto. Não é mínimo, é máximo, e que esses estágios têm uma dificuldade para serem orientados, ... O professor, na escola, assistindo as aulas, avaliando o professor do curso, eu não cheguei a esses detalhes, mas a gente tem uma certa desconfiança que é muito

difícil. É, então, é um dos cursos que eu entrevistei. Agora foi uma entrevista muito informal, sabe? Porque nós estávamos num evento, eu não sabia que ia encontrar com elas lá, não tinha nem feito um contato prévio, e daí elas foram... gentilmente me concederam uma conversa.

.../

Bem, como eu disse falo em nome da Associação.

Você vai encontrar aqui [livro], esse é um conceito que foi cunhado,/e eu digo nosso, porque eu estou desde o primeiro momento nessa Associação, eu sou antiga viu, Margarete? Eu estive em 1980, na criação do comitê e em 83 nós definimos o nosso primeiro encontro, já independente do estado, que as conferências tinham uma dependência do governo para serem realizadas, nós realizamos o primeiro encontro nacional, você deve ter tido notícia, deve ter, é, esses, tão todos no meu *blog*, no meu blog não, no meu *site* da pesquisa que é o grupo do CNPQ, tem todos os documentos lá da Anfope./ Então, foi um conceito cunhado justamente para se contrapor ao currículo mínimo, e ele tem princípios que são bastante, por ser princípio, tem uma amplitude e a própria coordenação do curso e agora o núcleo estruturante do curso, eles têm possibilidade, têm liberdade de ir assumindo como princípio sem engessar o currículo, e esse era o nosso desejo: ultrapassar, descartar o currículo mínimo e termos esses eixos, que depois eles, ao longo dos nossos debates, eles foram sendo considerados princípios. Primeiro eles nasceram como eixos curriculares, então um dos eixos é aquilo que todo mundo reclama que o curso de pedagogia é muito mais prático do que teórico e não é verdade, mas então a gente trouxe como um dos princípios: a sólida formação teórica do pedagogo. Isso a gente insiste há 30 anos. E não desistimos, nós continuamos nessa insistência. A outra questão que era do contexto político na época, é que nesta base comum você tem que trabalhar e assumir a postura de gestão democrática, que nós saímos, estávamos num momento de transição, para um novo governo, saindo da ditadura, e o princípio da gestão democrática é muito significativo numa república democrática. Como é que você tem uma república considerada democrata e a escola não tem uma gestão democrata? Vocês tem uma especificidade em São Paulo que é o concurso para diretor e ele fica vitalício, tem suas vantagens e tem suas desvantagens. Mas, nós pensamos que o diretor deve ser eleito e não é só eleição de diretor que garante a gestão democrática. É a postura de quem coordena, é a postura de quem é o gestor. Então esse é o outro princípio da base comum nacional: formar nossos alunos pedagogos, com atitude de gestão democrática. Com a participação coletiva,

com os colegiados de curso./ Nós temos aqui na Católica, que eu criei em 84 e até hoje persiste, é o colegiado de professores e alunos, nós temos representantes por períodos. ... Nós temos dois representantes por período, de alunos e o professor representante daquele período, que formam esse grande colegiado, e as discussões de currículo são feitas com a presença desses alunos, eles trazem todas as reclamações pra esse colegiado de professores e alunos, e isso funciona rigorosamente. Aos sábados, nós trabalhamos aos sábados. Sábado passado, por exemplo, eu estive nesse colegiado com os meus bolsistas de iniciação científica, para eles descobrirem o que é uma gestão democrática de currículo, pra eles conhecerem, eles são nossos alunos da pedagogia, e eu trouxe pra eles verem o que é um representante de turma defendendo o interesse do estudante no currículo; e o que é o coordenador de período discutindo a necessidade de que a turma precisa, que as turmas precisam. / Então isto é a gestão democrática que a gente entende como princípio. É o trabalho coletivo. O terceiro princípio é a articulação teoria-prática, que é até tautológico repetir isso, mas o que, que acontece? Os alunos não encontram na formação deles essa articulação, eles vivem dizendo que não encontram, que o professor não consegue fazer essa articulação. E a nossa luta é que esse princípio atravesse o currículo todo, principalmente com eixos que possam, nós temos, por exemplo, essas atividades complementares, que são as 200 horas, eles tem a liberdade de cursar fora, em outras atividades. Mas nós temos aqui, organizadas essas atividades integradoras e que essas atividades são para fazer essa articulação teoria-prática no nosso currículo. Eu estou falando do nosso, porque é onde eu tenho maior contato. Na UnB nós não tínhamos nada disso, na UnB cada um fazia o seu. O outro princípio,.....

Então nós estamos no terceiro princípio né?

**M** – Isso.

**I** – O outro princípio é a pesquisa e o trabalho como princípio educativo./Você vai encontrar tudo aqui, mas é só para nós repetirmos e fazermos a tarefa de casa. A minha tarefa é divulgar essa base comum nacional, você vai encontrar no livro, na página 20, 21 em diante\*<sup>1</sup>, você encontra/

---

<sup>1</sup> \* A Anfope definiu princípios gerais do movimento que foram se configurando historicamente, em seus Encontros, favorecendo o avanço das discussões, entre os quais se destacam:

1. a da formação inicial, sempre presencial e em nível superior, e a continuada devem ser examinadas de forma contextualizada na sociedade brasileira ainda marcada pela permanência de desigualdades sociais;
2. a transformação do sistema educacional exige e pressupõe sua articulação com a mudança estrutural e conjuntural visando à construção uma sociedade democrática, mais justa e igualitária;

É, a outra questão, que é princípio, que é o compromisso social profissional do pedagogo./Tem várias páginas aqui que você pode retirar e têm outros documentos nossos também,/nós vamos fazer agora, em Brasília, o 17º encontro nacional da Anfope, vai ser nos dias que antecedem a Conae. A Conae começa no dia 19, e o nosso evento começa no 16; 16, 17 e 18 nós temos o evento. Então, em todos esses encontros nós retomamos, cada vez mais com profundidade, a possibilidade do trabalho nos currículos destes princípios. Em todo encontro se retoma essa discussão./ Porque falamos do compromisso social do pedagogo? Surgiu no nosso movimento, aquelas avaliações que os alunos chegam e dizem assim: “olha, eu vim fazer pedagogia mas eu não quero ter aluno, eu quero ser só dono de escola”; o outro diz assim: “ah, eu odeio criança”!, em compensação outros ingênuos dizem que “só vieram fazer pedagogia porque eles adoram criança pequena”. Então vem como uma ingenuidade tal que esse compromisso social do pedagogo como profissional, ele não aparece nos anseios dos nossos alunos. Então, a partir disso, nós estamos discutindo esse princípio, e esse é um princípio: é o compromisso social, você ter o compromisso social que você vem fazer

- 
3. a gestão democrática da educação deve estar presente na escola e demais instituições educativas, em todos os níveis, como parte integrante da democratização da sociedade brasileira;
  4. a autonomia universitária como expressão da afirmação da liberdade acadêmica, científica e administrativa nos diversos espaços institucionais;
  5. a reformulação dos cursos de formação de professores como processo constante e contínuo, próprio ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos e tecnológicos e das demandas socioculturais;
  6. a defesa da Universidade e suas Faculdades de Educação como *locus* prioritário para a formação dos profissionais da educação que atuam na educação básica;
  7. a superação do caráter fragmentário e dicotômico da formação do pedagogo e dos demais licenciados, que se materializa na organização curricular, reafirmando a docência como base da identidade de todos os profissionais da educação;
  8. a extinção gradativa da formação de professores em nível médio;
  9. a proposta da *Base Comum Nacional* como matriz para a formação de todos os profissionais da educação, tendo em vista as seguintes diretrizes curriculares norteadoras dos diversos cursos de pedagogia e outras licenciaturas:
    - *sólida formação teórica e interdisciplinas* sobre o fenômeno educacional e seus fundamentos históricos, políticos e sociais, bem como o domínio dos conteúdos da educação básica, de modo a criar condições para o exercício da análise crítica da sociedade brasileira e da realidade educacional;
    - *unidade teoria-prática* atravessando todo o curso e não apenas a prática de ensino e os estágios supervisionados, de modo a garantir o trabalho como princípio educativo na formação profissional;
    - *trabalho coletivo e interdisciplinar* como eixo norteador do trabalho docente;
    - *compromisso social do profissional da educação*, com ênfase na concepção sócio-histórica de leitura do real e nas lutas articuladas com os movimentos sociais;
    - *gestão democrática* entendida como superação do conhecimento de administração enquanto técnica e compreendida como manifestação do significado social das relações de poder reproduzidas no cotidiano escolar;
    - *incorporação da concepção de formação continuada* visando ao aprimoramento do desempenho profissional aliado ao atendimento das demandas coletivas da escola.
    - *avaliação permanente dos cursos de formação* dos profissionais da educação, como responsabilidade coletiva a ser conduzida à luz do projeto político-pedagógico de cada curso/ instituição (BRZEZINSKI, 2011, p. 20-2)

pedagogia, você tem o compromisso social de atender criança pequena, se você não gosta da criança pequena, mas você tem o compromisso social de atuar como professor de primeiro a quinto ano, então é por isso que ele é um dos princípios norteadores da formação. O outro é a avaliação permanente do currículo. Não tem como você formar se você não redimensionar esse currículo com uma certa frequência ... ele tem uma permanência, mas não é eterno e ele pode ser reformulado no próprio processo. Você vai ajustando disciplinas, modificando ementas. /

E finalmente foi depois do ano 2000, nós colocamos mais um princípio, que é mesmo decorrente do princípio do conceito de educação que está na LDB. A LDB tem um conceito de educação muito ampliada que diz que a educação, ela se faz na escola, nos movimentos sociais e no mundo do trabalho. Tem lá que a educação está em todos os espaços: na escola, nos movimentos sociais e no mundo do trabalho. Com isso, nós colocamos, por esse conceito ser tão amplo da educação, nós colocamos como princípio a articulação entre formação inicial e continuada, o pedagogo não pode ficar na formação inicial, ele tem que estar em constante aperfeiçoamento ou na própria escola, como a escola reflexiva ou nos cursos como você tá fazendo aí seu doutorado, nos cursos de especialização, no mestrado. Então são esses os princípios da base comum nacional, desde que ele assuma como compromisso social ser professor, porque se ele for só cientista, ele tem um compromisso social com a pesquisa, mas daí não tem o compromisso social como docente. Então essa é a nossa insistência na Anfope. Você é um pesquisador, mas você tem um compromisso com o trabalho docente e você tem compromisso com a gestão da escola, do sistema, do currículo, da tua sala de aula.

**M** – Então, a partir dessa colocação fica claro que a senhora não entende que essa atuação fora do espaço da sala de aula distancie dessa proposta inicial, que é a docência?

**I** – Não, ele deve atuar em todos os espaços onde o ato educativo acontecer. Essa é nossa defesa! Então, nós temos que formar o pedagogo, aqui nós temos três vertentes muito claras: nós formamos um pedagogo para atender crianças como pacientes terminais de câncer, eles têm uma especialidade no currículo, quando eles vão fazer estágios...; nós temos também o pedagogo para trabalhar com os recursos humanos da empresa para humanizar mais as empresas, não é para, como dizem, “vocês estão formando pedagogo empresarial?” Jamais, nós estamos formando um pedagogo que tenha condições,... aí sim entram as competências. Tenham conhecimentos, saberes, competências, habilidade para humanizar mais as relações



humanas nas empresas. Torná-las mais humanas, as relações sociais. Então nós somos totalmente favoráveis a atuação em espaços não escolares. Numa outra instituição que eu dou aula no mestrado, que é estadual, eu colaboro com eles ... a Estadual de Goiás forma o pedagogo animador de rua, porque eles tem atuação muito forte no interior, com atividades de rua – educativas. A própria comunidade faz, e elas têm uma vertente para o cuidar do pedagogo... o pedagogo cuida da rua, ele é um animador de rua, e lá acontece o ato educativo. Não aquele ato formal, escolar, mas onde acontece o ato educativo nós somos favoráveis, por isso que três anos não dá. A USP [Universidade de São Paulo] tem quatro anos e meio e ela forma o pedagogo para atuar nos movimentos sociais. Não sei se você conhece a proposta da USP...

**M** – Não...

**I** – ... /eu sou Uspiana de graduação, de doutorado, então tenho uma relação muito forte com a USP./Então nós temos essa defesa, por isso três anos é insuficiente. Quatro ainda não é totalmente suficiente, e para quem estuda a noite, que as aulas são menores de duração, cinco anos. Nós temos vários, no Nordeste as Federais todas estão com cinco anos noturno, porque eles marcam para o aluno chegar as 18h30 da noite. Às 18h30, e o aluno só consegue chegar as 19h15; eles marcam que a aula vai até às 23h, daí os ônibus no interior do Nordeste começam a apitar, buzinar, às 22h10, 22h15, porque daí o motorista quer ir embora. Então eles decidiram ... alongaram o tempo do curso e respeitam a rotina dos estudantes, eles saem 22h15, mas daí eles têm que ficar cinco anos fazendo o curso. Agora, são as Federais, e que é o modelo que talvez não seja de agrado das particulares, porque o aluno... não há quem aguentar pagar cinco anos de curso ele quer estar no mercado de trabalho rápido.

**M** – Bom, praticamente nós abordamos todas as perguntas. Acho que a única pergunta que eu retomaria, é: de que forma o curso de pedagogia pode se articular realmente nessa discussão de teoria e prática? A senhora já comentou, a senhora já falou, mas pensando no curso e nas diretrizes como que essa articulação teoria e prática poderia se efetivar?

**I** – O que, que, quando eu falo dos princípios, os princípios todos, ali há uma articulação teoria e prática, na base comum, e eu sou defensora dessa base, na atitude do professor, por exemplo, se você é professor de didática, porque não trabalhar de uma forma democrática? O aluno diz assim: “ah eu não quero fazer esse plano de ensino aí porque - ô coisa chata”! E tem o modelito ali do professor de didática e ele não libera para uma outra estrutura de plano./Os

nossos professores aqui têm feito, eles fazem docência universitária, os nossos professores, pode ser doutor em educação, mas tem que fazer o nosso curso de docência universitária que quando a Clélia era reitora, ela criou esse curso. Eu dou aula nesse curso já, eu estou na 25ª turma, e têm muitos professores nossos lá, e também é para comunidade./Então você veja, se eu posso ter uma liberdade para ter o meu plano futuro para ter o meu estágio supervisionado, eu tenho que articular na didática, que o professor Libâneo dá didática fundamental, como não articular gestão democrática, por exemplo? Como não articular o compromisso social do pedagogo na didática? E isto é tudo prática. Então, eu sempre digo, se nós conseguíssemos entender que as diretrizes curriculares nos dão orientação para a formação, mas elas apontam também para que você articule com a prática, porque você tem liberdade no seu currículo para fazer, nós transformamos as atividades complementares em... /um exemplo que eu quero dizer de prática também, nós pegamos literatura, por exemplo, para eles estudarem literatura infantil: todos os professores recomendam que eles leiam naquele semestre tais e tais livros. E nas atividades complementares se faz articulação do que se fez na disciplina daquele professor e o que se conseguiu fazer na prática; ele como professor, se ele conseguiu aplicar aquela literatura lá no trabalho dele, então é dessa forma. Agora, não quero dizer que isso corra assim com a maior tranquilidade, nós temos um grupo de professores que faz mesmo, agora tem alguns, o professor de filosofia disse: “eu, não vou trabalhar com literatura infantil. Eu? não é minha área”,/ então nós temos que respeitar o professor, mas se tiver um grupo de professores, o núcleo estruturante. Todos os representantes, eles podem ajudar nessa articulação teoria e prática. Então eu encontro alternativas, primeiro na liberdade que se tem de colocar as disciplinas que você desejar no teu currículo desde que você respeite os núcleos, tem que ter conteúdo básico, tem que ter os conteúdos que você vai... aí que você pode fazer uma articulação direta para profissão e tem toda a parte complementar, então você tem liberdade para usar. Agora é atitude, em primeiro lugar, teoria e prática, a unidade teoria e prática é atitude do professor, entende? O professor tem que ser formado pra isso, o problema é que nós somos formados no tecnicismo. Daí você vai lá, você pratica tradicionalmente, você faz uma exposição, daí para usar as tecnologias você passa um vídeo ou um filme, mas a prática não é articulada como a teoria. Então você passa o filme, você vai analisar o filme, tem que ter as relações com a prática do professor lá na escola./Hoje nós estamos lutando porque ... eu como sou uma professora muito antiga, nós esbarrávamos com professores aqui

que nunca tinham entrado numa escola de educação básica, a não ser como aluno; hoje nós já temos esta articulação institucional mais forte./Eu lembro que tava fazendo doutorado na USP, que era no século XVIII que eu digo que fiz o meu doutorado, e no departamento que eu estava, o meu departamento era o de administração, que eu era vinculada como aluna, o meu departamento levou seis anos discutindo nas reuniões se eles iam fazer alguma pesquisa com a educação básica, seis anos!!!. Só pra decidir. Você imagine onde que está a atitude de articulação teoria e prática desses professores que discutiram seis anos pra ver se eles fariam alguma pesquisa colaborativa com a educação básica paulista. Depois tivemos lá os incentivadores da física, o Menezes, ahn, outro lá, a professora Miriam (Krasilchik), você não deve conhecer porque eu só tô falando de gente antiga, na biologia, e assim nós tivemos as pesquisas colaborativas na USP. Mas se negavam, a USP não pode por o pé na educação básica, e esse professor dá aula com essa cabeça. Então não se faz articulação mesmo./ Então você tem que ter um propósito de ir numa articulação, o pedagogo ele é destinado à educação básica, prioritariamente, então tem que ter essa articulação com a educação básica./

Nós temos uma disciplina aqui que faz, pretende fazer, e não é estágio, se chama “ação pedagógica na escola”; eles vão para a escola para conhecer a escola como um todo e daí os alunos ficam um ano nessa é... no conhecimento, só o CMEI [Centro Municipal de Educação Infantil], por exemplo, de educação infantil; conhece a outra de ensino médio, as que têm só a primeira fase, que nós chamamos aqui de primeira etapa do ensino fundamental, e assim eles vão desenvolvendo essa disciplina tomando contato com toda a dinâmica escolar. Depois quando eles vão para o estágio eles estão tranquilos, ninguém teme estar no estágio. Agora, não é assim como eu estou te falando, não é com essa relação tão fácil. Alguns alunos rejeitam, outros professores também, mas tem um núcleo aí que segura essa ideia./

**M** – Professora, acho que era isso, a senhora conseguiu trazer. Todas as respostas pra todas as perguntas que estavam aí ticadas, vai me ajudar muito na construção da minha pesquisa, do meu doutorado. Quero agradecer muito a disponibilidade da senhora pela colaboração, por todo o tempo, por toda a fala.

**I** – É, e o que você precisar, eu estou à disposição, ahn, se você precisar de alguma bibliografia adicional... eu até vou olhar ali na nossa biblioteca para ver se tem algum exemplar desse livro que é nosso, esse que eu disse, que eu tenho, e tem um artigo do Libâneo, o contraponto tá sempre ali, sabe? Agora se não tiver, ele estava esgotado daí eu

teria que ver, porque eu não achei nenhum na minha casa, e ele é recente, entende? Mas a primeira edição esgotou assim, mas eu vou dar uma olhadinha alí, então eu acho que nós terminamos aqui.

### 3- ENTREVISTA PESQUISADOR 2

LEGENDA	
<b>M:</b>	Margarete Bertolo Boccia – Entrevistadora
<b>L:</b>	Pesquisador 2– Entrevistado

Normas utilizadas na transcrição	Significado
...	Pausas Longas
“ ”	Citações de Conversas de Terceiros
( )	Incompreensão de Trechos ou Palavras
(xxxxx)	Incerteza do Transcritor
/	Mudança de Pensamento do Narrador
[palavra ou expressão]	Inserção de interpretação do transcritor
<i>Itálico</i>	Ênfase na fala do entrevistado

**M** - Professor Libâneo agradeço a atenção por me conceder essa entrevista, que vai fazer parte da minha pesquisa de tese de doutorado lá na Uninove [Universidade Nove de Julho].

Eu espero ter conseguido escolher uma boa pergunta... que vai trazer um pouco do pensamento do senhor. A ideia é que o senhor coloque, por favor, quais os elogios e quais as críticas existentes as diretrizes curriculares do curso de pedagogia.

**L** – Bom Margarete, você conhece minha trajetória nessa discussão. Essa discussão começou em 1992, esta data já está assinalada num dos capítulos de livro, aquele “Pedagogia e pedagogos para quê”, eu conto um pouco essa história. Em 1992 houve uma reunião da Anfope [Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação], lá em Belo Horizonte, eu acho; eu era da Anfope, eu era membro da Anfope, e, nesse momento, as posições ficaram muito distintas entre o pessoal que liderava a Anfope e as minhas posições. E, então, nesse momento eu, digamos, rompi com a Anfope e passei... fiquei do outro lado. Até hoje continuo do outro lado. É... esse movimento é... diferenciado, aliás, diferente em relação ao movimento da Anfope, foi compartilhado desde o começo, assim, explicitamente com a Selma Pimenta, e... claro, formalmente com publicações e com posições tomadas em

encontros; eu compartilhei essas posições com a Selma, mas junto com outros colegas que ainda hoje estão juntos nisso. E hoje... são ... 22 anos. Que é um bocado de tempo, e pra mim hoje as coisas estão mais claras do que estavam até uns 5/6 anos atrás. Quer dizer, hoje eu tenho mais clareza ao menos de como é que... eu vejo o desenrolar desse tema da formação de professores no âmbito da licenciatura em pedagogia. /

Eu estou fazendo uma introdução para não já dizer assim, tem elogio ou não tem elogio, e qual é a crítica. A mim, me parece hoje, que na verdade as diferentes posições em relação a currículo, formação de professores, avaliação: avaliação de sistema, avaliação de escola, avaliação de aprendizagem, tudo isso é hoje, pra mim, me parece muito relacionado com a resposta a uma pergunta chave: Para que servem as escolas? E especialmente: para que servem as escolas destinadas às camadas pobres da sociedade? E eu cheguei a essa pergunta, que aliás também... vem sendo feita por um outro pesquisador internacional que é o Michael Young. /

Foi interessante que em algum momento há uns 8 anos atrás eu me pus uma pergunta, que na minha trajetória de pesquisador, de militante, eu me coloquei uma pergunta que eu achava assim, bem eu já fiz muita caminhada por esse campo da educação, da pesquisa, e papéis institucionais, orientação de tese e dissertações, e eu sempre lidei com teoria da educação, didática e organização da escola, são essas três áreas que eu sempre estive vinculado e nos últimos 10/12 anos o meu foco passou a ser a escola, mas especialmente o tema do ensino-aprendizagem, que é a área, hoje a minha área preferida. Mas aí eu comecei a me perguntar, no sentido de ligar o micro e o macro, comecei a me perguntar: quando e porque a escola publica brasileira decaiu? E aí eu comecei a estudar especialmente o tema da desigualdade social e desigualdade escolar, ou as relações entre escola e pobreza. E foi aí que eu enveredei para o assunto de: por onde e por que caminhos são geradas as políticas públicas para a escola? E aí essa pergunta que está frequentando diretamente a minha pesquisa hoje, que é isto: para que servem as escolas destinadas as camadas pobres da sociedade? E agora eu estou então, entendendo melhor, eu, pelo menos eu. Às vezes as outras pessoas já entenderam isto mas eu... é... em algum momento a gente faz síntese na cabeça da gente, na lógica da gente, na trajetória, no percurso do que cada um vai fazendo, a história de vida e tal, e aí... que eu acho que o problema da formação de professores para Educação Infantil e Séries Iniciais tem haver diretamente com a resposta a essa pergunta: para que servem as escolas? De maneira que isto

me deixa mais a vontade hoje para dizer o seguinte: eu não tenho nenhum elogio às diretrizes curriculares da pedagogia.

Eu acho que, se eu fosse achar alguma coisa no contexto desse debate todo que ocorreu uma posição pró-Anfope e uma posição anti-Anfope, foi esse entendimento de que a resolução chama *licenciatura em pedagogia*. E *não curso de pedagogia*. É um curso de licenciatura em pedagogia. Mas aí as coisas, eu imagino que você não estranha essa minha posição, a minha resistência a esta resolução, que é resistência ao modo de pensar e operar da Anfope, ... eu não acho que um curso de formação devesse se chamar curso de pedagogia, de maneira que eu também não acho que o egresso desse curso se chame pedagogo.

Então é um curso de licenciatura para a Educação Infantil e Séries Iniciais. Então a questão que me parece crucial... é que eu tenho um raciocínio de que há um sentido amplo de pedagogia e um sentido estrito. E o sentido amplo de pedagogia, é de que a pedagogia é um campo teórico, é um campo teórico investigativo. E com todas as restrições que muita gente faz a essa expressão, vamos dizer assim: a pedagogia é um campo científico, ela tem o seu corpo conceitual, ela tem os seus processos investigativos, ela tem as suas regras de validação da investigação, ela, na minha maneira de ver, ela resolve requisitos do campo epistemológico. Então eu acho que pedagogia tem um sentido amplo e um sentido estrito. E é claro que sob certo ponto de vista, todos os profissionais que trabalham, que atuam no âmbito de... vamos dizer de transmissão de saberes de modos de ação, todos esses, todo mundo que trabalha com formação humana, saberes, modo de agir, todos são pedagogos. Eu não sei por que chamar de pedagogo o professor das Séries Iniciais e não chamar de pedagogo o licenciado em química, em física, como não chamar de pedagogo o professor de Ensino Superior. Quer dizer, então, nesse sentido, todos somos pedagogos. Agora, no sentido estrito, a pedagogia acaba se desdobrando, em vários subcampos como é o caso da teoria da educação, a didática, a história da educação e todas as demais ciências e sociologias da educação, história de educação e etc. E, de maneira que nesse sentido, uma coisa é a pedagogia e outra coisa é a docência. Então eu não posso concordar, desde o começo eu me firmo nessa oposição da redução do campo profissional da pedagogia à docência ou até como eu costumo dizer uma condição simplista e reducionista de pedagogia. E, portanto, do exercício profissional do pedagogo.

.. Um pouco pra começar a conversa.

**M** – Já que o senhor tem várias críticas ou não consegue trazer ou não consegue identificar o que seria de elogioso por conta dessas críticas, qual seria a maior crítica às diretrizes? Quais seriam os 2 ou 3 pontos cruciais que mereceriam uma crítica mais fervorosa?

**L** – É, eu vou tentar, é muita coisa. Eu não sei se você conhece o meu texto da Educação e Sociedade, que se chama: “Diretrizes curriculares da pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional”<sup>[2]</sup>.

**M** – Não, eu não li.

**L** – É, esse texto é o mais incisivo, embora tenha um outro que eu escrevi com a Selma, mais antigo, não sei se é de 2004 ou 2005, mas esse texto é o texto mais forte que eu escrevi e tá publicado na Educação e Sociedade, é outubro de 2006.

... É, nesse texto é que eu falo... por exemplo, primeira coisa... ele se destina a formação de professores para um monte de modalidades, Educação Infantil, Anos Iniciais, Ensino Médio na modalidade Normal, Educação Profissional na Área de Serviços de Apoio Escolar, mas não há nenhuma orientação nas diretrizes sobre a formação específica a cada um desses cursos. Então não é só a crítica que muita gente faz de uma formação genérica. É uma formação difusa, é uma formação fragmentada, quer dizer, é uma licenciatura única para várias modalidades de ensino que tem peculiaridades totalmente identificáveis. Por exemplo, como é que pode formar em 3 anos e meio, em 4 anos, 3.200 horas, um profissional para a Educação Infantil e para as Séries Iniciais? Não estou nem falando dos outros cursos aqui, meio malucos. E, até onde eu sei, a titulação que o egresso recebe é licenciado em pedagogia. Bem, a segunda crítica, muito forte, é o que eu chamo de *pulverização da noção de docência*. Então se você pega o artigo 4º e parágrafo único da resolução, você tem lá, que as diretrizes são elaboradas pra formar na docência, na gestão, no planejamento, na coordenação, na avaliação de atividades educativas, o que eu acho um absurdo, que é um *entendimento genérico de atividades docentes*. Esse tipo de coisa, assim eu já discuti muito, você conhece muito bem essa discussão, uma coisa, Margarete, é você formar, é você ter espaço no currículo de formação de professores, para as Séries Iniciais, para a participação na gestão, estou absolutamente de acordo, prego isso. Eu já fui diretor de escola 12 anos da minha vida, quando você estava contando a sua trajetória, eu também fui diretor de escola, 12 anos, e então, assim, uma coisa é... /

---

<sup>2</sup> <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n96/a11v2796.pdf>



... até o livro que eu escrevi: “Organização e Gestão”, tá escrito lá com todas as letras: “este livro se destina a ajudar a preparar os professores para participarem das práticas de gestão, processos de tomada de decisão,” e enfim... Outra coisa é você institucionalizar que este curso de 3.200 horas forma o gestor. Isto pra mim *é uma brincadeira*, total. Assim, não... não vejo sentido. E, isto é explícito nas diretrizes. É, aí neste, eu creio que o principal dele é essa ideia de que o curso de pedagogia forma para a gestão, para o planejamento, para a coordenação, para a avaliação e etc.

A terceira crítica, acho que, a primeira eu já falei que é misturar pedagogia com formação de professores. A terceira crítica é a confusão conceitual, acho que as diretrizes sofrem de uma *pobreza conceitual imensa*, ela não dá conta de resolver conceitualmente temas centrais da teoria pedagógica, e minimamente educação-pedagogia-docência. Um termo é tratado pelo outro, e o termo principal fica subsumido no termo secundário que é a docência como objeto do curso de pedagogia. E, se for levar em conta também outros termos como gestão, avaliação é visível a *dubiedade* terminológica da resolução, por exemplo, em algum momento diz: “o objeto do curso de pedagogia é a docência”, e em outro momento diz: “não, ele prepara para atividades educativas”, se você fizer uma análise detida você vai ver lá que em alguns momentos ele diz: “esse curso se destina a formar professores para o exercício profissional em atividades educativas”, em outros momentos para as atividades docentes. Atividades educativas e atividades docentes é a mesma coisa? Tudo se mistura?

Outra questão séria esta imprecisão do percurso curricular para a Educação Infantil e para as Séries Iniciais.

Sem falar das outras finalidades que são colocadas ali logo no começo: Ensino Médio e etc. Alguns cursos estão fazendo, estão diferenciando Educação Infantil e Séries Iniciais. Mas são coisas tão diferentes... são exercícios profissionais tão distintos. Então, o problema do percurso curricular não diferenciado.

A outra questão é a questão das habilitações, perdão, vamos falar primeiro das atribuições docentes, é um total “samba de crioulo doido”. O docente vira um super profissional ... ele tem que fazer um monte de coisas. E a redação dessas atribuições mistura objetivos, conteúdos, até recomendações morais, gerando superposições e imprecisões quanto ao perfil do egresso. Mas esse, depois eu vou tentar explicar na minha maneira de ver hoje sobre esse,

esse tema desta diversidade, não era esta... como é que se diz? Essa mistura de atribuições de todo tipo.

.... O tema das habilitações, o artigo 10 determina a extinção de todas as habilitações decorrentes da legislação anterior, mas aparece num artigo à expressão que é.... sobre a atuação profissional desse pedagogo, entre aspas, e que levaria ao curso, no currículo do curso, aprofundamento e diversificação de estudos voltados às áreas de atuação profissional; áreas de atuação profissional é outro nome de habilitação. Então aqui ela extingui as habilitações antigas, anuncia que elas podem existir, no entanto, não há nenhuma orientação mais explícita e nem sei como é que os cursos estão fazendo isto hoje. E o artigo 14, na minha avaliação pelo conjunto das críticas, o artigo 14 é inteiramente descabido. Esse artigo diz que... o artigo 14 assegura a formação de profissionais de educação previsto no artigo 64 da LDB. Você está lembrada, não é, desse artigo 64 da LDB? Então lá que fala das habilitações explicitamente. O que a resolução diz? Uma vez que as diretrizes formam no mesmo curso o docente, o gestor e o pesquisador, então as diretrizes resolveram o problema da formação específica, essas áreas de atuação profissional específica.

... A minha avaliação hoje, deixa eu dizer primeiramente uma outra coisa. / Eu vou falar agora das diretrizes, mas eu vou fazer uma análise um pouco mais ampla, uma análise mais global da questão. Bom, vamos ver, você sabe que desde o começo da minha trajetória de pesquisador, eu caminhei junto com o Dermeval Saviani, nós temos um passado comum, nós estudamos no seminário, Dermeval e eu fomos colegas de seminário, fizemos depois..., saímos do seminário juntos, fizemos o curso de filosofia na PUC [Pontifícia Universidade Católica], terminamos juntos e aí quando eu terminei voltei pra Goiânia ele ficou em São Paulo, e cada um foi para um rumo, mas aí depois nos reencontramos quando eu retornei para fazer o mestrado, o mestrado e doutorado. E a minha trajetória toda está ligada à escola, está ligada a esse entendimento da função da escola, e a função da escola pra mim está ligada ao conhecimento, pra mim o problema da escola, a questão da escola é a questão do conhecimento. E hoje mais do que naquela época, meus primeiros escritos, a questão hoje está muito clara pra mim, e depois que eu me aprofundei mais em Vygotsky e no outro autor que chama Davydov, que não importa o conhecimento enquanto tal, mas o processo mental do conhecimento. De maneira que para mim o objetivo da escola é o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos por meio dos conteúdos. Então, os meus críticos não se

cansam de dizer, e eu não me canso de contra argumentar, que eu sou conteudista. É, mas eu não me incomodaria de ser chamado de conteudista desde que fosse entendido... o entendimento de que o conteúdo que eu defendo é o conhecimento do processo mental, ou seja, como é que os conteúdos ajudam a desenvolver o pensamento. Eu não abandonei este posicionamento de 30 anos, mas eu fui aprimorando, eu acho, a minha compreensão disto. Bem, o que, que tem haver com as diretrizes curriculares?

A partir da gestão Lula acho que em 2004/ 2005? Eu quero dizer, para não esticar muito a conversa e as coisas que estou dizendo tão já escritas, se for o caso de aprofundar isso... é de que a política do MEC [Ministério da Educação], a partir da gestão Lula, não exatamente no começo, mas ali no terceiro ano, que foi se definindo um entendimento de que as políticas educacionais se orientassem para a diversidade social e cultural, eu creio que foi 2005/2006, mas foi em 2007 que ficou muito claro, embora, ainda com muita precariedade, mas ficou claro que o MEC - os técnicos do MEC ligados ao PT definiram que as políticas educacionais teriam como foco o atendimento à diversidade social e cultural. É claro que políticas orientadas por este objetivo ... elas acabam também determinando a orientação da escola. Então a escola passou a ser entendida como o lugar de atendimento à diversidade cultural. Para formular isso de uma maneira lógica: o objetivo da escola era o atendimento a diversidade sociocultural. Bem, eu entendo que a diversidade sociocultural é algo inerente ao ser humano, a diferença é constitutiva do ser humano e não existe nenhuma educação, nenhuma prática educativa, seja escolar ou não, que não considere a diversidade sociocultural. O problema é que este modo de definir as políticas em geral e as políticas da escola acabou, no meu entender, tirando o foco do objetivo da escola para o desenvolvimento do pensamento dos alunos; tirando o foco da escola do conhecimento para a diversidade sociocultural. A minha posição é de que escola, o objetivo da escola, é uma escolarização igual, por meio de um currículo comum, para sujeitos diferentes. Eu acho que focar o currículo na diversidade social e cultural desfoca o objetivo básico da escola. Por quê? Porque a missão social prioritária da escola é a sua missão pedagógica, e, portanto, eu não posso subsumir a missão pedagógica da missão social; eu não posso sobrepor à missão pedagógica a missão social, porque nesse caso o que nós temos então, no fim das contas, é um esvaziamento do sentido de escola, é um esvaziamento do conteúdo e da formação do pensamento, a desfiguração do espaço escolar como lugar de formação de capacidades cognitivas e de desenvolvimento

global de sua personalidade. Então, no meu entendimento, essa política colocou a escola como estratégia do Estado para a solução de problemas sociais e econômicos e aqueles que possam comprometer a ordem social e política. E é uma política educacional muito mais de prevenção e remediamento de conflitos sociais do que de cumprir a sua missão básica, essencial, democrática que é a formação cultural e científica dos alunos visando o desenvolvimento do pensamento. Então eu estou criticando hoje a escola como agência de serviços sociais públicos. Então eu acho que o sentido republicano de escola, o sentido democrático de escola, é exatamente assegurar a justiça social na escola pelo acesso a todos dos conteúdos culturais e científicos como meio de ampliação, de promoção e ampliação de desenvolvimento dos processos psíquicos superiores em articulação direta com a diversidade sociocultural. Mais uma coisinha pra firmar minha posição, que eu trabalho... meu trabalho de teoria e pesquisa é um trabalho numa perspectiva de esquerda, e eu acho que... uma posição de esquerda não pode escolher entre a igualdade e a diferença, e as políticas do MEC no meu entender sobrevalorizam a diferença em prejuízo da igualdade. Por quê? Porque se você dissolver o papel da escola como... o papel do conhecimento como direito universal diz respeito a igualdade entre os seres humanos. Então uma política para todos deve ao mesmo tempo atender o princípio da diferença, mas também ao princípio da igualdade. Eu entendo, portanto, que as diretrizes da pedagogia já foram impregnadas desta orientação política do MEC e por essa razão imaginou-se que: da mesma forma que a escola serve para tudo..., essa escola como é que o Nóvoa diz? Essa escola transbordante... do mesmo modo que a escola serve para tudo o professor também tem que servir pra tudo. E como é uma política de assistência social e muito mais que uma política pedagógica, no fim das contas, o papel da escola fica reduzido ao que os documentos do MEC dizem educar, cuidar e educar. E eu novamente preciso dizer que eu não sou contra ao cuidado, não sou contra ao acolhimento de modo algum, e toda educação acolhe, todo professor acolhe, toda escola tem que ser acolhedora. Mas eu não posso aceitar que a escola tenha o seu papel reduzido ao cuidado e ao acolhimento. Bem, eu escrevi também um texto sobre isso, também não sei se você conhece, o texto se chama: “O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres” [3]. As diretrizes da licenciatura em pedagogia já estão dentro dessa orientação das políticas que eu estou criticando, em 2010

---

<sup>3</sup> <http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n1/aop323>

foram feitas as diretrizes curriculares para a educação básica dentro dessa mesma orientação, de secundarização do conhecimento em favor de uma escola de assistência. E a forma mais completa desse modelo é o que se chama a Escola Integral ou o Programa Mais Educação. Eu já fiz uma análise detalhada do documento Educação Integral onde eu mostro que o papel da escola tá desfigurado... *desfigurado*. Então a minha lógica é muito simples, se você desfigura o papel da escola, se a escola perde a sua identidade e *vira um monte de coisa*, o assunto conhecimento e o assunto formação do pensamento somem para dar lugar a outras funções que deveriam caber a outros setores do governo; se você desfigura a escola, você também desfigura a identidade do professor, esta é a crítica talvez hoje mais forte que eu faria às diretrizes. Ela compromete a identidade profissional do professor.

**M** – Diante dessas críticas das diretrizes, essa análise mais ampla, não posso deixar de perguntar então se o senhor tivesse esse poder, passado quase 10 anos das diretrizes, se o senhor tivesse o poder de alterá-la como o senhor alteraria? Quais as modificações que o senhor faria?

**L** – Ok, ok, ok! É eu fiz há 2 ou 3 anos atrás uma pesquisa aqui no meu estado, que é uma pesquisa que eu acho muito importante para responder essa pergunta sua. Eu pesquisei os 41 cursos de licenciatura de pedagogia do meu estado. Eu queria saber nessa pesquisa, três coisas: qual é o lugar, qual a percentagem da carga horária total do curso, qual é a percentagem que cabe, que está destinada ao que eu chamo de conhecimento profissional específico de professor, tá? E eu entendo que conhecimento profissional específico de professor é: didática, metodologias específicas e conteúdos do Ensino Fundamental que os professores vão ensinar na escola. Essa pesquisa está pública também, eu escrevi vários artigos diferentes em torno desse tema e o que eu conclui basicamente dessas pesquisas: que em média 28% da carga horária do currículo é destinada a isso que eu chamo de conhecimento profissional específico... do professor; há uma série de conclusões, mas eu reconheci, porque eu estudei também as ementas, eu reconheci também nesses currículos uma didática muito frágil com forte caráter ainda instrumental, e uma didática genérica e retórica que passa longe da problemática teórica e prática, da natureza do campo do didático que é o ensino aprendizagem. As pesquisas aqui de Goiás, demonstraram uma total ausência de disciplinas de conteúdos específicos, não se ensinam os conteúdos que as professoras vão trabalhar na escola. Então as professoras saem dos cursos sem saber português, sem saber

matemática, sem saber ciências, etc. Eu também encontrei a desarticulação entre conteúdos e metodologias específicas, logicamente que se você não tem um ensino explícito dos conteúdos que as professoras... que as futuras professoras vão ensinar, então você tem metodologias de ensino separadas dos conteúdos. Observei também uma contribuição muito baixa das disciplinas fundamentos da educação às metodologias de ensino, então, o que acontece? As professoras saem sem o domínio dos conteúdos que vão ensinar, que acontece mais, metodologias de ensino sem conteúdo, *um total absurdo!* Imagine que um professor para a segunda fase de Ensino Fundamental e para o Ensino Médio... as demais licenciaturas tem 4 anos para ensinar biologia, 4 anos para ensinar língua portuguesa, 4 anos para ensinar química, 4 anos para ensinar geografia, enquanto que a professora que vai trabalhar com 4 ou 5 matérias ao mesmo tempo, porque ela é polivalente, ela não tem 1 hora sequer no currículo do conteúdo explícito que ela vai... irá ensinar as crianças. E, bem, a segunda coisa que eu constato, em outras pesquisas... ah sim, deixa eu dizer uma coisa: essa pesquisa que eu fiz aqui já havia sido feita pela Bernadete Gatti e uma colega, que ela fez essa pesquisa pegando amostras do Brasil todo. E a Selma agora fez essa mesma pesquisa só que ela fez em todo o estado; ela pegou currículos de... acho que tem duzentos e tantos cursos de pedagogia em São Paulo, ela conseguiu 147 cursos, até que foi bastante. O interessante é que as três pesquisas coincidem, tá? Eu ouvindo a Selma apresentar a pesquisa lá em Fortaleza, os gráficos e tal... É, porque é interessante você ter três pesquisas cujos dados conferem. Bem, a outra coisa que eu queria colocar como introdução pra responder sua pergunta, é que outra pesquisa que eu identifiquei é que o sistema de formação de professores no Brasil, ele possui dois formatos distintos: um no que se refere ao chamado curso de licenciatura em pedagogia e outro no que se refere às demais licenciaturas. Então a licenciatura em pedagogia, eu digo assim, simplificando o meu pensamento, eu digo assim que a licenciatura em pedagogia *tem muita pedagogia e zero de conteúdo*. E que nas demais licenciaturas que formam professores a partir do 6º ano, você tem muito conteúdo e pouca pedagogia. No caso da pedagogia eu ponho zero mesmo. Mas na licenciatura ainda tem aí um pouco de conteúdo. Qual é a questão chave que se põe aí? A questão chave que se põe aí é de que a formação de professores, independentemente da modalidade atendida, a ser atendida, ela tem a ver diretamente com a relação entre o conhecimento pedagógico e o conhecimento disciplinar. Por quê? Na lógica do meu raciocínio, segundo o qual a questão da escola tá vinculada ao saber, ao conhecimento, e

a partir daí é que nós vamos verificar outras relações importantes, incluindo a diversidade, se isto faz sentido, então, você tem o trabalho docente necessariamente vinculado a um saber. Eu não vejo o trabalho docente desvinculado de um saber. O professor não trabalha na sala com as crianças para atender a diversidade social, ele trabalha com as crianças para assimilar o conteúdo e desenvolver suas capacidades mentais, os seus processos mentais, e pra isso ele atende a diversidade, são coisas muito diferentes. E o que acontece então? A desvinculação do objeto de estudo, de um curso de pedagogia do conteúdo, dos saberes, dos processos de formação e dos processos mentais, leva a um, total empobrecimento do que eu chamo de conhecimento disciplinar. E isto leva então *ao absurdo... ao absurdo* de você ter uma carga horária considerável para os chamados fundamentos metodológicos do ensino ‘de’, *sem conteúdo*, embora alguns cursos denominem conteúdos e metodologia ‘de’, só que não tem conteúdos. Bem, isto leva a um monte de outras investigações, etc. É, entre elas, uma ideia clássica, uma ideia muito poderosa desde o começo da instituição dos cursos de formação de professores para as Séries Iniciais, que é essa ideia de que pedagogia é cuidado. E como ela é cuidado, o currículo tá centrado muito mais nas relações, muito mais no vamos dizer, no que eu chamo de interações: professor aluno, manejo de sala, gestão de sala, muito mais do que eu chamo de cuidado; a lógica do curso de pedagogia está centrada na lógica das relações e não na lógica do conteúdo ou na lógica dos saberes, para ser um pouco mais claro; enquanto que nas outras licenciaturas você tem o inverso, tá centrado na lógica dos saberes. Bem, com isto tudo que eu to simplificando e as coisas que eu tenho escrito... Com isso, eu Libâneo, vamos dizer assim, tenho o poder de reformular as diretrizes, jamais vou ter...

[...] porque do jeito que essas coisas estão aí, são mais 4 anos, mais 4 anos de escola pobre para pobre. É, mas tudo bem, eu primeiro distinguiria num curso de pedagogia a formação do pedagogo, vamos chamar, especialista, a formação do professor de Educação Infantil e de Séries Iniciais, e a formação continuada de professores; eu teria um curso de pedagogia com esses três blocos, no mesmo lugar. Vamos dizer que o curso de pedagogia, o pedagogo, especialista que eu defendo, ele faria estudos teóricos de pedagogia, preparação para investigação científica e para o exercício profissional no sistema de ensino nas escolas e outras instituições de natureza educacional e ensino. Há um monte... há uma lista de coisas aqui da utilidade de você ter um curso para formar o pedagogo, *stricto sensu* propriamente dito. Não vou falar a lista aqui, mas não é difícil de ter isso, tá publicado inclusive. Eu criaria

então um outro bloco para os professores para a Educação Básica, e depois um sistema de formação continuada, visando o atendimento aos professores da rede, à coordenação de atividades de estágio, estruturas de apoio didático metodológico, biblioteca, centro de documentação à disposição dos professores, publicações de periódicos de cunho pedagógico didático, etc., etc., etc. Eu criaria um espaço institucional para segurar a presença de professores das escolas nos cursos e eventos do curso de pedagogia, fazendo um pouco este vai e vem da escola para o estudo, do estudo para a escola.

Bem, e esse curso de pedagogia, eu acho que, a média, de horas aula, para o que eu chamo de conhecimento profissional específico é 28%, eu acho isso muito pouco, então eu queria reforçar, que chegasse ao menos a 50% isso que eu chamo de conhecimento pedagógico específico, que envolveria didática, metodologia, conteúdos, do ensino fundamental, eu quero que o curso de pedagogia tenha aulas de língua portuguesa, aulas de biologia, aulas, sistematicamente, e as metodologias específicas, de cada uma das disciplinas além das chamadas tecnologias educativas, este bloco todo, eu queria propor 50%, as chamadas disciplinas de fundamentos, todas, precisariam ser inteiramente refundidas, é, no sentido de que, de que elas, se voltassem, para a escola. Você pega aí cursos de pedagogia, pega em São Paulo, cursos, faculdades, Unesp, USP, as aprovadas, se, tem lá, sociologia da educação, o que você vai ter lá? Vai ter sociologia! Frequentemente desconectado de escola. E eu brigo muito com os sociólogos da educação porque, eles tem emprego na faculdade, fazem pesquisa sobre escola, mas eles não abrem a porta da escola, eles não entram na escola, eles, inclusive ficam desestimulando os próprios alunos da pedagogia:

- vocês vão ser professoras? O que eu acho uma desonestidade. E, da mesma maneira a psicologia da educação, eu já vi muitas vezes, a professora é de psicologia o que ela faz? Ela, ela organiza o currículo com Freud, Young, e está resolvido o curso de psicologia da educação, acho desonesto também. Então, as disciplinas chamadas fundamentos da educação, todas elas com ementas, obrigatoriamente voltadas para a escola. É, centraria o currículo com, com uma forte dose de pesquisa, a ideia de aprender pesquisando, isto faz parte na minha cabeça, da própria didática. Mas, isto implicaria uma revisão do lugar da pesquisa, mas nada desconectado das disciplinas.



Bem, resumidamente está aí, eu tenho até uma, imagem<sup>4</sup> que você pode até levar isso aqui se quiser. Como a disciplina mais importante do currículo, perdão, como a categoria de disciplinas mais importante do currículo é o conhecimento profissional específico, então eu acho que o coração do curso de formação de professores é a didática. Então eu acho que, o conhecimento didático do conteúdo, as metodologias, relações dos estudantes com o conhecimento que tem a ver com a psicologia, conhecimento do conteúdo, as práticas socioculturais, isto aqui é uma questão da sociologia, planejamento e uso do material didático, o tema do currículo.

---

<sup>4</sup> Imagem cedida pelo pesquisador - complementar à ideia apresentada



**M** – E como que ficaria a formação dos especialistas? O gestor, do ponto de vista da atuação, do diretor de escola, do coordenador, do supervisor,

**L** – Eu preciso, bem, esses na minha cabeça, por mais resistência que haja das colegas lá da Anfope essas habilitações seriam o conteúdo de um bacharelado em pedagogia. Que é aquilo que eu já falei daqueles três blocos que eu penduro num curso de pedagogia, ou faculdade de educação, bem eu entendo que a escola possui necessariamente uma divisão do trabalho. Eu acho que isso também está escrito, é o argumento que todo esse discurso da Anfope, desde o começo, desde os anos 90, o ponto de partida para essa dissolução do curso de pedagogia ( )

e essa ideia de reduzir o curso de pedagogia à docência, é, está ligado a um argumento ideológico. Que é a divisão social do trabalho. Eu argumento isso, inclusive nesse texto que eu estou te falando da Educação e Sociedade. Que é um discurso antigo da esquerda, que diz assim: todos são trabalhadores. Não tem distinção, entre o diretor da escola e as senhoras da merenda escolar, todos são trabalhadores, todos são educadores e atuam apenas num âmbito. São apenas funções diferentes, mas todos são trabalhadores, todos são educadores. Portanto, o coordenador pedagógico e o diretor na divisão social do trabalho, eles exercem o papel de dominadores, e os professores acabam colocados na função de dominados. Por mais que se possa achar aí, isso uma simplificação. Eu continuo achando que foi a partir desse raciocínio que apareceu esse mote da Anfope. Todos são docentes, o gestor é docente, o pesquisador é docente, o avaliador é docente. Então é com isso que vamos derrubar o pedagogo especialista, o que aconteceu então? Uma série de absurdos. Você pega qualquer currículo de faculdade, aqui, federal daqui, a católica, você tem, quando muito, uma disciplina de organização e gestão, as vezes com outro nome, de 60 horas, as vezes você tem o que se chamava antigamente estrutura e funcionamento de ensino, também com outro nome, e acabou gestão. Quer dizer, com 120 horas no total do curso, supõe-se que você forma o gestor, o diretor, o coordenador pedagógico, o supervisor de ensino.

Bem, eu entendo que é absolutamente crucial, você ter diretores de escola e coordenadores pedagógicos, preparados cientificamente e profissionalmente para assumir seus papéis na escola. E pra isto é necessário uma formação específica, as práticas de gestão implicam conhecimentos específicos. Não só do ponto de vista organizacional, administrativo, ... uma formação pedagógica, o coordenador pedagógico por exemplo, precisava conhecer muito bem epistemologia, ele tinha que ter uma noção muito boa do caráter epistemológico das disciplinas, ele não precisava ser matemático, mas ele precisava dominar o processo do conhecimento matemático, para ele poder/

Eu acho que a principal função de um coordenador pedagógico é assistir aulas dos professores. Para ajuda-los. Tudo combinado tudo acertado, numa prática cooperativa. Reuniões de trabalho, atividades de pesquisa, etc. Eu tenho aqui uma lista de atribuições da coordenação pedagógica que são práticas profissionais, muito específicas. Enfim, eu quero todo esse pessoal num curso de pedagogia, num bacharelado, para formar esses profissionais, isto é de justiça, para resolver a pergunta: Para que servem as escolas. As escolas servem para

ajudar os alunos, a desenvolverem seus processos de pensamento por meio dos conteúdos, é simples de dizer, mas tem uma complexidade imensa nisto. É Margarete, é assim, em linhas gerais, isso que eu penso sobre a formação do especialista.

**M** – Quantos anos teria esse profissional para aprender?

**L** – Ahhh... 4 anos! Os dois cursos 4 anos. Uma boa política de estágio, uma boa política curricular, uma boa política de pesquisa, dentro desses cursos. Dos dois cursos.

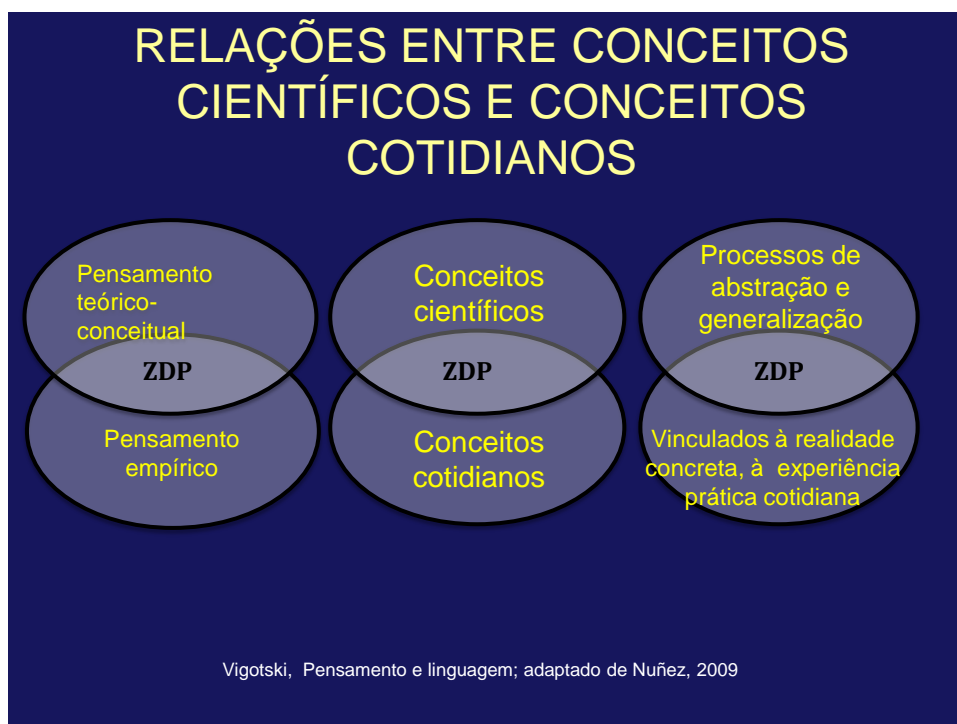
**M** – Acho que a última pergunta para se estender ainda mais...

**M** – Uma das críticas que o curso tem recebido é a questão da teoria e da prática. Todas as críticas voltam-se à essa questão, pouca teoria muita prática ou muita teoria pouca prática, como que o senhor...

**L** – Você sabe... você está me perguntando, mas você também sabe a resposta. É,... existem hierarquias de poder, de campos científicos, e, muito claras. Nos cursos de pedagogia e nas licenciaturas. Por exemplo, é sabido que a grande maioria dos colegas que ensinam filosofia da educação, eles não tem vínculos com as escolas, não tem vínculos com os trabalhos dos professores, eles não tem vínculos com a problemática da escola. O que acontece? Teoria, muita teoria desvinculada da prática. Da mesma maneira se aplica a todas as disciplinas dos fundamentos da educação. É, talvez seja um pouco retórico. É isso que eu, que a gente diz, muita gente diz e eu também digo. Nenhuma teoria deveria estar desassociada da prática, assim como nenhuma prática devia estar desassociada da teoria. Eu não concordo por exemplo, com argumentos de colegas - uma representante clássica desse pensamento é a Guiomar e, as vezes também a própria Bernadete também tem esse raciocínio - Que o curso de pedagogia devia se centrar na formação prática do professor. Eu não gosto dessa maneira de entender. Eu acho que o que resolve o problema da teoria, da relação teoria e prática, é um entendimento de que o processo de ensino deve estar diretamente articulado com os processos de investigação. O que significa entender a pesquisa, como metodologia de ensino, nas matérias. A pesquisa como investigação da prática. Quer dizer, ela é tanto instrumento de ensino, como concepção de currículo. Eu tenho medo de que esse modo de formular fique parecendo que eu quero simplificar o currículo de formação na pesquisa, não é isto. Quer dizer, a pesquisa aparece como uma condição instrumental para disciplinas de conteúdo, para as disciplinas de estágios. É isto que eu acho. Assim o tema da teoria e da prática, na verdade,

para entender um pouco melhor essa minha posição, era preciso entender uma formulação que eu faço, dentro dos estudos que eu estou fazendo.

.... Isso aqui foi uma, uma conversa que eu levei lá em Fortaleza, que eu fiz essa palestra<sup>5</sup> ....



Quero mostrar pra você, esse gráfico. Temos aqui o âmbito do conhecimento científico e temos aqui o âmbito do ensino aprendizagem, nós temos aqui, em relação a cada uma um campo científico.

Vamos pensar aqui biologia, química, matemática, mas podemos pensar aqui também na sociologia. Cada campo científico tem os seus procedimentos lógicos e investigativos. E esses campos científicos pressupõem modos gerais de investigação e solução de problemas. No processo de investigação científica os especialistas, os pesquisadores aplicam operações mentais para realizar suas pesquisas. Com o objetivo de ir constituindo os objetos de estudo. Procedimentos lógicos e investigativos, modos gerais de resolver problemas que vão levando a constituição dos objetos de estudo.

<sup>5</sup> Material de apoio cedido pelo pesquisador

## MEDIAÇÃO COGNITIVA E MEDIAÇÃO DIDÁTICA

### Mediação cognitiva:

o processo de mediação que liga o aprendiz ao objeto de conhecimento:

S ————— O

### Mediação didática:

Intervenção de natureza didática com a finalidade de ajudar o aluno a dar sentido ao objeto de conhecimento.

Processo que liga o formador à relação

Professor

S ————— O

38

Esta, quer dizer, é, que quando você vai ensinar física, você vai ensinar. E, do que se trata?

## ENSINO

Forma de organização intencional da atividade de aprendizagem. Mediação da relação ativa do aluno com o conteúdo.

Requer do professor:

- domínio do conteúdo
- conhecimento pedagógico-didático do conteúdo (metodologias e tecnologias)
- conhecimento dos contextos socioculturais de aprendizagem dos alunos

Descobrir, captar estes procedimentos lógicos e investigativos, é, porque eles vão se transformar nas operações mentais a serem desenvolvidas pelos alunos. O que a gente chama de pensamento teórico conceitual ou conceitos, então, nesse entendimento que eu trabalho.

É, quer dizer, que num processo de ensino o professor de certa forma, reproduz aqueles processos lógicos e investigativos do cientista. O que significa que, a melhor maneira de a gente aprender as coisas é você incorporar os conceitos, não o conteúdo enquanto tal, é eu incorporo os conceitos porque conceitos são procedimentos mentais, para lidar com a realidade. E como é que você faz isso? Colocando os alunos numa atividade investigativa, e pra mim isto vale para o ensino na formação de professores, e vale também no ensino para as crianças.

Trabalho docente:

Desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos por meio dos conteúdos.

Assegurar a atividade intelectual do aluno. Ensinar a pensar por meio dos conteúdos.

## APRENDIZAGEM:

processos de mudanças qualitativas mais ou menos estáveis na personalidade (modo de ser, de agir, de se relacionar com o mundo)

efetivados pela internalização de significados sociais, especialmente, conhecimentos, habilidades, valores,

por mediações culturais e interações sociais entre o aprendiz e outros parceiros,

as quais atuam no desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos indivíduos.

E, de maneira que, esses procedimentos lógicos e investigativos da ciência se transformam em operações mentais a serem desenvolvidos pelos alunos. É a partir deste argumento é que eu, eu afirmo isto. Que a garantia de articular teoria e prática é colocar a pesquisa como forma de ensino e como base da organização curricular, acho que, não sei se, deu pra esclarecer o meu pensamento.



O conteúdo da atividade de aprendizagem é o conhecimento teórico-científico e as capacidades intelectuais associadas a esse conhecimento.

Pela atividade de aprendizagem nos apropriamos dos métodos e procedimentos de busca dos conceitos científicos e, desse modo, ocorrem mudanças no nosso desenvolvimento mental.

Conceitos científicos e desenvolvimento das capacidades intelectuais estão em relação mútua.

Os meios socialmente desenvolvidos de lidar com o mundo dos objetos e transformá-los (especialmente os conhecimentos e os procedimentos investigativos da ciência e da arte) ...

por meio do processo ensino-aprendizagem

... se convertem em meios de pensamento e atuação da própria atividade do sujeito que aprende.

Resultado da aprendizagem:

Interiorização de meios cognitivos para a pessoa lidar com a realidade, os outros, consigo mesmos.

O ensino mais compatível com a aprendizagem que leva a pensar teoricamente sobre um conteúdo (pensar e atuar com conceitos) é aquele que articula dois processos em uma mesma ação:

- a) a apropriação dos conteúdos e
- b) o domínio de capacidades intelectuais (operações mentais) vinculadas a esse conteúdo.

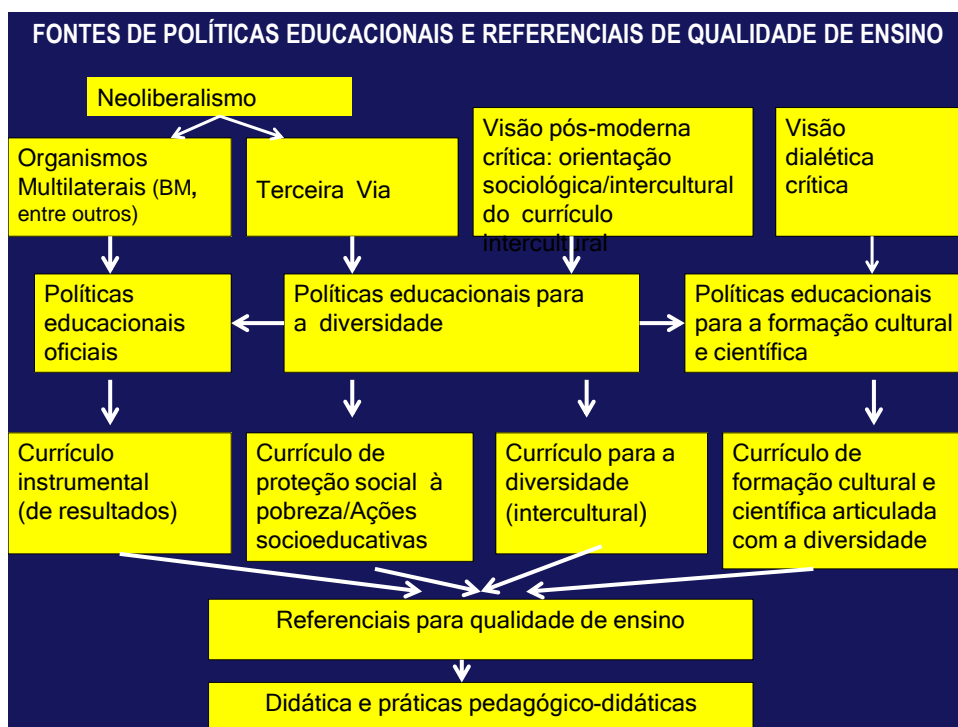
Os conhecimentos de um indivíduo e suas ações mentais (abstração, generalização, etc.) formam uma unidade. Segundo Rubinstein, “os conhecimentos (...) não surgem dissociados da atividade cognitiva do sujeito e não existem sem referência a ele”.

Portanto, é legítimo considerar o conhecimento, por uma parte, como o resultado das ações mentais que implicitamente abarcam o conhecimento; de outra, como um processo pelo qual se pode obter esse resultado, em que se expressa o funcionamento das ações mentais.

Conseqüentemente, é totalmente aceitável usar o termo “conhecimento” para designar tanto o resultado do pensamento (ou reflexo da realidade), quanto o processo pelo qual se obtém esse resultado (ou seja, as ações mentais). Todo conceito científico é, *simultaneamente*, uma construção do pensamento e um reflexo do ser e um procedimento da operação mental (Davydov, 1988).

M – Dá para identificar sim.

L - É, deixa eu ver aqui sua listinha... formação do especialista já falei, a legislação é adequada? É, eu vou te mostrar um outro gráfico aqui. Deixa eu te mostrar uma coisa aqui. Não sei se vai ser muito útil, mas pelo menos, é, eu tenho a chance de pelo menos, de você compreender mais o meu raciocínio. Eu acho a minha posição hoje, ..., que eu tenho falado e, estou levando isso para as palestras e dentro desta questão toda que estou trabalhando. Desigualdade social, desigualdade escolar, você tá vendo aqui esse gráfico.



Completando um pouco a primeira coisa que eu estava dizendo aqui na nossa conversa. Nas coisas que eu estou escrevendo que as políticas educacionais do MEC são ambíguas, e essa ambiguidade se estende a tudo mais, aos currículos, as escolas, as formas de organização e gestão, a formação de professores, as práticas de avaliação, etc. A ambiguidade, Margarete, não começa, não está no curso de pedagogia, a ambiguidade está nas políticas do MEC.

Você veja este gráfico aqui, eu acho que, são três fontes de políticas educacionais possíveis de ser identificadas hoje no Brasil. Aqui estão as fontes de políticas, aqui estão o que as políticas geram, que currículo ela gera, e como essas três fontes indicam referenciais de qualidades de ensino, e de como isso acaba afetando a didática e as práticas pedagógicas didáticas, podia até falar aqui, organização e gestão da escola, aqui, práticas de avaliação. Como é que essas três fontes: o neoliberalismo, que tem duas orientações, dentro do neoliberalismo você tem as políticas dos organismos multilaterais o banco mundial, eu tenho escrito muito sobre isso, e a terceira via, que é uma orientação é uma crítica ao neoliberalismo economicista e com pouca sensibilidade as políticas sociais, a terceira via é um capitalismo light, um capitalismo de conciliação, é um capitalismo de diminuição dos conflitos, é um capitalismo de compensação, de coisas para os pobres. O capitalismo, de ações sócio educativas, do Mais Educação, são bem típicas disso, a escola de tempo integral, quer dizer, você converte a escola num guarda-

chuva de políticas sociais, com o objetivo de conciliação, de formação dos alunos, para a solidariedade, e no final das contas, minimizar conflitos sociais. Quer dizer, a pobreza e as consequências da pobreza hoje são coisas muito prejudiciais ao capitalismo, então nós temos que transformar a escola num lugar de convivência. É, neste currículo de proteção social, desse currículo para diversidade. É, você tem duas políticas do MEC, uma é a política do currículo de resultados. São Paulo é um exemplo disso, aqui em Goiás também é um exemplo típico, dos 25 estados acho que pelo menos uns 18 tão aplicando as políticas que eu chamo de currículo instrumental de resultados. É um, municiado pelo sistema de avaliação. Pelas provas em escala. Tipo SARESP que também tem isto, as escolas estão hoje voltadas para preparar os meninos para fazerem os testes. E por outro lado, as políticas assistenciais, isso que eu chamo de ambiguidade. E, eu acho que é uma ambiguidade perversa, porque, ao mesmo tempo que o MEC com base na terceira via e com apoio de colegas dessa área por um lado, as políticas educacionais e políticas para a escola voltadas para o atendimento a diversidade, elas querem uma escola de assistência e de proteção social a pobreza, e uma escola que eu chamo de acolhimento, escola do acolhimento e da convivência. Este é o modelo organizacional que o MEC incentiva e, um exemplo clássico disto é a escola de tempo integral, seja onde for, São Paulo, aqui, a ideia que está sendo difundida pelas políticas públicas, é aquela coisa que a mãe vai pegar a criança na escola e pergunta pra professora que está entregando a filha, a mãe pergunta:

“- professora a minha filha, tomou banho, comeu?” ,

“- sim”.

“- então tá bom”.

E quando se trata de avaliar o desempenho do sistema o MEC aplica os testes, aqui você cuida, aqui você educa. Supostamente. Isto que eu acho perverso, eu acho que isto é, é uma, que se chama pedagogia da exclusão.

**M** – A partir de toda essa fala do senhor, o que me veio como uma síntese. Poderíamos dizer que aquela necessidade até de se elevar o status da formação do professor para o ensino superior, isso foi uma primeira fase. Estamos no segundo momento, pois trazer a formação para o ensino superior, isso de alguma maneira a diretriz fez, estamos no segundo momento? Porque tudo o que o senhor colocou de crítica às diretrizes, traz um novo olhar, o senhor

trouxe uma reorganização, um pensamento, que de alguma maneira não desconsidera nada que nós tivemos de histórico até agora.

A diretriz está aí, ela é um documento mas, é um documento, ele existe mas pode ser alterado, pode ser que essa alteração ela demore, existam outros interesses para essas alterações mas, nós estamos no campo, do pensamento, das nossas possibilidades, então, dentro desse histórico, nós tivemos um momento, que, o senhor considera que era necessário esse momento? Trazer a formação de professores para o ensino superior, isso foi superado e é um momento sim de se avançar e se colocar em prática novas mudanças?

**L** – Ok ! É, ok! É, vamos dizer que, com todas as contradições hein Margarete? Cursos normais como o Cefam, em São Paulo, eram melhores do que qualquer curso de pedagogia hoje. É,...tinha, eu tinha muito amor pelo Cefam. Assim como há notícias, e pesquisas de que, de que o curso normal, era muito bom, o curso normal cumpria muito bem a sua função, de uma maneira ate muito mais eficaz do que os atuais cursos de pedagogia, com base nessa legislação. Então vamos dizer que como princípio geral, é importante que, todos os professores sejam formados em nível superior, desde que esses cursos tivessem a qualidade necessária, e a qualidade necessária é aquela que prepara profissionais pro exercício profissional competente, para atender as necessidades das crianças. Dentro de um determinado perfil, que por sua vez depende da concepção de escola. Então eu bato muito nisso. Dependendo da concepção que você tem de escola, tudo mais vai estar subordinado.

Então nós estamos realmente num momento de oferta de cursos de formação de professores de ensino superior. Mas nós estamos num momento que os currículos de formação profissional de professor espelham a ambiguidade do sistema nacional de ensino, e no ponto de vista essa ambiguidade leva a uma debilidade das diretrizes, portanto uma debilidade dos currículos e portanto uma debilidade na formação. Assim, não sou eu que falo, tem que ver os dados, os dados empíricos, a realidade. Quer dizer, nunca a formação de professores foi tão frágil, deficiente. Agora, como é que você pode ter êxito nos exames na prova Brasil, na Provinha Brasil, se as professoras do país inteiro não sabem o português, não sabem a matemática e não sabem biologia pra ensinar ciências? Sem falar de educação física e arte, que é um descalabro total, quer dizer, é ruim falar mas, a quem atribuir o insucesso das crianças, na prova Brasil, nas provas SAEB ? A quem atribuir? Eu sei, colegas caem em cima de mim, você tá vitimizando os professores, não, eu tô vitimizando é o sistema mesmo, que a

ambiguidade da escola é a ambiguidade do sistema, que o sistema não sabe se cuida ou ensina, o sistema não sabe ligar ensinar e cuidar. Eu queria, eu quero saber como é que a diversidade sócio cultural, como é que as práticas sócios culturais envolvendo a diversidade sócio cultural, penetram nos conteúdos. Como é que, o professor, faz o movimento duplo, que vai das condições históricas sociais de vida dos alunos, onde estão implicadas as questões da diversidade, como é que isto um ponto de partida? Porque isto envolve os conceitos cotidianos. Na linguagem de Vigotsky, como é que isto sobe, aos conteúdos científicos. Como é que eu coloco as realidades sociais, a diversidade, o preconceito, as condições de vida, como é que eu coloco isto é no âmbito dos conceitos científicos das matérias, e como é que eu coloco a experiência do aluno como objeto de pensamento para não ficar na experiência, isso é pouco! Como é que eu transformo água em objeto de pensamento dos alunos? Quer dizer, como é que a seca dos reservatórios de água de São Paulo estão envolvidas nas relações sociais, estão envolvidas nas relações capitalistas de produção? Só posso fazer isso no âmbito da abstração, no âmbito do conceito. E daí o aluno reelaborando conceitualmente a sua própria realidade, volta à sua realidade. Vai à sua realidade, com esse caráter transformador. Mas, eu agora trabalho a minha realidade, com os conceitos, e isso tudo mediante a práticas investigativas.

**L** – Mas é isto, você tá perguntando para mudar o currículo de pedagogia, outras diretrizes, curriculares, essa não serve para o que eu estou falando, então fazer formação de nível superior do jeito que está, melhor deixar a formação de curso normal, porque não está ajudando nada. Os professores não tem conteúdo, você sabe disto ! Você pega professora de matemática, das crianças, ... vai lá nas escolas, lá em, São Paulo, não precisa ser nem de periferia, e, a professora não sabe..., ela não estudou o conteúdo de matemática, o que ela faz? Ela vai pegar o livro didático, mas ela não tem raciocínio matemático, ela não incorporou os procedimentos lógicos e investigativos da matemática, para ajudar a formar nos alunos operações mentais para pensar matematicamente. Então ela vai ensinar matemática errado, as professoras..., aqui em Goiás, “Ave Maria, como diz o povo”, é!, as professoras falam errado! Mas elas não aprenderam o português na faculdade no curso de pedagogia? As crianças imitam. Você sabe, as crianças reproduzem, se a professora fala: “nóis vai agora pro recreio...”, não adianta nada a gramática dizer que tem uma forma correta de falar, se nas suas práticas a professora... fala, errado.

**M** – Então tá professor...

**L** – Tá bom?

**M** – Acho que encerramos, gostaria de agradecer...

**L** – Valeu alguma coisa a minha conversa?

**M** – Ah! Lógico que valeu! Agradecer o senhor ter disponibilizado desse tempo...

**L** – Ahã...

**M** – Dessa conversa, trazer todo esse conhecimento, esse estudo, toda essa experiência com relação à educação e principalmente ao curso de pedagogia, para contribuir com meu estudo, que é um pedacinho, é só o começo, muito simples, mas que um dia, quem sabe, não chegarei a grandes discussões. Queria agradecer muito...

**L** – Ok Margarete, muito prazer de falar com você e te dar, dar meu depoimento aqui.

**M** – Muito obrigada!



QUADRO SÍNTESE DAS ENTREVISTAS

QUADRO 1 - ENTREVISTA - AQUECIMENTO

ENTREVISTADO	PERGUNTA	RESPOSTA
RELATOR	A primeira pergunta é que a senhora pudesse me contar, como que foi ser a relatora das diretrizes? Como que foi chegar até as diretrizes curriculares do curso de pedagogia? Um documento tão importante, para o curso de pedagogia do nosso país.	<p>Bom, primeiro que, como pedagoga por opção, pra mim foi uma grande honra partilhar com a conselheira Petronilha [<i>Petronilha</i> Beatriz Gonçalves e Silva], que à época era da Universidade Federal de São Carlos [UFSCar]. A conselheira Petronilha era da Câmara de Educação Superior [CES], e eu representante da Câmara de Educação Básica [CEB], havia chegado ao Conselho Nacional de Educação [CNE] em 2004 e fomos já participar da comissão de formação de professores. Uma das atribuições dessa comissão era resgatar as discussões sobre o curso de pedagogia que... após a LDB [Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional], o Conselho Nacional de Educação estabeleceu um prazo para fazer uma revisão, pra elaboração das diretrizes das licenciaturas e imediatamente, no ano 2000-2001 as diretrizes das licenciaturas de física, química, matemática, história, geografia, letras, elas foram elaboradas e foi também elaborado um parecer sobre a formação de professores, em 2001, foi um parecer do Conselho Pleno. Foi um parecer, isso é muito importante, um parecer que era do Conselho Pleno, quer dizer participava a Câmara de Educação Básica e a Câmara de Educação Superior, e esse parecer falava, orientava a formação de professores pra educação básica, no entanto, nesse período, quando se discutiu a formação, a educação básica e que se elaborou esse parecer, uma das reladoras foi inclusive uma professora aqui de Goiás, a professora Raquel Teixeira. Esse debate ocorreu no Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação, no entanto quando fizeram a revisão das diretrizes, quando fizeram a elaboração das diretrizes das licenciaturas, isso foi realizado somente no interior da Câmara de Educação Superior, ou seja, nós pensamos, o Conselho pensou a educação básica numa formação conjunta, no entanto quando foi se discutir cada área de formação, isso foi feito separado da educação básica, quer dizer, preparar professor de física, química, matemática, biologia, porém, fora do debate com a Câmara de Educação Básica, houve aí, uma grande fragmentação.</p> <p>Em 2004 quando essa comissão foi constituída, e já se iam vários anos que as outras diretrizes já haviam sido elaboradas e, as diretrizes de pedagogia com toda a complexidade e todo o debate que teve início desde a década de 80, com a formação das comissões, com a Comissão Nacional de debate sobre a formação de professores, criação dos fóruns de debate, depois da criação da Anfope [Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação], a pedagogia não conseguia romper em termos desses debates. Nós tínhamos então várias concepções, várias formas ou horizontes diferentes sobre a atuação do pedagogo: uma bem centrada naquilo que a lei, a LDB dizia, que a formação da orientação e da administração deveria se dar na graduação, que inclusive era algo extremamente contraditório, porque ao mesmo tempo dizia que pra você assumir um cargo de gestão você precisava de no mínimo dois anos de magistério, então isso era uma das contradições dentro da própria LDB. E considerando também, que o novo quadro que surgiu a partir de 1980, esse novo quadro já estabelecia outras formas de assumir atribuições e papéis na escola. Por exemplo, em vários lugares o coordenador, muitas vezes pedagógico ou coordenador de área, já não era mais o pedagogo que era o coordenador, podia ser qualquer um dos professores de licenciatura. Quer dizer, houve uma mudança também na forma de organizar a escola e, isso batia também na forma com que se deveria pensar então a pedagogia, tinha dois caminhos claros, mas logicamente não são só esses dois caminhos, não eram só esses dois caminhos: um que seria a licenciatura pra atuar de zero a dez anos e o outro que continuaria sendo um curso para as habilitações, no entanto, o curso pras habilitações ele corria numa série de contradições considerando a forma como que as escolas já se organizavam a partir de 80. Bom, e o outro dado que à época foi colocado pra essa comissão, que era muito forte, que a gente precisava ter coragem de apresentar uma proposta; uma proposta com responsabilidade; que tivesse o pé, encharcado daquele debate histórico de 20 anos sobre a Pedagogia, mas que a gente precisava apresentar uma proposta, porque a reflexão é importante mas chega um momento que, a reflexão, ela fica exaurida se a gente não tiver uma proposta, pra dar continuidade, pra fazer uma avaliação, até pra pensar se aquelas propostas, se realmente elas estão coladas a alguma dinâmica ou à dinâmica social, a essa necessidade da escola ou da vida escolar, da vida educacional escolar.</p> <p>É, foi pensado então que em um prazo de um ano, a gente deveria fazer as discussões nacionais sobre o curso de pedagogia.</p>
	Como foi o processo?	<p>Nós poderíamos dizer assim, passar para um segundo momento, qual foi o processo? O processo foi em um primeiro momento chamar todas as instituições, as entidades que estavam ao longo desses anos, na trajetória da discussão do curso de pedagogia, e também das licenciaturas, para um resgate histórico dessa produção - daquilo havia sido produzido, do que o Fórum pensava, do que a Anfope, Cedes [<i>Centro de Estudos Educação e Sociedade</i>], Anped [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação], Anpae [<i>Associação Nacional de Política e Administração da Educação</i>], pensavam e pensaram sobre o tema.</p> <p>Essa retomada foi extremamente importante, porque veio com a força daquilo que tinha sido produzido, mas também com aquela força que precisava ter - alguma proposta, vamos, enfrentar esse momento. Aconteceram muitos debates em nível nacional.</p> <p>As entidades foram imediatamente convidadas e vários, não vou dizer milhares porque seria impossível mas, dezenas e centenas de debates aconteceram. Fomos a vários cursos de pedagogia das universidades, fizemos várias reuniões e encaminhamos no sentido de apresentar então diretrizes que pudessem não só ter um parâmetro para a avaliação dos cursos de pedagogia; que a essa altura com as suas diretrizes já, vamos chamar assim, defasadas porque elas haviam sido aprovadas em 69, e o curso que ainda não tinha diretriz depois da 9394, da LDB, começamos então um processo inicial de discussão não só com essas entidades, mas também lá no Ministério da Educação [MEC]. Porque como todos sabem o Conselho Nacional, ele elabora as diretrizes, mas quem homologa essas diretrizes para que elas se tornem normas nacionais é o ministro da educação, então a partir do momento em que o ministro homologa, ela já não é mais, algo da produção interna do Conselho, mas ela é algo que</p>

		<p>deve orientar a educação brasileira, por isso que define diretrizes, como orientações, elas são mandatórias, não precisa consultar o Conselho, se elas devem ser implantadas, porque elas são nacionais e elas precisam ser implantadas, independente, da modalidade de instituição, se ela é pública, se ela é privada, se ela é comunitária.</p>
PESQUISADOR 1	Após o agradecimento às entrevistas....	<p>Bem, eu quero só me colocar, de onde eu falo...</p> <p>E um grande prazer tê-la aqui, você interessada na pedagogia e é o meu foco de pesquisa também. É, o que ocorre com as diretrizes sobre,/eu não falo nesse momento como Iria Brzezinski, eu falo de um movimento nacional que tem trabalhado especificamente com formação de professores, e a pedagogia é uma das facetas,/até o professor Ildeu de Moreira Coelho, que é nosso professor aqui da federal, ele foi o primeiro coordenador do comitê pró-formação, do educador. Que ele tinha, teve um pequeno núcleo em São Paulo, na PUC, e quando foi em 1980, ele assumiu o Comitê na Primeira Conferência Brasileira de Educação./Então esse nosso movimento, ele nasce junto com as Conferências Nacionais de Educação, num período que nós estávamos ainda na ditadura e que nós tínhamos um motivo muito forte: eliminar da formação de professores o currículo mínimo. Essa era nossa grande batalha. Era a eliminação do currículo mínimo. Porque o currículo mínimo, você sabe, ele atrela algumas disciplinas, todos os projetos, etc., e nós sabemos que os muitos Brasís nossos, muitos, eles precisam de curso de pedagogia que possam atender as necessidades pode ser... não pode ser local, só local, mas que pelo menos que atenda a necessidade na amplitude do Estado, como ente federado onde ele está. Então essa era a nossa grande crítica às diretrizes da época, que eram orientações do Conselho Federal de Educação [CFE], e esse movimento depois se transformou em Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação, eu presidi a assembleia de instalação em 1992, e de 80 até 92 nós fomos instalando o movimento, e assim nós fazemos até hoje.</p> <p>Nós, agregamos ao nosso trabalho as produções, fazemos os estudos e depois socializamos, esses estudos. Um exemplo é esse livro que eu organizei na minha... /eu fui presidente numa determinada época, aqui você pode ver a sequência com os presidentes, que eu começo com o professor Ildeu, e depois esse aqui até 2012 que eu estive presidente./</p>
PESQUISADOR 2		<p>Você conhece minha trajetória nessa discussão. Essa discussão começou em 1992, esta data já esta assinalada num dos capítulos de livro, aquele “Pedagogia e pedagogos para quê”, eu conto um pouco essa história. Em 1992 houve uma reunião da Anfope [Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação], lá em Belo Horizonte, eu acho; eu era da Anfope, eu era membro da Anfope, e, nesse momento, as posições ficaram muito distintas entre o pessoal que liderava a Anfope e as minhas posições. E, então, nesse momento eu, digamos, rompi com a Anfope e passei... fiquei do outro lado. Até hoje continuo do outro lado. É... esse movimento é... diferenciado, aliás, diferente em relação ao movimento da Anfope, foi compartilhado desde o começo, assim, explicitamente com a Selma Pimenta, e... claro, formalmente com publicações e com posições tomadas em encontros; eu compartilhei essas posições com a Selma, mas junto com outros colegas que ainda hoje estão juntos nisso. E hoje... são ... 22 anos. Que é um bocado de tempo, e pra mim hoje as coisas estão mais claras do que estavam até uns 5/6 anos atrás. Quer dizer, hoje eu tenho mais clareza ao menos de como é que... eu vejo o desenrolar desse tema da formação de professores no âmbito da licenciatura em pedagogia. /</p> <p>Eu estou fazendo uma introdução para não já dizer assim, tem elogio ou não tem elogio, e qual é a crítica. A mim, me parece hoje, que na verdade as diferentes posições em relação a currículo, formação de professores, avaliação: avaliação de sistema, avaliação de escola, avaliação de aprendizagem, tudo isso é hoje, pra mim, me parece muito relacionado com a resposta a uma pergunta chave: Para que servem as escolas? E especialmente: para que servem as escolas destinadas às camadas pobres da sociedade? E eu cheguei a essa pergunta, que aliás também... vem sendo feita por um outro pesquisador internacional que é o Michael Young. /</p> <p>Foi interessante que em algum momento há uns 8 anos atrás eu me pus uma pergunta, que na minha trajetória de pesquisador, de militante, eu me coloquei uma pergunta que eu achava assim, bem eu já fiz muita caminhada por esse campo da educação, da pesquisa, e papéis institucionais, orientação de tese e dissertações, e eu sempre lidei com teoria da educação, didática e organização da escola, são essas três áreas que eu sempre estive vinculado e nos últimos 10/12 anos o meu foco passou a ser a escola, mas especialmente o tema do ensino-aprendizagem, que é a área, hoje a minha área preferida. Mas aí eu comecei a me perguntar, no sentido de ligar o micro e o macro, comecei a me perguntar: quando e porque a escola publica brasileira decaiu? E aí eu comecei a estudar especialmente o tema da desigualdade social e desigualdade escolar, ou as relações entre escola e pobreza. E foi aí que eu enveredei para o assunto de: por onde e por que caminhos são geradas as políticas públicas para a escola? E aí essa pergunta que está frequentando diretamente a minha pesquisa hoje, que é isto: para que servem as escolas destinadas as camadas pobres da sociedade? E agora eu estou então, entendendo melhor, eu, pelo menos eu. Às vezes as outras pessoas já entenderam isto mas eu... é... em algum momento a gente faz síntese na cabeça da gente, na lógica da gente, na trajetória, no percurso do que cada um vai fazendo, a história de vida e tal, e aí... que eu acho que o problema da formação de professores para Educação Infantil e Séries Iniciais tem haver diretamente com a resposta a essa pergunta: para que servem as escolas? De maneira que isto me deixa mais a vontade hoje para dizer o seguinte: eu não tenho nenhum elogio às diretrizes curriculares da pedagogia.</p>

QUADRO 2 - DESTAQUES POSITIVOS DAS DCN’S

ENTREVISTADO	PERGUNTA	RESPOSTA
RELATOR	Destaques positivos da Diretrizes Curriculares	<p>1- Bom, caminhamos então no sentido de elaborar um documento que estivesse mais próximo dessa realidade de um professor, de um pedagogo professor entendendo a docência não de forma restrita ao trabalho da sala de aula, mas a docência que já se fazia presente em muitos municípios, a docência ampliada, porque também os docentes licenciados já passavam a fazer parte também dos quadros de gestores à medida que as eleições passaram a integrar a seleção a escolha dos diretores da escola, e não mais só o pedagogo poderia ser o diretor da escola. Então a docência ampliada significava, ou significa nas diretrizes, que o pedagogo, e também os outros licenciados, o pedagogo assume a tarefa ou as tarefas de cuidar e educar em várias dimensões: na gestão, na sala de aula e em outras áreas que não seja a área estritamente escolar, porque nós temos várias áreas de atuação pedagógica, concorda?... de formação que o pedagogo pode atuar, então esse foi, é! esse foi um dos eixos de orientação das diretrizes.</p> <p>2- Outro pensamento que me parece que foi extremamente inovador foi pensar já a pedagogia nesse novo contexto escolar, de novos sujeitos que chegavam à escola. A escola pública, ela precisava não só de levar a cabo o direito à educação e por isso o acesso deveria ser urgentemente promovido, no entanto, o acesso não era suficiente, era preciso também trabalhar para que a permanência e a conclusão fossem de qualidade e eu digo com justiça, com equidade, que os estudantes pudessem concluir nas suas, eu chamo muito na idade certa, a gente não sabe se a idade certa é sete ou oito mas, no sentido de que ele pudesse ter um acompanhamento e um desempenho correspondente, àquilo que é o seu desenvolvimento. Então, nesse sentido, princípios que foram pensados e que são extremamente importantes: é reconhecer a diversidade na escola e isso fica claro nas diretrizes da pedagogia; a importância de entender a relação planetária, a relação socioambiental, acho que são elementos novos, na formação de professores de zero a dez anos; e também, quando a gente passa a pensar já a estrutura do curso, a organização da proposta político pedagógica, que superamos aquela visão fragmentada anterior da divisão: 400 horas de prática, 400 de estágio, 200 horas de atividades acadêmico-científicas, culturais, porque é, aquela forma de pensar o currículo, ela era uma concepção de currículo, que o currículo ele era subdivido e competia então a instituição fazer uma proposta pedagógica que encaixasse dentro daquelas subdivisões.</p> <p>3- Então, esse foi um outro dado importante, porque nós tivemos clareza que o currículo precisa de ser pensado de uma forma orgânica, e aí se estabeleceu apenas a carga horária mínima para o estágio, favorecendo a autonomia das faculdades de educação para criarem os seus currículos a partir dessa realidade de novos sujeitos que chegam à escola. Então aquela estrutura curricular, a estrutura curricular da pedagogia... da organização do curso, ela é subdivida, em núcleo de aprofundamento e diversificação dos cursos: a subdivisão acho que ela é muito importante, o curso tem uma estrutura, tem um núcleo básico, e mesmo assim quando a gente faz apenas essa divisão, vamos dizer assim... didática, acaba que na cabeça, me parece, das pessoas que pensam o currículo, acham assim núcleo básico primeiro, depois vem o outro, depois vem o outro, e eu acho que isso dificulta um pouco a elaboração desse currículo orgânico.</p> <p>4- Veja, na estrutura do curso de pedagogia é respeitada a diversidade nacional, acho que esse é um dado fundamental, quer dizer que precisamos ter uma base nacional, mas o que que significa uma base nacional também para um curso de pedagogia se não tiver um mínimo de diálogo com a educação básica?</p> <p>Você não pode fazer um curso de pedagogia desvinculado da educação básica! Então, a base nacional da legislação é aquilo que é chamado, pela LDB, comunicação - área de comunicação, as áreas que tem organização na educação básica, então essa é a base nacional da educação básica. Quer dizer, também os cursos precisam conversar com essas áreas que são básicas na educação básica, são áreas que dão sustentação para fazer, vamos dizer assim, a conexão nacional, o que que é nacional? Eu tenho o nacional. Mas, eu não posso pensar assim: eu tenho o nacional, depois eu tenho o da universidade, que inclusive a própria LDB trata. O que é nacional, o que é regional, então eu chamo lá a parte do núcleo comum e a parte diversificada e essa parte diversificada nunca chega, concorda? Porque o núcleo comum toma conta de tudo, é como se não aprendesse português numa aula de dança, quer dizer, como se português se aprendesse de segunda a sexta na aula da professora de português, quer dizer, como estabelecer, esse diálogo? Quer dizer nós temos um núcleo de estudos básicos que sem perder de vista a diversidade e a multiculturalidade da sociedade brasileira, por meio de estudos apurados da literatura pertinente das realidades educacionais, como por meio da reflexão e ações críticas vai articular, todos esses princípios aqui.</p> <p>5- É! Todos esses princípios que estão aqui no artigo 6º da Resolução, que, vamos chamar assim, é Centralidade. É, a centralidade do curso, mas o curso, ele não é feito só com a sua centralidade, a centralidade ela forma um eixo que depois ela vai ser enriquecida com aquilo que faz parte, do que nós vamos chamar das atividades complementares, nós vamos chamar do núcleo de aprofundamento.</p> <p>Quer dizer, como pensar esse currículo? Acho que é um desafio, e eu acho que nós não conseguimos pensar nesse currículo como desafio.</p> <p>Bom, nessa estrutura do curso de pedagogia, nós temos então um núcleo de aprofundamento de diversificação de estudos e depois nós temos um núcleo de estudos integradores, e tem uma subdivisão de carga horária, agora quando fazemos uma subdivisão de carga horária, 2.800 horas, que fala assim: “dedicada às atividades formativas como assistência à aula e realização de seminários, participação na realização de pesquisas, consultas a bibliotecas, centros de documentação, visitas às instituições educacionais e culturais, atividades práticas de diferentes naturezas, participações em grupos cooperativos de estudo”, e quando faz essa divisão que é muito mais uma divisão didática, para conseguir organizar melhor esse currículo; quando se estuda os currículos, identifica-se assim uma fragmentação das 300 horas de estágio e 100 horas de atividade teórico-prática de aprofundamento em áreas específicas de interesses dos alunos por meio da iniciação científica, da extensão e da monitoria.</p>

		<p>6- Outro aspecto que eu acho inovador e importante também dessas diretrizes, foi pensar a formação de professores na perspectiva também de uma pesquisa, porque de primeiro a pesquisa vinha no bacharelado, professor não tinha pesquisa, pesquisa era no bacharelado, isso aí foi também um grande debate que aconteceu, quer dizer, nós não podemos formar um professor, sem ter uma mínima orientação sobre pesquisa, como se realizar uma pesquisa e a importância da pesquisa na formação e na chamada educação continuada quando ele está na realização do exercício profissional. Acho que esse também foi um elemento, ou talvez, um critério muito importante na elaboração dessas diretrizes.</p>
PESQUISADOR 1	Qual o elogio que faria às Diretrizes Curriculares do curso de Pedagogia?	<p>1- Então a Anfope, ela tem uma defesa fortíssima em relação às diretrizes: que o currículo não seja organizado por disciplinas, mas organizado por meio de, nós chamamos de eixos curriculares, pode chamar do que quiser. Então o elogio que eu faria diretamente às diretrizes atuais de 2006, é que sugere-se que o currículo seja organizado por núcleos, então eu vejo que é um avanço muito grande. /</p> <p>2- O ponto alto eu acho que é a organização curricular. Um outro ponto alto, que eu acho interessantíssimo, é que cada instituição, preservando o núcleo básico, ela pode ter o curso de pedagogia que ela desejar, isso as diretrizes nos dão liberdade, só que as instituições não estão sabendo usar deste direito, está lá claro, e nós conseguimos isso com a professora Clélia a partir dos grandes movimentos, e não éramos, não somos só nós que defendemos isso, são cinco entidades científicas que trabalham em conjunto: a Anfope, a Anped, [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação], o Forumdir [Fórum Nacional de Diretores de Faculdades, Centro de Educação ou Equivalentes das Universidades Públicas Brasileiras], que é Associação dos Diretores de Faculdades e Similares de Educação Pública, a outra instituição é a Anpae [Associação Nacional de Política e Administração da Educação], que você deve conhecer.</p> <p>3- Até eu queria trazer pra você um livro que nós publicamos aqui, eu e do nosso professor, mas eu não tinha um volume em casa, é ... casa de ferreiro minha querida/ é sobre identidade profissional/ , eu defendo nesse livro a identidade profissional, com base na docência, mas ele é um pedagogo que eu denomino de <i>unitas multiplex</i>, que, não fui eu que inventou essa expressão, ela vem de Carrolo, um estudioso chileno, de formação de professores e significa o seguinte: eles não chamam de pedagogo, eles chamam de professor, mas esse professor da pedagogia, eles chamam de metodólogo, no Chile, assim como em Cuba, todo pedagogo é metodólogo. /</p> <p>Então, você está vendo que eu sou de um materialismo histórico dialético e não abro. /Sou persistente, que o meu curso de ciências sociais me propiciou a estudar isso com profundidade. /</p> <p>Bem, essa expressão [<i>unitas multiplex</i>], ela indica que o nosso pedagogo das diretrizes e ali a gente encontra respaldo nas diretrizes 2006, que ele é, um professor, ele é um pesquisador, porque não existe professor sem ser pesquisador, e ele é um gestor. Agora, o que tem sido interpretado, às vezes equivocadamente, que esse gestor é que ele é apenas o diretor de escola, não é isso. Primeiro ele é o gestor da sala de aula, você não abre mão de ser o coordenador geral da tua sala de aula como pedagogo, não pode abrir mão.</p> <p>Então por isso que a gente não pode ter um currículo <u>mínimo... mínimo</u>, nós podemos ter uma base. Que nos dá uma garantia de identidade. Então, currículo mínimo <i>versus</i> base comum nacional é a nossa defesa, e isso está subliminarmente, expresso nas diretrizes, a base comum nacional, mas tem lá a defesa da docência, então foi o grande ganho do movimento nas diretrizes: é a docência como base de formação.</p> <p>4-Bem, já te dei os pontos positivos, que são, são muitos, o outro ponto que eu queria enfatizar, eu acho que daí eu já fecho todas suas questões, é que as habilitações tradicionais foram extintas, porque eram uma herança da tendência pedagógica tecnicista, nem era tecnicista, é tecnocrata militar. Porque para governar você divide os saberes, você não deixa fazer uma coisa totalizante, dialética, você divide cada um na sua caixinha. Então era o saber do orientador, era o saber do inspetor, era o saber do planejador, era o saber do administrador. Então foi um grande ganho, a habilitação ser extinta, sobre a nossa perspectiva, porque a gente tem um currículo mais totalizante./ Agora esse gestor, ele começa a ser o gestor da sala de aula, ele pode ser o gestor de um curso como coordenador, ele pode ser um supervisor quando ele trabalha com a relação com os professores, é um gestor, todos eles são gestores, e ele pode ser gestor do sistema nacional de educação, por exemplo. Então, é um gestor com uma visão bastante ampla. E é isso que nós temos como identidade do pedagogo./</p>
PESQUISADOR 2		

QUADRO 3 – DESTAQUES NEGATIVOS DAS DCN’S

ENTREVISTADO	PERGUNTA	RESPOSTA
RELATOR	Destques negativos da Diretrizes Curriculares	<p>É então, se tem as diretrizes; são ótimas? Não, não são ótimas. Poderiam ser melhores? Poderiam. Mas nos falta divulgação, nos falta uma implantação com debate e nos falta avaliação. Então se você me pergunta hoje o que precisa nessas diretrizes, eu vou perguntar é pra você que tá implantando o que é que você acha que precisa. Eu devolvo a pergunta pra você. [...]</p> <p>Por quê? Porque o pessoal espera uma cartilha. Você veja esse debate hoje da educação básica sobre a base comum nacional, O que a comunidade, parte da comunidade educativa, espera? Que saia uma relação de conteúdos que a escola precisa administrar. Isso gente, foi da década de 40, que eu tinha uma lista, tudo bem, a lista acabou? Acabou, o que, que passou a ser a lista? O índice do livro, porque também? Porque os nossos professores, eles têm uma certa dificuldade para criar, por isso que eu falo com minhas alunas assim: “vocês falam, ah curso de pedagogia tem muita teoria”, quem tem teoria, cria, quem não tem teoria, copia. Eu não acho que tem muita teoria no curso de pedagogia, não acho que é isso, acho que a gente, muitas vezes tá partindo, não da etapa correta, nós estamos deixando uma primeira etapa ser substituída pela segunda, porque a gente não está entendendo quem está chegando. Eu fiz pedagogia na década de 70, 60 que era uma coisa, até a década de 80, você podia até trabalhar da mesma forma, mas eu não acredito que a partir da década de 80 você possa trabalhar, o que que mudou desse período pra cá? Eu não posso falar, porque eu não estou dentro das faculdades, estou voltando agora, fiquei fora muito tempo, eu falo agora pelo que eu conheci da educação básica.</p>
PESQUISADOR 1	Qual a crítica que faria às Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia?	<p>1- nós perdemos uma tese que o movimento defende há muito tempo, ponto negativo das diretrizes. É exatamente a identidade da pedagogia como ciência, o que, que nós desejávamos? Que o curso fosse chamado assim: <u>curso de graduação plena em pedagogia</u> e não <u>diretrizes curriculares nacionais para licenciatura plena de pedagogia</u>, que é o que saiu. Que nós entendemos que só a licenciatura restringe a amplitude da atuação do profissional que... pelas diretrizes eles determinam a formação, agora é lá no movimento social, é nas relações sociais, é lá na escola que se define a atuação do pedagogo. E a atuação do pedagogo não se restringe a docência. Então nós perdemos essa tese, que nós queríamos um curso de graduação em pedagogia em que bacharelado e licenciatura estivessem articulados, então esse foi o grande defeito, se você quiser colocar como ponto <u>altamente negativo</u>.</p> <p>E por quê? Não foi por causa dos conselheiros não. Foi por uma questão legal, que quando o parecer foi dessa forma para o ministro homologar, o jurídico devolveu e disse: “vocês estão afrontando a LDB”, era até uma ousadia dos conselheiros, ultrapassar essa questão, e daí disseram: “não, tem que se fixar na LDB, no artigo 62 da LDB”, que diz lá bonitinho: “você tem que formar o professor, admite-se o ensino médio para formar o professor da educação infantil, do ensino fundamental até a quinta série”, que nós não concordamos, que nós julgamos que todo profissional da educação deve ser formado em nível superior. Lá o 62 daí remete pra o 64, que é onde fala das habilitações, que pode ser dada na graduação ou na especialização ou no mestrado, que você pode dar, então esse foi, do movimento foi o que nós perdemos e nós achamos que é um ponto altamente negativo das diretrizes. /</p> <p>2- Tem mais um, e aí, independe das forças tanto dos movimentos sociais quanto dos conselheiros progressistas do Conselho Nacional [CNE], o que, que acontece na base da formulação das diretrizes? Está pautado exatamente na formação para o mercado de trabalho e não está pautado na formação humanística do pedagogo, então, porque que aparecem lá <u>15 competências</u> dentro das diretrizes? Por quê? Porque é para atender o mercado de trabalho e não é pra atender um curso pautado numa epistemologia humanista, porque o pedagogo, ele necessariamente tem que ser formado com os princípios humanistas, então aí tá o grande nó das diretrizes. Porque como era padrão o modelo das diretrizes, no conselho, para todas as diretrizes do ensino superior tinha que ter arrolado as competências, era um esqueminha assim: perfil que se quer formar e as competências que são o núcleo da formação, esse é um crime que se cometeu, pois as competências são decorrentes da formação e não são o núcleo da formação do pedagogo. Porque tem em todos os cursos, <u>todos</u> os cursos do ensino superior, foi o modelo que o MEC impôs. Que foi a Sesu, Secretaria de Educação Superior. Houve essa imposição porque os tecnicistas estavam todos lá na Sesu. Que era o pessoal do Fernando Henrique Cardoso, foi no governo dele que começaram a ser elaboradas essas diretrizes e com o grande mote que iam acabar com o currículo mínimo, que era o que eles eram contra a ditadura como todos os movimentos sociais são. Então eu acho que tem muitos pontos negativos, agora a gente tem que falar da coisa boa, né? (ri)</p> <p>3- as diretrizes sustentam a existência de um sistema de certificação... e esse sistema de certificação é a grande regulação do estado, que acaba tendo um modelo, um modelito, que interfere no reconhecimento dos cursos, por exemplo. Então você não pode fugir daquele modelito das competências, você entende como as diretrizes, elas avançam, mas ao mesmo tempo elas, pelas injunções jurídicas, elas retrocedem?</p>
PESQUISADOR 2		<p>Eu acho que, se eu fosse achar alguma coisa no contexto desse debate todo que ocorreu uma posição pró-Anfope e uma posição anti-Anfope, foi esse entendimento de que a resolução chama <i>licenciatura em pedagogia</i>. E <i>não curso de pedagogia</i>. É um curso de licenciatura em pedagogia. Mas aí as coisas, eu imagino que você não estranha essa minha posição, a minha resistência a esta resolução, que é resistência ao modo de pensar e operar da Anfope, ... eu não acho que um curso de formação devesse se chamar curso de pedagogia, de maneira que eu também não acho que o egresso desse curso se</p>

		<p>chame pedagogo.</p> <p>Então é um curso de licenciatura para a Educação Infantil e Séries Iniciais. Então a questão que me parece crucial.... é que eu tenho um raciocínio de que há um sentido amplo de pedagogia e um sentido estrito. E o sentido amplo de pedagogia, é de que a pedagogia é um campo teórico, é um campo teórico investigativo. E com todas as restrições que muita gente faz a essa expressão, vamos dizer assim: a pedagogia é um campo científico, ela tem o seu corpo conceitual, ela tem os seus processos investigativos, ela tem as suas regras de validação da investigação, ela, na minha maneira de ver, ela resolve requisitos do campo epistemológico. Então eu acho que pedagogia tem um sentido amplo e um sentido estrito. E é claro que sob certo ponto de vista, todos os profissionais que trabalham, que atuam no âmbito de... vamos dizer de transmissão de saberes de modos de ação, todos esses, todo mundo que trabalha com formação humana, saberes, modo de agir, todos são pedagogos. Eu não sei por que chamar de pedagogo o professor das Séries Iniciais e não chamar de pedagogo o licenciado em química, em física, como não chamar de pedagogo o professor de Ensino Superior. Quer dizer, então, nesse sentido, todos somos pedagogos. Agora, no sentido estrito, a pedagogia acaba se desdobrando, em vários subcampos como é o caso da teoria da educação, a didática, a história da educação e todas as demais ciências e sociologias da educação, história de educação e etc. E, de maneira que nesse sentido, uma coisa é a pedagogia e outra coisa é a docência. Então eu não posso concordar, desde o começo eu me firmo nessa oposição da redução do campo profissional da pedagogia à docência ou até como eu costumo dizer uma condição simplista e reducionista de pedagogia. E, portanto, do exercício profissional do pedagogo.</p>
PESQUISADOR 2	Já que o senhor tem várias críticas ou não consegue trazer ou não consegue identificar o que seria de elogioso por conta dessas críticas, qual seria a maior crítica às diretrizes? Quais seriam os 2 ou 3 pontos cruciais que mereceriam uma crítica mais fervorosa?	<p>É, eu vou tentar, é muita coisa. Eu não sei se você conhece o meu texto da Educação e Sociedade, que se chama: “Diretrizes curriculares da pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional”.</p> <p>É, esse texto é o mais incisivo,... É, nesse texto é que eu falo... por exemplo, primeira coisa... ele se destina a formação de professores para um monte de modalidades, Educação Infantil, Anos Iniciais, Ensino Médio na modalidade Normal, Educação Profissional na Área de Serviços de Apoio Escolar, mas não há nenhuma orientação nas diretrizes sobre a formação específica a cada um desses cursos. Então não é só a crítica que muita gente faz de uma formação genérica. É uma formação difusa, é uma formação fragmentada, quer dizer, é uma licenciatura única para várias modalidades de ensino que tem peculiaridades totalmente identificáveis. Por exemplo, como é que pode formar em 3 anos e meio, em 4 anos, 3.200 horas, um profissional para a Educação Infantil e para as Séries Iniciais? Não estou nem falando dos outros cursos aqui, meio malucos. E, até onde eu sei, a titulação que o egresso recebe é licenciado em pedagogia.</p> <p>Bem, a segunda crítica, muito forte, é o que eu chamo de <i>pulverização da noção de docência</i>. Então se você pega o artigo 4º e parágrafo único da resolução, você tem lá, que as diretrizes são elaboradas pra formar na docência, na gestão, no planejamento, na coordenação, na avaliação de atividades educativas, o que eu acho um absurdo, que é um <i>entendimento genérico de atividades docentes</i>. Esse tipo de coisa, assim eu já discuti muito, você conhece muito bem essa discussão, uma coisa, Margarete, é você formar, é você ter espaço no currículo de formação de professores, para as Séries Iniciais, para a participação na gestão, estou absolutamente de acordo, prego isso. Eu já fui diretor de escola 12 anos da minha vida, quando você estava contando a sua trajetória, eu também fui diretor de escola, 12 anos, e então, assim, uma coisa é... /</p> <p>... até o livro que eu escrevi: “Organização e Gestão”, tá escrito lá com todas as letras: “este livro se destina a ajudar a preparar os professores para participarem das práticas de gestão, processos de tomada de decisão,” e enfim... Outra coisa é você institucionalizar que este curso de 3.200 horas forma o gestor. Isto pra mim <i>é uma brincadeira</i>, total. Assim, não... não vejo sentido. E, isto é explícito nas diretrizes. É, aí neste, eu creio que o principal dele é essa ideia de que o curso de pedagogia forma para a gestão, para o planejamento, para a coordenação, para a avaliação e etc.</p> <p>A terceira crítica, acho que, a primeira eu já falei que é misturar pedagogia com formação de professores. A terceira crítica é a confusão conceitual, acho que as diretrizes sofrem de uma <i>pobreza conceitual imensa</i>, ela não dá conta de resolver conceitualmente temas centrais da teoria pedagógica, e minimamente educação-pedagogia-docência. Um termo é tratado pelo outro, e o termo principal fica subsumido no termo secundário que é a docência como objeto do curso de pedagogia. E, se for levar em conta também outros termos como gestão, avaliação é visível a <i>dubiedade</i> terminológica da resolução, por exemplo, em algum momento diz: “o objeto do curso de pedagogia é a docência”, e em outro momento diz: “não, ele prepara para atividades educativas”, se você fizer uma análise detida você vai ver lá que em alguns momentos ele diz: “esse curso se destina a formar professores para o exercício profissional em atividades educativas”, em outros momentos para as atividades docentes. Atividades educativas e atividades docentes é a mesma coisa? Tudo se mistura?</p> <p>Outra questão séria esta imprecisão do percurso curricular para a Educação Infantil e para as Séries Iniciais.</p> <p>Sem falar das outras finalidades que são colocadas ali logo no começo: Ensino Médio e etc. Alguns cursos estão fazendo, estão diferenciando Educação Infantil e Séries Iniciais. Mas são coisas tão diferentes... são exercícios profissionais tão distintos. Então, o problema do percurso curricular não diferenciado.</p> <p>A outra questão é a questão das habilitações, perdão, vamos falar primeiro das atribuições docentes, é um total “samba de crioulo doido”. O docente vira um super profissional ... ele tem que fazer um monte de coisas. E a redação dessas atribuições mistura objetivos, conteúdos, até recomendações morais, gerando superposições e imprecisões quanto ao perfil do egresso. Mas esse, depois eu vou tentar explicar na minha maneira de ver hoje sobre esse, esse tema desta diversidade, não era esta... como é que se diz? Essa mistura de atribuições de todo tipo.</p> <p>.... O tema das habilitações, o artigo 10 determina a extinção de todas as habilitações decorrentes da legislação anterior, mas aparece num artigo à expressão que é.... sobre a atuação profissional desse</p>

		pedagogo, entre aspas, e que levaria ao curso, no currículo do curso, aprofundamento e diversificação de estudos voltados às áreas de atuação profissional; áreas de atuação profissional é outro nome de habilitação. Então aqui ela extingui as habilitações antigas, anuncia que elas podem existir, no entanto, não há nenhuma orientação mais explícita e nem sei como é que os cursos estão fazendo isto hoje. E o artigo 14, na minha avaliação pelo conjunto das críticas, o artigo 14 é inteiramente descabido. Esse artigo diz que... o artigo 14 assegura a formação de profissionais de educação previsto no artigo 64 da LDB. Você está lembrada, não é, desse artigo 64 da LDB? Então lá que fala das habilitações explicitamente. O que a resolução diz? Uma vez que as diretrizes formam no mesmo curso o docente, o gestor e o pesquisador, então as diretrizes resolveram o problema da formação específica, essas áreas de atuação profissional específica.
--	--	--

QUADRO 4 – MUDANÇAS DAS DIRETRIZES

ENTREVISTADO	PERGUNTA	RESPOSTA
RELATOR	Passado quase 10 anos e, um certo distanciamento, hoje você mudaria alguma coisa? O que?	<p>Olha, eu não acredito em alteração, das diretrizes não, porque as diretrizes elas não são operacionais, a gente não pode fazer uma diretriz, acho que a comunidade tem que entender que nós não podemos fazer uma diretriz dizendo assim: olha a universidade tem que dar 300 horas de alfabetização, porque todo mundo critica o curso de pedagogia que forma para atuar nas séries iniciais e que não tem alfabetização, que o professor sai sem saber alfabetizar. O que a diretriz diz é o seguinte: “ele vai atuar de zero a dez anos”, agora quem estabelece operacionalmente isso a partir... / A diretriz,.../ ela estabelece princípios, ela estabelece eixos estruturais, ela não estabelece operacionalmente como é que você vai organizar seu curso. Agora, pela lógica, se você vai atuar e basicamente, ahn, basicamente, se você pega da pré-escola até dez anos, a alfabetização tem um papel fundamental nisso aí, e porque que os cursos de pedagogia não se preocupam também em formar um pedagogo que saiba alfabetizar? Eu não sei! Eu não sei! Porque em lugar nenhum aqui tá proibido, na diretriz não tem proibição de nada, não tem. Eu acho que é uma lógica: quem atua de zero a dez anos, acho que inclusive quando se pensa o curso e fala lá que você, na estrutura, que você tem o núcleo de aprofundamento, você pode aprofundar, você vai aprofundar, .../ isso eu achei assim que foi uma coisa formidável!!</p> <p>Por exemplo, bom, então meu aluno ou minha aluna ou acadêmico e acadêmica que entrou, qual que é a ideia? A ideia dela é que ela vai atuar de zero a dez anos, tudo bem, mas ela quer se especializar mais na creche, ela tem vários momentos pra isso, ela pode ser orientada pra isso nos seus estágios, ela pode ser orientada pra isso no seu trabalho de monografia, você está entendendo? Ela pode ser orientada pra isso nesse núcleo de aprofundamento, – “ah, mas eu quero ser uma grande alfabetizadora!” -, ela tem todos esses espaços para você fazer um plano de estudo com ela para ela fazer isso, agora, o que o aluno não pode é chegar num curso de pedagogia, pois ele escolhe a monografia na área que ele quer, muitas vezes ele nem sabe que área que ele quer, ele chega e falam assim pra ele: “apresenta o tema que você quer fazer na monografia”. Ele nem sabe escolher o tema ainda. Eu já vi muitas vezes isso. Então acho que é preciso já ir conversando com o pedagogo desde o dia em ele entra, porque a gente sabe que muitos que vão fazer ou pedagogia, ou letras, ou matemática, ou física, ou química, não entraram ali para ser professor, eles entraram para fazer um curso superior, eles entraram pra universidade, mas eles não entraram pra serem professores, então eles precisam ser orientados desde o primeiro dia que eles serão professores; e a pedagogia, então, quer dizer, primeiro e segundo período, terceiro, o pessoal não vai saber qual que é a área que ela pretende atuar com mais profundidade, mas a gente precisaria de já ir estudando essas áreas com os alunos, porque também é difícil pra ele até porque ele não conhece, ele só foi à escola o dia que ele estudou. Porque de primeiro fazia o curso de magistério, às vezes já vinha pro curso de pedagogia com o curso de magistério do ensino médio, ele tinha uma noção da formação de professor, hoje não. Então, a gente precisa até conversar com eles: - olha gente é assim!</p> <p>Talvez a gente deixa um pouco de fazer o arroz com feijão, porque a gente acha que tem que fazer outra coisa que é mais importante, pois eu acho que falta aos primeiros períodos de licenciatura um trabalho para aquele que está chegando nessas condições na universidade: com pouca leitura, com pouco interesse em ser professor e com outras carências. É preciso se pensar um primeiro e segundo períodos diferentes, a gente quer já pensar o primeiro e segundo períodos com um monte de aula de sociologia, com um monte de aula de psicologia, com um monte de aula de não sei do que, e muitas vezes ele tem uma certa dificuldade até de interpretação.... Não adianta falar: “esse meu aluno é assim, assim e assim”. Tudo bem, ele é assim, assim e assim.</p> <p>Mas eu quero formar quem? Eu quero formar professor. Então ele tá assim? Mas ele não pode sair assim. Então eu acho que é fundamental pensar o primeiro e o segundo período, é o meu sonho. Acho que é difícil, as pessoas não entendem que nem sempre chegar na universidade hoje é como chegar a quarenta anos atrás, que era meia dúzia que chegava, e que já chegava pronto pra começar daquele ponto em diante. Hoje o ponto de chegada é outro. Hoje o ponto de partida é outro. Mas o ponto final, de chegada deve ser de um bom professor, que saiba uma boa comunicação, que saiba escrever, saiba falar, saiba se comunicar, saiba uma matemática básica, porque critica-se muito o curso de pedagogia, falam que os professores de pedagogia não sabem matemática, os professores de pedagogia não sabem português, daqui uns dias, o professor de matemática vai querer dar aula pros meninos de primeiro, segundo e terceiro ano, porque no fundo também tem uma competição de mercado, a gente não pode achar que é só formação, e as vezes eu acho que a gente é pouco crítico nesse sentido, de pensar também a atuação do profissional no mercado, não estou falando nem no mundo do trabalho, estou falando mesmo, assim, uma coisa operacional. Quer dizer, há uma concorrência. Você vê que hoje tem várias legislações em discussão para o psicólogo ir pra escola, para o fonoaudiólogo ir pra escola, para o terapeuta ocupacional ir pra escola, por quê? Tudo bem, eu acho que precisa ter uma equipe interdisciplinar, mas não é na escola. Acho que a equipe interdisciplinar deve estar localizada em reuniões, em locais do sistema, em centros do sistema, não dá pra você ter, com o recurso que você tem da escola pública, em cada escola essa equipe de profissionais, não dá para você pegar o</p>

		dinheiro da educação e pagar outros profissionais com o salário que os professores têm; você tem que melhorar também o trabalho dos professores.
PESQUISADOR 1	Passado quase 10 anos, e se tivesse esse poder, você mudaria alguma coisa das DCN’s? O que?	
PESQUISADOR 2		<p>É eu fiz há 2 ou 3 anos atrás uma pesquisa aqui no meu estado, que é uma pesquisa que eu acho muito importante para responder essa pergunta sua. Eu pesquisei os 41 cursos de licenciatura de pedagogia do meu estado. Eu queria saber nessa pesquisa, três coisas: qual é o lugar, qual a percentagem da carga horária total do curso, qual é a percentagem que cabe, que está destinada ao que eu chamo de conhecimento profissional específico de professor, tá? E eu entendo que conhecimento profissional específico de professor é: didática, metodologias específicas e conteúdos do Ensino Fundamental que os professores vão ensinar na escola. Essa pesquisa está pública também, eu escrevi vários artigos diferentes em torno desse tema e o que eu conclui basicamente dessas pesquisas: que em média 28% da carga horária do currículo é destinada a isso que eu chamo de conhecimento profissional específico... do professor; há uma série de conclusões, mas eu reconheci, porque eu estudei também as ementas, eu reconheci também nesses currículos uma didática muito frágil com forte caráter ainda instrumental, e uma didática genérica e retórica que passa longe da problemática teórica e prática, da natureza do campo do didático que é o ensino aprendizagem. As pesquisas aqui de Goiás, demonstraram uma total ausência de disciplinas de conteúdos específicos, não se ensinam os conteúdos que as professoras vão trabalhar na escola. Então as professoras saem dos cursos sem saber português, sem saber matemática, sem saber ciências, etc. Eu também encontrei a desarticulação entre conteúdos e metodologias específicas, logicamente que se você não tem um ensino explícito dos conteúdos que as professoras... que as futuras professoras vão ensinar, então você tem metodologias de ensino separadas dos conteúdos. Observei também uma contribuição muito baixa das disciplinas fundamentos da educação às metodologias de ensino, então, o que acontece? As professoras saem sem o domínio dos conteúdos que vão ensinar, que acontece mais, metodologias de ensino sem conteúdo, <i>um total absurdo!</i> Imagine que um professor para a segunda fase de Ensino Fundamental e para o Ensino Médio... as demais licenciaturas tem 4 anos para ensinar biologia, 4 anos para ensinar língua portuguesa, 4 anos para ensinar química, 4 anos para ensinar geografia, enquanto que a professora que vai trabalhar com 4 ou 5 matérias ao mesmo tempo, porque ela é polivalente, ela não tem 1 hora sequer no currículo do conteúdo explícito que ela vai... irá ensinar as crianças. E, bem, a segunda coisa que eu constato, em outras pesquisas... ah sim, deixa eu dizer uma coisa: essa pesquisa que eu fiz aqui já havia sido feita pela Bernadete Gatti e uma colega, que ela fez essa pesquisa pegando amostras do Brasil todo. E a Selma agora fez essa mesma pesquisa só que ela fez em todo o estado; ela pegou currículos de... acho que tem duzentos e tantos cursos de pedagogia em São Paulo, ela conseguiu 147 cursos, até que foi bastante. O interessante é que as três pesquisas coincidem, tá? Eu ouvindo a Selma apresentar a pesquisa lá em Fortaleza, os gráficos e tal... É, porque é interessante você ter três pesquisas cujos dados conferem. Bem, a outra coisa que eu queria colocar como introdução pra responder sua pergunta, é que outra pesquisa que eu identifiquei é que o sistema de formação de professores no Brasil, ele possui dois formatos distintos: um no que se refere ao chamado curso de licenciatura em pedagogia e outro no que se refere às demais licenciaturas. Então a licenciatura em pedagogia, eu digo assim, simplificando o meu pensamento, eu digo assim que a licenciatura em pedagogia <i>tem muita pedagogia e zero de conteúdo</i>. E que nas demais licenciaturas que formam professores a partir do 6º ano, você tem muito conteúdo e pouca pedagogia. No caso da pedagogia eu ponho zero mesmo. Mas na licenciatura ainda tem aí um pouco de conteúdo. Qual é a questão chave que se põe aí? A questão chave que se põe aí é de que a formação de professores, independentemente da modalidade atendida, a ser atendida, ela tem a ver diretamente com a relação entre o conhecimento pedagógico e o conhecimento disciplinar. Por quê? Na lógica do meu raciocínio, segundo o qual a questão da escola tá vinculada ao saber, ao conhecimento, e a partir daí é que nós vamos verificar outras relações importantes, incluindo a diversidade, se isto faz sentido, então, você tem o trabalho docente necessariamente vinculado a um saber. Eu não vejo o trabalho docente desvinculado de um saber. O professor não trabalha na sala com as crianças para atender a diversidade social, ele trabalha com as crianças para assimilar o conteúdo e desenvolver suas capacidades mentais, os seus processos mentais, e pra isso ele atende a diversidade, são coisas muito diferentes. E o que acontece então? A desvinculação do objeto de estudo, de um curso de pedagogia do conteúdo, dos saberes, dos processos de formação e dos processos mentais, leva a um, total empobrecimento do que eu chamo de conhecimento disciplinar. E isto leva então <i>ao absurdo... ao absurdo</i> de você ter uma carga horária considerável para os chamados fundamentos metodológicos do ensino ‘de’, <i>sem conteúdo</i>, embora alguns cursos denominem conteúdos e metodologia ‘de’, só que não tem conteúdos. Bem, isto leva a um monte de outras investigações, etc. É, entre elas, uma ideia clássica, uma ideia muito poderosa desde o começo da instituição dos cursos de formação de professores para as Séries Iniciais, que é essa ideia de que pedagogia é cuidado. E como ela é cuidado, o currículo tá centrado muito mais nas relações, muito mais no vamos dizer, no que eu chamo de interações: professor aluno, manejo de sala, gestão de sala, muito mais do que eu chamo de cuidado; a lógica do curso de pedagogia está centrada na lógica das relações e não na lógica do conteúdo ou na lógica dos saberes, para ser um pouco mais claro; enquanto que nas outras licenciaturas você tem o inverso, tá centrado na lógica dos saberes. Bem, com isto tudo que eu to simplificando e as coisas que eu tenho escrito... Com isso, eu Libâneo, vamos dizer assim, tenho o poder de reformular as diretrizes, jamais vou ter...</p> <p>[...] porque do jeito que essas coisas estão aí, são mais 4 anos, mais 4 anos de escola pobre para pobre. É, mas tudo bem, eu primeiro distinguiria num curso de pedagogia a formação do pedagogo, vamos chamar, especialista, a formação do professor de Educação Infantil e de Séries Iniciais, e a formação continuada de professores; eu teria um curso de pedagogia com esses três blocos, no mesmo lugar. Vamos dizer que o curso de pedagogia, o pedagogo, especialista que eu defendo, ele faria estudos teóricos de pedagogia, preparação para investigação científica e para o exercício profissional no sistema de ensino nas escolas e outras instituições de natureza educacional e ensino. Há um monte... há uma lista de coisas aqui da utilidade de você ter um curso para formar o pedagogo, <i>stricto sensu</i> propriamente dito. Não vou falar a lista aqui, mas não é difícil de ter isso, tá publicado inclusive. Eu criaria então um outro bloco para os professores para a Educação Básica, e depois um sistema de formação continuada, visando o atendimento aos professores da rede, à coordenação de atividades de estágio, estruturas de apoio didático metodológico, biblioteca, centro de documentação à disposição dos professores, publicações de periódicos de cunho pedagógico didático, etc., etc., etc. Eu criaria um espaço institucional para segurar a presença de professores das escolas nos cursos e eventos do curso de pedagogia, fazendo um pouco este vai e vem da escola para o estudo, do estudo para a escola.</p> <p>Bem, e esse curso de pedagogia, eu acho que, a média, de horas aula, para o que eu chamo de conhecimento profissional específico é 28%, eu acho isso muito pouco, então eu queria reforçar, que chegasse ao menos a 50% isso que eu chamo de conhecimento pedagógico específico, que envolveria didática, metodologia, conteúdos, do ensino fundamental, eu quero que o curso de pedagogia tenha aulas de língua portuguesa, aulas de biologia, aulas, sistematicamente, e as metodologias específicas, de cada uma das disciplinas além das chamadas tecnologias educativas, este bloco todo, eu queria</p>



		<p>propor 50%, as chamadas disciplinas de fundamentos, todas, precisariam ser inteiramente refundidas, é, no sentido de que, de que elas, se voltassem, para a escola. Você pega aí cursos de pedagogia, pega em São Paulo, cursos, faculdades, Unesp, USP, as aprovadas, se, tem lá, sociologia da educação, o que você vai ter lá? Vai ter sociologia! Frequentemente desconectado de escola. E eu brigo muito com os sociólogos da educação porque, eles tem emprego na faculdade, fazem pesquisa sobre escola, mas eles não abrem a porta da escola, eles não entram na escola, eles, inclusive ficam desestimulando os próprios alunos da pedagogia:</p> <p>- vocês vão ser professoras? O que eu acho uma desonestidade. E, da mesma maneira a psicologia da educação, eu já vi muitas vezes, a professora é de psicologia o que ela faz? Ela, ela organiza o currículo com Freud, Young, e está resolvido o curso de psicologia da educação, acho desonesto também. Então, as disciplinas chamadas fundamentos da educação, todas elas com ementas, obrigatoriamente voltadas para a escola. É, centraria o currículo com, com uma forte dose de pesquisa, a ideia de aprender pesquisando, isto faz parte na minha cabeça, da própria didática. Mas, isto implicaria uma revisão do lugar da pesquisa, mas nada desconectado das disciplinas.</p> <p>Mas é isto, você tá perguntando para mudar o currículo de pedagogia, outras diretrizes, curriculares, essa não serve para o que eu estou falando...</p>
--	--	--

QUADRO 5 – CARGA HORÁRIA DO CURSO

ENTREVISTADO	PERGUNTA	RESPOSTA
RELATOR	Como foi pensada a carga horária de 3.200 horas como o mínimo de formação do curso? O que foi considerado para se chegar a esse número?	<p>Bom, esse número de 3.200 horas, ele foi um número que teve a seguinte conclusão: era preciso, considerando que o professor devia atuar de zero a dez anos, e que precisava de conhecimentos específicos, quando você pega de zero a três, é creche e precisa de conhecimentos específicos / depois eu pego de quatro a seis, é pré-escola; de seis a dez, quer dizer, / a educação básica é um conjunto, de zero, hoje, é a Lei, o que é público e gratuito é de quatro aos 17, mas hoje se considera de zero a 17, o público e gratuito é dos quatro, a partir dos quatro, mas de zero a três, o Estado é obrigado a fornecer creche e a família coloca se quiser, / então esse é inclusive um grande debate nacional, você tem creche pra todo mundo, quantos demandam essa creche, se tem creche pra eles/</p> <p>Bom, é Essa formação, por ser uma docência ampliada ela precisava de um tempo maior também. Não é só a formação de uma determinada disciplina ou de uma determinada habilitação. Porque antes você fazia opção, você fazia uma habilitação, você podia até fazer duas, mas você tinha que complementar a carga horária. Então foi traçado a partir dessas novas exigências para atuação do pedagogo, do ponto de vista dos estudos, ampliava a área de atuação, do ponto de vista da escola, não mais uma atividade, ... uma atividade que não era em sala.</p> <p>Porque a orientação, a administração, não eram atividade diretamente com aluno, mas uma atividade agora que dentro de uma educação básica que é orgânica e sequencial, tinha características bem específicas, de zero a três, de quatro a seis, de seis a dez, então, esse foi um dado. Equilibrando com a possibilidade também, de não ser um curso muito longo pra que as pessoas pudessem fazer esse curso num tempo de no mínimo três anos, três não... Foram três? Não. Três anos eram 2.800 horas, pedagogia são quatro anos, são 800 horas por ano, são quatro anos. ... pudesse fazer, não mais, porque tinha curso de pedagogia de seis anos, em algumas instituições públicas. Ia fazer uma média de quatro anos, mas que também não ficasse tão distante das demais licenciaturas porque também você teria um problema nas instituições pra equilibrar essa formação de professores, porque na realidade todos deveriam estar ou num fórum ou num colegiado das licenciaturas, porque o projeto quando pensado, o projeto das licenciaturas deveria ser o mesmo nas instituições; quer dizer: o norte, o eixo da formação devia ser o mesmo. Quer dizer: que escola nós queremos? Que escola que nós temos? O que nós vamos fazer? E todos aqueles que estão fazendo licenciatura deveriam estar em torno dessa, dessa vamos dizer assim, dessa expectativa que se tem dessa construção dessa escola.</p> <p>Então, foi baseado na ampliação e na especificidade dessas três etapas que o pedagogo acompanha, mesmo sabendo que a educação básica é um todo, no entendimento da docência ampliada, porque ele precisaria de também não só da licenciatura <i>stricto-sensu</i>, mas também de entender, um pouco mais, em relação a gestão, ele deveria saber do planejamento da escola, do financiamento e como também conciliar um pouco do ponto de vista da carga horária com as demais licenciaturas. Então foram esses três pontos.</p> <p>Havia no Conselho Nacional de Educação à época, uma corrente, ou conselheiros, que eram totalmente contra a ampliação da carga horária, que achavam que 2.800 horas eram suficientes. Então nós trabalhamos as 2.800 horas, e vamos dizer assim, acrescentamos as 300 do estágio e mais as 100 das atividades.</p> <p>Bom, porque o estágio ficou só com 300 horas? Porque nós estabelecemos o que é mínimo na LDB, a escola pode fazer até mil horas de estágio se ela quiser ... então, eu fico pensando assim, ao mesmo tempo em que as universidade querem autonomia e falam da autonomia, quando se elaborou as diretrizes da pedagogia, que ficou para autonomia da universidade definir a carga horária de estágio que ela queria ou que ela precisava, que o projeto pedagógico exigia, acabou dizendo que o Conselho normatizou pouca carga horária para o estágio.</p> <p>Quer dizer, o Conselho estabeleceu o mínimo que está na Lei, em momento nenhum ele diz: é só 300 horas de estágio, não. É um mínimo de 300 horas. Você pode por 1.000 horas, 2.000 mil horas, isso aí, depende agora, de quem faz essa avaliação. Quem faz essa avaliação da proposta não é o Conselho, quem faz a avaliação da proposta - antes era lá na SESu [Secretaria de Educação Superior], hoje quem faz avaliação da proposta é SERES [Secretaria de regulação e supervisão da educação superior], lá no Ministério da Educação.</p>

--	--	--

QUADRO 6 – RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

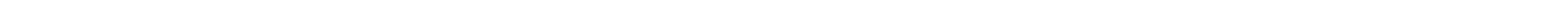
ENTREVISTADO	PERGUNTA	RESPOSTA
RELATOR	Uma das críticas que o curso recebe é ter muita teoria e pouca prática. Nas Diretrizes tem algum dado, ponto que ajudaria a diminuir essa distância ou essa dicotomização que é colocada?	<p>Na própria estrutura do curso. Porque quando se fala assim: o núcleo de aprofundamento, esse núcleo de aprofundamento, é de aprofundamento de uma área, mas quando você fala lá no início, daquelas 2.800 horas, ali, seria, agora, como é que você vai aprofundar?</p> <p>Acho que começa por aí. Talvez, tanto a gente fala da avaliação diagnóstica, a gente devia levar isso mais a sério. Quem é que chega? Ele responde o questionário no Enade, mas quando ele entra também, a universidade não faz um levantamento de dados quando presta o vestibular?</p> <p>Então eu acho que primeiro e segundo período eles fecham o olho, acho que aí que nós estamos perdendo, agora isso eu tô falando da minha cabeça, estou falando da minha experiência.....</p> <p>Estou à sua disposição professora, se você quiser mandar alguma coisa assim pra eu responder por escrito, porque na realidade eu sou apaixonada pelo que eu faço.</p>
PESQUISADOR 1	De que forma o curso de Pedagogia pode se articular realmente nessa discussão de teoria X prática?	<p>quando eu falo dos princípios, os princípios todos, ali há uma articulação teoria e prática, na base comum, e eu sou defensora dessa base, na atitude do professor, por exemplo, se você é professor de didática, porque não trabalhar de uma forma democrática? O aluno diz assim: “ah eu não quero fazer esse plano de ensino aí porque - ô coisa chata”! E tem o modelito ali do professor de didática e ele não libera para uma outra estrutura de plano./Os nossos professores aqui têm feito, eles fazem docência universitária, os nossos professores, pode ser doutor em educação, mas tem que fazer o nosso curso de docência universitária que quando a Clélia era reitora, ela criou esse curso. Eu dou aula nesse curso já, eu estou na 25ª turma, e têm muitos professores nossos lá, e também é para comunidade./Então você veja, se eu posso ter uma liberdade para ter o meu plano futuro para ter o meu estágio supervisionado, eu tenho que articular na didática, que o professor Libâneo dá didática fundamental, como não articular gestão democrática, por exemplo? Como não articular o compromisso social do pedagogo na didática? E isto é tudo prática. Então, eu sempre digo, se nós conseguíssemos entender que as diretrizes curriculares nos dão orientação para a formação, mas elas apontam também para que você articule com a prática, porque você tem liberdade no seu currículo para fazer, nós transformamos as atividades complementares em... /um exemplo que eu quero dizer de prática também, nós pegamos literatura, por exemplo, para eles estudarem literatura infantil: todos os professores recomendam que eles leiam naquele semestre tais e tais livros. E nas atividades complementares se faz articulação do que se fez na disciplina daquele professor e o que se conseguiu fazer na prática; ele como professor, se ele conseguiu aplicar aquela literatura lá no trabalho dele, então é dessa forma. Agora, não quero dizer que isso corra assim com a maior tranquilidade, nós temos um grupo de professores que faz mesmo, agora tem alguns, o professor de filosofia disse: “eu, não vou trabalhar com literatura infantil. Eu? não é minha área”,/ então nós temos que respeitar o professor, mas se tiver um grupo de professores, o núcleo estruturante. Todos os representantes, eles podem ajudar nessa articulação teoria e prática. Então eu encontro alternativas, primeiro na liberdade que se tem de colocar as disciplinas que você desejar no teu currículo desde que você respeite os núcleos, tem que ter conteúdo básico, tem que ter os conteúdos que você vai... aí que você pode fazer uma articulação direta para profissão e tem toda a parte complementar, então você tem liberdade para usar. Agora é <u>atitude</u>, em primeiro lugar, teoria e prática, a unidade teoria e prática é atitude <u>do professor</u>, entende? O professor tem que ser formado pra isso, o problema é que nós somos formados no tecnicismo. Daí você vai lá, você pratica tradicionalmente, você faz uma exposição, daí para usar as tecnologias você passa um vídeo ou um filme, mas a prática não é articulada como a teoria. Então você passa o filme, você vai analisar o filme, tem que ter as relações com a prática do professor lá na escola./Hoje nós estamos lutando porque ... eu como sou uma professora muito antiga, nós esbarrávamos com professores aqui que nunca tinham entrado numa escola de educação básica, a não ser como aluno; hoje nós já temos esta articulação institucional mais forte./</p> <p><sup>1</sup> * A Anfope definiu princípios gerais do movimento que foram se configurando historicamente, em seus Encontros, favorecendo o avanço das discussões, entre os quais se destacam:</p> <p>1. a da formação inicial, sempre presencial e em nível superior, e a continuada devem ser examinadas de forma contextualizada na sociedade brasileira ainda marcada pela permanência de desigualdades sociais;</p> <p>2. a transformação do sistema educacional exige e pressupõe sua articulação com a mudança estrutural e conjuntural visando à construção uma sociedade democrática, mais justa e igualitária;</p> <p>3. a gestão democrática da educação deve estar presente na escola e demais instituições educativas, em todos os níveis, como parte integrante da democratização da sociedade brasileira;</p>

		<p>4. a autonomia universitária como expressão da afirmação da liberdade acadêmica, científica e administrativa nos diversos espaços institucionais;</p> <p>5. a reformulação dos cursos de formação de professores como processo constante e contínuo, próprio ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos e tecnológicos e das demandas socioculturais;</p> <p>6. a defesa da Universidade e suas Faculdades de Educação como <i>lócus</i> prioritário para a formação dos profissionais da educação que atuam na educação básica;</p> <p>7. a superação do caráter fragmentário e dicotômico da formação do pedagogo e dos demais licenciados, que se materializa na organização curricular, reafirmando a docência como base da identidade de todos os profissionais da educação;</p> <p>8. a extinção gradativa da formação de professores em nível médio;</p> <p>9. a proposta da <i>Base Comum Nacional</i> como matriz para a formação de todos os profissionais da educação, tendo em vista as seguintes diretrizes curriculares norteadoras dos diversos cursos de pedagogia e outras licenciaturas:</p> <p>- <i>sólida formação teórica e interdisciplinas</i> sobre o fenômeno educacional e seus fundamentos históricos, políticos e sociais, bem como o domínio dos conteúdos da educação básica, de modo a criar condições para o exercício da análise crítica da sociedade brasileira e da realidade educacional;</p> <p>- <i>unidade teoria-prática</i> atravessando todo o curso e não apenas a prática de ensino e os estágios supervisionados, de modo a garantir o trabalho como princípio educativo na formação profissional;</p> <p>- <i>trabalho coletivo e interdisciplinar</i> como eixo norteador do trabalho docente;</p> <p>- <i>compromisso social do profissional da educação</i>, com ênfase na concepção sócio-histórica de leitura do real e nas lutas articuladas com os movimentos sociais;</p> <p>- <i>gestão democrática</i> entendida como superação do conhecimento de administração enquanto técnica e compreendida como manifestação do significado social das relações de poder reproduzidas no cotidiano escolar;</p> <p>- <i>incorporação da concepção de formação continuada</i> visando ao aprimoramento do desempenho profissional aliado ao atendimento das demandas coletivas da escola.</p> <p>- <i>avaliação permanente dos cursos de formação</i> dos profissionais da educação, como responsabilidade coletiva a ser conduzida à luz do projeto político-pedagógico de cada curso/ instituição (BRZEZINSKI, 2011, p. 20-2)</p>
PESQUISADOR 2	Uma das críticas que o curso tem recebido é a questão da teoria e da prática. ... pouca teoria – muita prática. Muita teoria – pouca prática. Qual a sua opinião?	<p>Você sabe... você está me perguntando, mas você também sabe a resposta. É,... existem hierarquias de poder, de campos científicos, e, muito claras. Nos cursos de pedagogia e nas licenciaturas. Por exemplo, é sabido que a grande maioria dos colegas que ensinam filosofia da educação, eles não tem vínculos com as escolas, não tem vínculos com os trabalhos dos professores, eles não tem vínculos com a problemática da escola. O que acontece? Teoria, muita teoria desvinculada da prática. Da mesma maneira se aplica a todas as disciplinas dos fundamentos da educação. É, talvez seja um pouco retórico. É isso que eu, que a gente diz, muita gente diz e eu também digo. Nenhuma teoria deveria estar desassociada da prática, assim como nenhuma prática devia estar desassociada da teoria. Eu não concordo por exemplo, com argumentos de colegas - uma representante clássica desse pensamento é a Guiomar e, as vezes também a própria Bernadete também tem esse raciocínio - Que o curso de pedagogia devia se centrar na formação prática do professor. Eu não gosto dessa maneira de entender. Eu acho que o que resolve o problema da teoria, da relação teoria e prática, é um entendimento de que o processo de ensino deve estar diretamente articulado com os processos de investigação. O que significa entender a pesquisa, como metodologia de ensino, nas matérias. A pesquisa como investigação da prática. Quer dizer, ela é tanto instrumento de ensino, como concepção de currículo. Eu tenho medo de que esse modo de formular fique parecendo que eu quero simplificar o currículo de formação na pesquisa, não é isto. Quer dizer, a pesquisa aparece como uma condição instrumental para disciplinas de conteúdo, para as disciplinas de estágios. É isto que eu acho. Assim o tema da teoria e da prática, na verdade, para entender um pouco melhor essa minha posição, era preciso entender uma formulação que eu faço, dentro dos estudos que eu estou fazendo.</p>

QUADRO 7 - ATUAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES

ENTREVISTADO	PERGUNTA	RESPOSTA
RELATOR	Quando é colocada atuação no espaço da escola e também em espaços não escolares, isso não distancia o pedagogo de uma proposta inicial que é a docência?	<p>Talvez até porque eu tenha tido oportunidade de acompanhar vários estágios fora da escola, vou pegar um: pedagogia hospitalar. O que, que acontece? O que ele aprende na pedagogia, o que ele aprende no curso de pedagogia ele vai fazer isso não é no espaço da escola, ele vai fazer lá no hospital. Ele precisa ter algo mais, que é saber, inclusive, trabalhar com as emoções, porque de repente, dá aula hoje pro menino e amanhã chega o menino morreu, mas o que ele aprendeu lá, por isso que eu falo da importância da teoria, o que ele aprendeu no curso de pedagogia, ele leva lá, ele mudou o que? Ele mudou o espaço, mas a relação é professor-aluno, naquela relação de ensino-aprendizagem mesmo: um ensina e aprende, o outro aprende e ensina, isso pra mim ficou muito evidente.</p> <p>Outra área que eu acho extremamente importante: muitas das minhas alunas que eu acompanhei na área da educação em Organizações não Governamentais [ONGs] na educação ambiental, o que, que elas fazem quando chega aquele monte de meninos de escola que eles vão ao zoológico, que eles vão a um RPPN [Programa de Incentivo às Reservas Particulares do Patrimônio Natural], o que, que elas fazem lá? Elas dão aula. Só que elas dão aula num espaço aberto, não tem carteira, mas onde elas aprenderam? No curso de pedagogia. E se elas saem com a consistência boa, elas dão conta de fazer a adaptação. Outra área que eu fiz muito estágio, talvez pela minha idade, .... (ri) / que é abominável aqui nessa universidade, que é a pedagogia empresarial, que chamava assim de primeiro e depois passou a chamar de pedagogia institucional, o que faz? Ele faz um trabalho extremamente integrado ao psicólogo, o psicólogo faz seleção, e ele faz formação. E, não faz formação na escola? Ele faz formação na empresa, quer dizer, o que ele aprendeu em didática de planejamento, /depois vou te dar um exemplo, isso foi um aluno que me fez entender isso, porque eu tive que descobrir pra ele como que didática era importante pra ele, depois vou te falar/, então, quer dizer, o que a pedagogia me fornece? Me fornece os instrumentos pedagógicos para relação da aprendizagem.</p> <p>Você tem um monte de pedagogo que trabalha em jornal, pra fazer o que? Para fazer reportagem. Por quê? Porque ela precisa de conhecer criança, “ah mas o de psicologia também pode”, mas o de psicologia não tem o domínio da aprendizagem, não tem, ele pode ter o conhecimento sobre a criança./</p> <p>Eu tive um aluno, segunda turma que eu dei aula aqui na universidade, uma turma a noite mas assim... desenfreada, sabe? Tudo aqueles moção, e eu tinha um aluno, mas ele era difícil demais, da geografia, eu dava aula de didática mas, esse moço me atormentava tanto, era o segundo semestre que eu dava aula aqui na universidade, eu pensava: mas eu tenho que conquistar esse menino, porque ele não vai ser professor, ... de uma grande imobiliária aqui em Goiânia e inventou de fazer geografia, aí um dia eu chamei esse moço, falei assim:</p> <p>- O que, que você faz na sua imobiliária?</p> <p>- “Ah, a minha imobiliária faz isso, faz isso, faz isso, dá curso”.</p> <p>- Ah, imobiliária dá curso?</p> <p>- “Dá”.</p> <p>- É... O que, que você está aprendendo aqui na didática?</p> <p>- “Aprendi isso, isso, a fazer planejamento...”</p> <p>- Então você pode aplicar tudo isso dentro da sua imobiliária, preparar os cursos para os seus funcionários, o que didática está te ensinando? Além de concepção e tudo, tem uma parte da didática operacional, as técnicas de trabalho, e você sabe que até hoje, onde ele me encontra ele vai me abraçar, esse moço, sabe? Porque ele entendeu que era possível utilizar, porque o pessoal é muito pragmático, quer saber o que faz aqui que vai usar lá, aí consegui entender a didática e começou, melhorou um pouco assim, a participação dele no curso./</p> <p>Então eu não acredito que isso, porque não é que você vai falar, vai trabalhar com eles todas as áreas de atuação do pedagogo, mas o professor que tem um conhecimento da atuação do pedagogo ele pode, em determinados momentos dizer: “olha, isso aqui inclusive você pode utilizar quando você tiver trabalhando na área, sei lá, na área empresarial”, você trabalhando com o psicólogo, você precisa apresentar o cenário nacional, ele faz isso muito melhor que o psicólogo, tanto que tem empresário contratando até filósofo para fazer isso nas empresas, e porque que não pode ser o pedagogo? Ele não tem formação pra isso?</p> <p>Agora, nós formamos alunos que não tem muita vontade de argumentar, eu falo para as minhas alunas aqui: vocês deixam as outras pessoas falarem no lugar de vocês. Acho que esse é um desafio que nós temos, preparar os alunos para argumentarem e defenderem as suas ideias, eu acho que isso é um pouco difícil ainda na pedagogia. Sabe?</p> <p>Eu atuei em todas as áreas. Atuei na área da pedagogia hospitalar, quando eu atuei na área da pedagogia hospitalar, foi quando tava iniciando a matrícula de deficiente na escola regular, que foi uma luta, que Goiás foi um dos primeiros estados a fazer isso, é difícil? É. Mas é exatamente o que... / a gente vem de uma escola que marginalizou, aquele que é deficiente não dá conta de acompanhar a escola</p>

		regular, do jeito que ela é hoje, é difícil mesmo. Né? Então, por exemplo, o aluno que tá matriculado na escola regular e é deficiente, a escola, no senso, ela conta esse menino duas vezes, a escola pública recebe recurso pra infraestrutura desse menino, quantos alunos de pedagogia sabem isso? Que a escola recebe recurso a mais por esse aluno? Quantos?
PESQUISADOR 1	A partir da colocação, podemos dizer que não entende, que essa atuação fora do espaço da sala de aula distancie da proposta inicial que é a docência?	Não, ele deve atuar em todos os espaços onde o ato educativo acontecer. <u>Essa é nossa defesa!</u> Então, nós temos que formar o pedagogo, aqui nós temos três vertentes muito claras: nós formamos um pedagogo para atender crianças como pacientes terminais de câncer, eles têm uma especialidade no currículo, quando eles vão fazer estágios...; nós temos também o pedagogo para trabalhar com os recursos humanos da empresa para humanizar mais as empresas, não é para, como dizem, “vocês estão formando pedagogo empresarial?” Jamais, nós estamos formando um pedagogo que tenha condições,... aí sim entram as competências. Tenham conhecimentos, saberes, competências, habilidade para humanizar mais as relações humanas nas empresas. Torná-las mais humanas, as relações sociais. Então nós somos totalmente favoráveis a atuação em espaços não escolares. Numa outra instituição que eu dou aula no mestrado, que é estadual, eu colaboro com eles ... a Estadual de Goiás forma o pedagogo animador de rua, porque eles tem atuação muito forte no interior, com atividades de rua – educativas. A própria comunidade faz, e elas têm uma vertente para o cuidar do pedagogo... o pedagogo cuida da rua, ele é um animador de rua, e lá acontece o ato educativo. Não aquele ato formal, escolar, mas onde acontece o ato educativo nós somos favoráveis, por isso que três anos não dá. A USP [Universidade de São Paulo] tem quatro anos e meio e ela forma o pedagogo para atuar nos movimentos sociais. Não sei se você conhece a proposta da USP...
PESQUISADOR 2	Como ficaria a formação dos especialistas?	<p>Eu preciso, bem, esses na minha cabeça, por mais resistência que haja das colegas lá da Anfope essas habilitações seriam o conteúdo de um bacharelado em pedagogia. Que é aquilo que eu já falei daqueles três blocos que eu penduro num curso de pedagogia, ou faculdade de educação, bem eu entendo que a escola possui necessariamente uma divisão do trabalho. Eu acho que isso também está escrito, é o argumento que todo esse discurso da Anfope, desde o começo, desde os anos 90, o ponto de partida para essa dissolução do curso de pedagogia ( )</p> <p>e essa ideia de reduzir o curso de pedagogia à docência, é, está ligado a um argumento ideológico. Que é a divisão social do trabalho. Eu argumento isso, inclusive nesse texto que eu estou te falando da Educação e Sociedade. Que é um discurso antigo da esquerda, que diz assim: todos são trabalhadores. Não tem distinção, entre o diretor da escola e as senhoras da merenda escolar, todos são trabalhadores, todos são educadores e atuam apenas num âmbito. São apenas funções diferentes, mas todos são trabalhadores, todos são educadores. Portanto, o coordenador pedagógico e o diretor na divisão social do trabalho, eles exercem o papel de dominadores, e os professores acabam colocados na função de dominados. Por mais que se possa achar aí, isso uma simplificação. Eu continuo achando que foi a partir desse raciocínio que apareceu esse mote da Anfope. Todos são docentes, o gestor é docente, o pesquisador é docente, o avaliador é docente. Então é com isso que vamos derrubar o pedagogo especialista, o que aconteceu então? Uma série de absurdos. Você pega qualquer currículo de faculdade, aqui, federal daqui, a católica, você tem, quando muito, uma disciplina de organização e gestão, as vezes com outro nome, de 60 horas, as vezes você tem o que se chamava antigamente estrutura e funcionamento de ensino, também com outro nome, e acabou gestão. Quer dizer, com 120 horas no total do curso, supõe-se que você forma o gestor, o diretor, o coordenador pedagógico, o supervisor de ensino.</p> <p>Bem, eu entendo que é absolutamente crucial, você ter diretores de escola e coordenadores pedagógicos, preparados cientificamente e profissionalmente para assumir seus papéis na escola. E pra isto é necessário uma formação específica, as práticas de gestão implicam conhecimentos específicos. Não só do ponto de vista organizacional, administrativo, ... uma formação pedagógica, o coordenador pedagógico por exemplo, precisava conhecer muito bem epistemologia, ele tinha que ter uma noção muito boa do caráter epistemológico das disciplinas, ele não precisava ser matemático, mas ele precisava dominar o processo do conhecimento matemático, para ele poder/</p> <p>Eu acho que a principal função de um coordenador pedagógico é assistir aulas dos professores. Para ajuda-los. Tudo combinado tudo acertado, numa prática cooperativa. Reuniões de trabalho, atividades de pesquisa, etc. Eu tenho aqui uma lista de atribuições da coordenação pedagógica que são práticas profissionais, muito específicas. Enfim, eu quero todo esse pessoal num curso de pedagogia, num bacharelado, para formar esses profissionais, isto é de justiça, para resolver a pergunta: Para que servem as escolas. As escolas servem para ajudar os alunos, a desenvolverem seus processos de pensamento por meio dos conteúdos, é simples de dizer, mas tem uma complexidade imensa nisto. É Margarete, é assim, em linhas gerais, isso que eu penso sobre a formação do especialista.</p>



## QUADROS DE CATEGORIZAÇÃO

**QUADRO 8- Categorização: RELATOR DAS DCNS DO CURSO DE PEDAGOGIA**

Depoimento	Explicitação dos significados	Categorias	Categoria
Esse debate ocorreu no Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação, no entanto quando fizeram a revisão das diretrizes, quando fizeram a elaboração das diretrizes das licenciaturas, isso foi realizado somente no interior da Câmara de Educação Superior, ou seja, nós pensamos, o Conselho pensou a educação básica numa formação conjunta, no entanto quando foi se discutir cada área de formação, isso foi feito separado da educação básica, quer dizer, preparar professor de física, química, matemática, biologia, porém, fora do debate com a Câmara de Educação Básica, houve aí, uma grande fragmentação.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diálogo com a educação básica;</li> <li>- debate;</li> <li>- fragmentação</li> </ul>	Diálogo	Diálogo
<p>É, foi pensado então que em um prazo de um ano, a gente deveria fazer as discussões nacionais sobre o curso de pedagogia. Como foi o processo? Nós poderíamos dizer assim, passar para um segundo momento, qual foi o processo? O processo foi em um primeiro momento chamar todas as instituições, as entidades que estavam ao longo desses anos, na trajetória da discussão do curso de pedagogia, e também das licenciaturas, para um resgate histórico dessa produção - daquilo havia sido produzido, do que o Fórum pensava, do que a Anfope, Cedes [Centro de Estudos Educação e Sociedade], Anped [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação], Anpae [Associação Nacional de Política e Administração da Educação], pensavam e pensaram sobre o tema.</p> <p>Essa retomada foi extremamente importante, porque veio com a força daquilo que tinha sido produzido, mas também com aquela força que precisava ter - alguma proposta, vamos, enfrentar esse momento. Aconteceram muitos debates em nível nacional.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diálogo – chamar as instituições;</li> <li>-entidades, discussões;</li> <li>-processo, retomada;</li> <li>- debate</li> </ul>	Debate	Diálogo

<p>As entidades foram imediatamente convidadas e vários, não vou dizer milhares porque seria impossível mas, dezenas e centenas de debates aconteceram. Fomos a vários cursos de pedagogia das universidades, fizemos várias reuniões e encaminhamos no sentido de apresentar então diretrizes que pudessem não só ter um parâmetro para a avaliação dos cursos de pedagogia; que a essa altura com as suas diretrizes já, vamos chamar assim, defasadas porque elas haviam sido aprovadas em 69, e o curso que ainda não tinha diretriz depois da 9394, da LDB, começamos então um processo inicial de discussão não só com essas entidades, mas também lá no Ministério da Educação [MEC].</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Convidadas as instituições</li> <li>- Conversa – diálogo;</li> <li>- debate;</li> <li>- avaliação dos cursos;</li> <li>- discussão</li> </ul>	Conversa	Diálogo
<p>Você não pode fazer um curso de pedagogia desvinculado da educação básica! Então, a base nacional da legislação é aquilo que é chamado, pela LDB, comunicação - área de comunicação, as áreas que tem organização na educação básica, então essa é a base nacional da educação básica. Quer dizer, também os cursos precisam conversar com essas áreas que são básicas na educação básica, são áreas que dão sustentação para fazer, vamos dizer assim, a conexão nacional, o que que é nacional? Eu tenho o nacional. Mas, eu não posso pensar assim: eu tenho o nacional, depois eu tenho o da universidade, que inclusive a própria LDB trata. O que é nacional, o que é regional, então eu chamo lá a parte do núcleo comum e a parte diversificada e essa parte diversificada nunca chega, concorda? Porque o núcleo comum toma conta de tudo, é como se não aprendesse português numa aula de dança, quer dizer, como se português se aprendesse de segunda a sexta na aula da professora de português, quer dizer, como estabelecer, esse diálogo?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diálogo;</li> <li>- vinculação com a educação básica;</li> <li>- base nacional da educação básica;</li> </ul>	Comunicação	Diálogo
<p>Então a gente tem que se entender nessa articulação, quer dizer, o Conselho elabora as diretrizes e em geral, nesse período que eu estive no Conselho de 2004 a 2012, não teve uma diretriz que não tivesse passado por um debate nacional, por audiências</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diálogo;</li> <li>- debate</li> </ul>	Debate	Diálogo



públicas, nenhuma das diretrizes! Todas passaram por audiências públicas, por debates nacionais, saem do Conselho, elas, esse é o percurso: elas saem do Conselho, ela vai pro ministro, para homologação, logicamente que o ministro tem uma equipe que faz essa análise, o ministro homologa, volta para o Conselho, e é publicada no Diário Oficial.			
Se você pegar, por exemplo, as diretrizes da educação gerais, Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, que eu fui relatora também, aí deveriam ser discutidas no curso de pedagogia, acho que pouquíssimos cursos conhecem essas diretrizes porque, elas falam como que a educação básica deve ser organizada, onde que se discute isso? Quer dizer, nós também fragmentamos muito, quer dizer, quem é que pode dar essa unidade? É alguém que faz a coordenação. Senão ninguém vai dar essa unidade.	- Relação com a educação básica; - fragmentação; - unidade;	Formação de professores	Formação de professores

Depoimento	Explicitação dos significados	Categoria	
Nós tínhamos então várias concepções, várias formas ou horizontes diferentes sobre a atuação do pedagogo: uma bem centrada naquilo que a lei, a LDB dizia, que a formação da orientação e da administração deveria se dar na graduação, que inclusive era algo extremamente contraditório, porque ao mesmo tempo dizia que pra você assumir um cargo de gestão você precisava de no mínimo dois anos de magistério, então isso era uma das contradições dentro da própria LDB. E considerando também, que o novo quadro que surgiu a partir de 1980, esse novo quadro já estabelecia outras formas de assumir atribuições e papéis na escola. Por exemplo, em vários lugares o coordenador, muitas vezes pedagógico ou coordenador de área, já não era mais o pedagogo que era o coordenador, podia ser qualquer um dos professores de licenciatura.	- Várias concepções sobre a atuação do pedagogo; - contradição	Exercício profissional	Exercício profissional
Bom, caminhamos então no sentido de elaborar um documento que estivesse mais	- Docência ampliada	Várias áreas de atuação	Docência ampliada

<p>próximo dessa realidade de um professor, de um pedagogo professor entendendo a docência não de forma restrita ao trabalho da sala de aula, mas a docência que já se fazia presente em muitos municípios, a docência ampliada, porque também os docentes licenciados já passavam a fazer parte também dos quadros de gestores à medida que as eleições passaram a integrar a seleção a escolha dos diretores da escola, e não mais só o pedagogo poderia ser o diretor da escola. Então a docência ampliada significava, ou significa nas diretrizes, que o pedagogo, e também os outros licenciados, o pedagogo assume a tarefa ou as tarefas de cuidar e educar em várias dimensões: na gestão, na sala de aula e em outras áreas que não seja a área estritamente escolar, porque nós temos várias áreas de atuação pedagógica, concorda?... de formação que o pedagogo pode atuar, então esse foi, é! esse foi um dos eixos de orientação das diretrizes.</p>	<p>- Várias áreas de atuação; -eixo de orientação das diretrizes;</p>		
<p>Bom, esse número de 3.200 horas, ele foi um número que teve a seguinte conclusão: era preciso, considerando que o professor devia atuar de zero a dez anos, e que precisava de conhecimentos específicos, quando você pega de zero a três, é creche e precisa de conhecimentos específicos / depois eu pego de quatro a seis, é pré-escola; de seis a dez, quer dizer, / a educação básica é um conjunto, de zero, hoje, é a Lei, o que é público e gratuito é de quatro aos 17, mas hoje se considera de zero a 17, o público e gratuito é dos quatro, a partir dos quatro, mas de zero a três, o Estado é obrigado a fornecer creche e a família coloca se quiser, / então esse é inclusive um grande debate nacional, você tem creche pra todo mundo, quantos demandam essa creche, se tem creche pra eles</p>	<p>- duração do curso - Conhecimentos específicos e diversificados</p>	<p>Diferentes necessidades formativas</p>	<p>Formação de professores</p>
<p>Bom, é essa formação, por ser uma docência ampliada ela precisava de um tempo maior também. Não é só a formação de uma determinada disciplina ou de uma determinada habilitação. Porque antes você fazia opção, você fazia uma habilitação, você podia até fazer duas, mas você tinha</p>	<p>- Docência ampliada - Características específicas - Duração do curso</p>	<p>Docência ampliada</p>	<p>Formação de professores</p>

<p>que complementar a carga horária. Então foi traçado a partir dessas novas exigências para atuação do pedagogo, do ponto de vista dos estudos, ampliava a área de atuação, do ponto de vista da escola, não mais uma atividade, ... uma atividade que não era em sala.</p> <p>Porque a orientação, a administração, não eram atividade diretamente com aluno, mas uma atividade agora que dentro de uma educação básica que é orgânica e sequencial, tinha características bem específicas, de zero a três, de quatro a seis, de seis a dez, então, esse foi um dado. Equilibrando com a possibilidade também, de não ser um curso muito longo pra que as pessoas pudessem fazer esse curso num tempo de no mínimo três anos, três não... Foram três? Não. Três anos eram 2.800 horas, pedagogia são quatro anos, são 800 horas por ano, são quatro anos. ... pudesse fazer, não mais, porque tinha curso de pedagogia de seis anos, em algumas instituições públicas. Ia fazer uma média de quatro anos, mas que também não ficasse tão distante das demais licenciaturas porque também você teria um problema nas instituições pra equilibrar essa formação de professores, porque na realidade todos deveriam estar ou num fórum ou num colegiado das licenciaturas, porque o projeto quando pensado, o projeto das licenciaturas deveria ser o mesmo nas instituições; quer dizer: o norte, o eixo da formação devia ser o mesmo. Quer dizer: que escola nós queremos? Que escola que nós temos? O que nós vamos fazer? E todos aqueles que estão fazendo licenciatura deveriam estar em torno dessa, dessa vamos dizer assim, dessa expectativa que se tem dessa construção dessa escola.</p>			
<p>Então, foi baseado na ampliação e na especificidade dessas três etapas que o pedagogo acompanha, mesmo sabendo que a educação básica é um todo, no entendimento da docência ampliada, porque ele precisaria de também não só da licenciatura <i>stricto-sensu</i>, mas também de entender, um pouco mais, em relação a gestão, ele deveria saber do planejamento</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ampliação;</li> <li>- Especificidade</li> <li>- Docência ampliada;</li> <li>- três etapas que o pedagogo acompanha</li> </ul>	<p>Docência ampliada</p>	<p>Docência ampliada</p>

da escola, do financiamento e como também conciliar um pouco do ponto de vista da carga horária com as demais licenciaturas.			
--	--	--	--

Depoimento	Explicitação dos significados	Categorias	Categoria
Outro pensamento que me parece que foi extremamente inovador foi pensar já a pedagogia nesse novo contexto escolar, de novos sujeitos que chegavam à escola. A escola pública, ela precisava não só de levar a cabo o direito à educação e por isso o acesso deveria ser urgentemente promovido, no entanto, o acesso não era suficiente, era preciso também trabalhar para que a permanência e a conclusão fossem de qualidade e eu digo com justiça, com equidade, que os estudantes pudessem concluir nas suas, eu chamo muito na idade certa, a gente não sabe se a idade certa é sete ou oito mas, no sentido de que ele pudesse ter um acompanhamento e um desempenho correspondente, àquilo que é o seu desenvolvimento.	- Acolhimento - Discussão social	Discussão social	Compromisso social

Depoimento	Explicitação dos significados	Categorias	Categoria
É! Todos esses princípios que estão aqui no artigo 6º da Resolução, que, vamos chamar assim, é centralidade. É, a centralidade do curso, mas o curso, ele não é feito só com a sua centralidade, a centralidade ela forma um eixo que depois ela vai ser enriquecida com aquilo que faz parte, do que nós vamos chamar das atividades complementares, nós vamos chamar do núcleo de aprofundamento. Quer dizer, como pensar esse currículo? Acho que é um desafio, e eu acho que nós não conseguimos pensar nesse currículo como desafio, nós pegamos as diretrizes, essa é uma análise que eu faço assim... muito simplória, eu não fiz nenhuma pesquisa. ... Nós até começamos a fazer uma pesquisa lá no Conselho Nacional de	- Como pensar o currículo? - Centralidade/eixo - Desafio	Estrutura do curso	Currículo

Educação, que foi a professora Leda Chaves que começou a fazer logo no início, mas ainda nem todos os cursos haviam já organizado os seus currículos a partir das novas diretrizes.			
Então, nesse sentido, princípios que foram pensados e que são extremamente importantes: é reconhecer a diversidade na escola e isso fica claro nas diretrizes da pedagogia; a importância de entender a relação planetária, a relação socioambiental, acho que são elementos novos, na formação de professores de zero a dez anos; e também, quando a gente passa a pensar já a estrutura do curso, a organização da proposta político pedagógica, que superamos aquela visão fragmentada anterior da divisão: 400 horas de prática, 400 de estágio, 200 horas de atividades acadêmico-científicas, culturais, porque é, aquela forma de pensar o currículo, ela era uma concepção de currículo, que o currículo ele era subdivido e competia então a instituição fazer uma proposta pedagógica que encaixasse dentro daquelas subdivisões.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estrutura curricular;</li> <li>- diversidade na escola;</li> <li>- estrutura do curso;</li> <li>- carga horária;</li> <li>- atuação de 0 a 10 anos;</li> </ul>	Estrutura curricular	Currículo
Então aquela estrutura curricular, a estrutura curricular da pedagogia... da organização do curso, ela é subdivida, em núcleo de aprofundamento e diversificação dos cursos: a subdivisão acho que ela é muito importante, o curso tem uma estrutura, tem um núcleo básico, e mesmo assim quando a gente faz apenas essa divisão, vamos dizer assim... didática, acaba que na cabeça, me parece, das pessoas que pensam o currículo, acham assim núcleo básico primeiro, depois vem o outro, depois vem o outro, e eu acho que isso dificulta um pouco a elaboração desse currículo orgânico. Veja, na estrutura do curso de pedagogia é respeitada a diversidade nacional, acho que esse é um dado fundamental, quer dizer que precisamos ter uma base nacional, mas o que significa uma base nacional também para um curso de pedagogia se não tiver um mínimo de diálogo com a educação básica?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estrutura curricular;</li> <li>- divisão didática;</li> <li>- currículo orgânico;</li> <li>- base nacional;</li> <li>- diálogo com a educação básica</li> </ul>	Estrutura curricular	Currículo
Bom, nessa estrutura do curso de pedagogia, nós temos então um núcleo de aprofundamento de diversificação de estudos e depois nós temos um núcleo de	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estrutura do curso</li> <li>- divisão didática;</li> </ul>	Estrutura do curso	Currículo

estudos integradores, e tem uma subdivisão de carga horária, agora quando fazemos uma subdivisão de carga horária, 2.800 horas, que fala assim: “dedicada às atividades formativas como assistência à aula e realização de seminários, participação na realização de pesquisas, consultas a bibliotecas, centros de documentação, visitas às instituições educacionais e culturais, atividades práticas de diferentes naturezas, participações em grupos cooperativos de estudo”, e quando faz essa divisão que é muito mais uma divisão didática, para conseguir organizar melhor esse currículo; quando se estuda os currículos, identifica-se assim uma fragmentação das 300 horas de estágio e 100 horas de atividade teórico-prática de aprofundamento em áreas específicas de interesses dos alunos por meio da iniciação científica, da extensão e da monitoria.	- carga horária		
---	-----------------	--	--

Depoimento	Explicitação dos significados	Categorias	
Então, esse foi um outro dado importante, porque nós tivemos clareza que o currículo precisa de ser pensado de uma forma orgânica, e aí se estabeleceu apenas a carga horária mínima para o estágio, favorecendo a autonomia das faculdades de educação para criarem os seus currículos a partir dessa realidade de novos sujeitos que chegam à escola.	- Autonomia das faculdades; - currículo de forma orgânica	Currículo	Autonomia
Bom, porque o estágio ficou só com 300 horas? Porque nós estabelecemos o que é mínimo na LDB, a escola pode fazer até mil horas de estágio se ela quiser ... então, eu fico pensando assim, ao mesmo tempo em que as universidades querem autonomia e falam da autonomia, quando se elaborou as diretrizes da pedagogia, que ficou para autonomia da universidade definir a carga horária de estágio que ela queria ou que ela precisava, que o projeto pedagógico exigia, acabou dizendo que o Conselho normatizou pouca carga horária para o estágio. Quer dizer, o Conselho estabeleceu o mínimo que está na Lei, em momento nenhum ele diz: é só 300 horas de estágio,	- Autonomia da universidade	Autonomia	Autonomia

<p>não. É um mínimo de 300 horas. Você pode por 1.000 horas, 2.000 mil horas, isso aí, depende agora, de quem faz essa avaliação. Quem faz essa avaliação da proposta não é o Conselho, quem faz a avaliação da proposta - antes era lá na SESu [Secretaria de Educação Superior], hoje quem faz avaliação da proposta é SERES [Secretaria de regulação e supervisão da educação superior], lá no Ministério da Educação.</p>			
<p>Olha, eu não acredito em alteração, das diretrizes não, porque as diretrizes elas não são operacionais, a gente não pode fazer uma diretriz, acho que a comunidade tem que entender que nós não podemos fazer uma diretriz dizendo assim: olha a universidade tem que dar 300 horas de alfabetização, porque todo mundo critica o curso de pedagogia que forma para atuar nas séries iniciais e que não tem alfabetização, que o professor sai sem saber alfabetizar. O que a diretriz diz é o seguinte: “ele vai atuar de zero a dez anos”, agora quem estabelece operacionalmente isso a partir... / A diretriz,.../ ela estabelece princípios, ela estabelece eixos estruturais, ela não estabelece operacionalmente como é que você vai organizar seu curso.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliação</li> <li>- Autonomia;</li> <li>- atuação de 0 a 10 anos</li> </ul>	Autonomia	Formação de professores
<p>Agora, pela lógica, se você vai atuar e basicamente, da pré-escola até dez anos, a alfabetização tem um papel fundamental nisso aí, e porque que os cursos de pedagogia não se preocupam também em formar um pedagogo que saiba alfabetizar? Eu não sei! Eu não sei! Porque em lugar nenhum aqui tá proibido, na diretriz não tem proibição de nada, não tem. Eu acho que é uma lógica: quem atua de zero a dez anos, acho que inclusive quando se pensa o curso e fala lá que você, na estrutura, que você tem o núcleo de aprofundamento, você pode aprofundar, você vai aprofundar, .../ isso eu achei assim que foi uma coisa formidável!! Por exemplo, bom, então meu aluno ou minha aluna ou acadêmico e acadêmica que entrou, qual que é a ideia? A ideia dela é que ela vai atuar de zero a dez anos, tudo bem, mas ela quer se especializar mais na creche, ela tem vários momentos pra isso, ela pode ser orientada pra isso nos seus estágios, ela</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Autonomia e estrutura curricular</li> <li>- atuação de 0 a 10 anos;</li> </ul>	Autonomia	Formação de professores

pode ser orientada pra isso no seu trabalho de monografia, você está entendendo? Ela pode ser orientada pra isso nesse núcleo de aprofundamento, – “ah, mas eu quero ser uma grande alfabetizadora!” -, ela tem todos esses espaços para você fazer um plano de estudo com ela para ela fazer isso			
--	--	--	--

Depoimento	Explicitação dos significados	Categorias	Categoria
É então, se tem as diretrizes; são ótimas? Não, não são ótimas. Poderiam ser melhores? Poderiam. Mas nos falta divulgação, nos falta uma implantação com debate e nos falta avaliação. Então se você me pergunta hoje o que precisa nessas diretrizes, eu vou perguntar é pra você que tá implantando o que é que você acha que precisa. Eu devolvo a pergunta pra você.	- Avaliação - debate	Debate	Diálogo

Depoimento	Explicitação dos significados	Categorias	categoria
Outro aspecto que eu acho inovador e importante também dessas diretrizes, foi pensar a formação de professores na perspectiva também de uma pesquisa, porque de primeiro a pesquisa vinha no bacharelado, professor não tinha pesquisa, pesquisa era no bacharelado, isso aí foi também um grande debate que aconteceu, quer dizer, nós não podemos formar um professor, sem ter uma mínima orientação sobre pesquisa, como se realizar uma pesquisa e a importância da pesquisa na formação e na chamada educação continuada quando ele está na realização do exercício profissional. Acho que esse também foi um elemento, ou talvez, um critério muito importante na elaboração dessas diretrizes.	- Pesquisa; - critério importante; - formação de professores;	Formação de professores	Formação de professores

Depoimento	Explicitação dos significados	Categorias	Categoria
Então, quando eu penso o curso de pedagogia e, também, que as faculdades de educação, elas precisam estar presentes nos debates nacionais sobre a valorização dos professores, elas não podem estar só dentro	- Debate; - Exercício profissional;	Valorização de professores	Debate



da universidade, elas precisam participar do debate nacional, quer dizer, quais os cursos que discutem a implantação do plano de carreira? Plano de carreira era para ter sido implantado em 2009, não foi, só que o plano de carreira, ele vai dar um impulso maior para quem faz pedagogia, porque vai ser uma profissão, ele vai ter condições de estudar, ser valorizado, ter carga horária para trabalhar, ter carga horária para planejar. Quer dizer, não dá para pensar na formação acadêmica sem pensar no exercício profissional, não é uma coisa amarrada na outra, mas elas têm uma articulação muito grande.			
---	--	--	--

Depoimento	Explicitação dos significados	Categorias	Categoria
Porque o pessoal espera uma cartilha. Você veja esse debate hoje da educação básica sobre a base comum nacional, O que a comunidade, parte da comunidade educativa, espera? Que saia uma relação de conteúdos que a escola precisa administrar. Isso gente, foi da década de 40, que eu tinha uma lista, tudo bem, a lista acabou? Acabou, o que, que passou a ser a lista? O índice do livro, porque também? Porque os nossos professores, eles têm uma certa dificuldade para criar, por isso que eu falo com minhas alunas assim: “vocês falam, ah curso de pedagogia tem muita teoria”, quem tem teoria, cria, quem não tem teoria, copia. Eu não acho que tem muita teoria no curso de pedagogia, não acho que é isso, acho que a gente, muitas vezes tá partindo, não da etapa correta, nós estamos deixando uma primeira etapa ser substituída pela segunda, porque a gente não está entendendo quem está chegando. Eu fiz pedagogia na década de 70, 60 que era uma coisa, até a década de 80, você podia até trabalhar da mesma forma, mas eu não acredito que a partir da década de 80 você possa trabalhar, o que que mudou desse período pra cá? Eu não posso falar, porque eu não estou dentro das faculdades, estou voltando agora, fiquei fora muito tempo, eu falo agora pelo que eu conheci da educação básica.	- Autonomia	Autonomia	Autonomia

Depoimento	Explicitação dos significados	Categorias	Categoria
<p>Talvez até porque eu tenha tido oportunidade de acompanhar vários estágios fora da escola, vou pegar um: pedagogia hospitalar. O que, que acontece? O que ele aprende na pedagogia, o que ele aprende no curso de pedagogia ele vai fazer isso não é no espaço da escola, ele vai fazer lá no hospital. Ele precisa ter algo mais, que é saber, inclusive, trabalhar com as emoções, porque de repente, dá aula hoje pro menino e amanhã chega o menino morreu, mas o que ele aprendeu lá, por isso que eu falo da importância da teoria, o que ele aprendeu no curso de pedagogia, ele leva lá, ele mudou o que? Ele mudou o espaço, mas a relação é professor-aluno, naquela relação de ensino-aprendizagem mesmo: um ensina e aprende, o outro aprende e ensina, isso pra mim ficou muito evidente.</p> <p>Outra área que eu acho extremamente importante: muitas das minhas alunas que eu acompanhei na área da educação em Organizações não Governamentais [ONGs] na educação ambiental, o que, que elas fazem quando chega aquele monte de meninos de escola que eles vão ao zoológico, que eles vão a um RPPN [Programa de Incentivo às Reservas Particulares do Patrimônio Natural], o que, que elas fazem lá? Elas dão aula. Só que elas dão aula num espaço aberto, não tem carteira, mas onde elas aprenderam? No curso de pedagogia. E se elas saem com a consistência boa, elas dão conta de fazer a adaptação. Outra área que eu fiz muito estágio, talvez pela minha idade, .... (ri) / que é abominável aqui nessa universidade, que é a pedagogia empresarial, que chamava assim de primeiro e depois passou a chamar de pedagogia institucional, o que faz? Ele faz um trabalho extremamente integrado ao psicólogo, o psicólogo faz seleção, e ele faz formação. E, não faz formação na escola? Ele faz formação na empresa, quer dizer, o que ele aprendeu em</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Espaço formal</li> <li>- Espaço não formal</li> <li>- instrumentos pedagógicos;</li> <li>- conhecimento profissional;</li> <li>- teoria;</li> <li>- atuação;</li> <li>- relação ensino-aprendizagem;</li> </ul>	Exercício profissional.	Exercício profissional

<p>didática de planejamento, /depois vou te dar um exemplo, isso foi um aluno que me fez entender isso, porque eu tive que descobrir pra ele como que didática era importante pra ele, depois vou te falar/, então, quer dizer, o que a pedagogia me fornece? Me fornece os instrumentos pedagógicos para relação da aprendizagem. Você tem um monte de pedagogo que trabalha em jornal, pra fazer o que? Para fazer reportagem. Por quê? Porque ela precisa de conhecer criança, “ah mas o de psicologia também pode”, mas o de psicologia não tem o domínio da aprendizagem, não tem, ele pode ter o conhecimento sobre a criança.</p>			
--	--	--	--

#### QUADRO 9 - Categorização: PESQUISADOR 1

Depoimento	Explicitação dos significados	Categorias	Categoria
Então a Anfope, ela tem uma defesa fortíssima em relação às diretrizes: que o currículo não seja organizado por disciplinas, mas organizado por meio de, nós chamamos de eixos curriculares, pode chamar do que quiser. Então o elogio que eu faria diretamente às diretrizes atuais de 2006, é que sugere-se que o currículo seja organizado por núcleos, então eu vejo que é um avanço muito grande.	- Currículo organizado por eixos e não por disciplina	Eixos e disciplinas;	Currículo
Então é: não organizar em disciplina e ter uma base comum nacional na instituição que possa fomentar os cursos de todas as licenciaturas e depois a formação específica, depois não, é concomitante. Esse depois é nas disciplinas que nós temos aqui, que o estágio só começa a partir da segunda metade do curso.	- Base comum nacional	Base comum	Currículo
Então por isso que a gente não pode ter um currículo <u>mínimo... mínimo</u> , nós podemos ter uma base. Que nos dá uma garantia de identidade. Então, currículo mínimo <i>versus</i> base comum nacional é a nossa defesa, e isso está subliminarmente, expresso nas diretrizes, a base comum nacional, mas tem lá a defesa da docência, então foi o grande ganho do movimento nas diretrizes: é a	- Currículo mínimo X base comum nacional; - Docência como base de formação	Organização do curso	Currículo

docência como base de formação.			
Então são esses os princípios da base comum nacional, desde que ele assuma como compromisso social ser professor, porque se ele for só cientista, ele tem um compromisso social com a pesquisa, mas daí não tem o compromisso social como docente. Então essa é a nossa insistência na Anfope. Você é um pesquisador, mas você tem um compromisso com o trabalho docente e você tem compromisso com a gestão da escola, do sistema, do currículo, da tua sala de aula.	Princípios da base comum nacional	Base comum	currículo

Depoimento	Explicitação dos significados	Categorias	Categoria
Então eu estou te contando os meandros das diretrizes... E que eu acompanhei isso, porque eu sempre estive na militância à frente da defesa da pedagogia como ciência. Eu acredito nisto. A pedagogia como ciência. Ela ainda não tem um estatuto próprio, mas ela está avançando pra isso./Bem, então, isto foi bloqueado, daí quando nós conseguimos foi quando o governo Lula entrou, houve mudança quase que total dos conselheiros.	- Militância; - Debate; - Pedagogia como ciência;	Militância	Debate
Porque a gente sempre estava do lado de cá, porque sabe que, o movimento ele tem um contra movimento ao governo porque nós precisamos defender os interesses maiores da população, e eu trabalho muito com movimentos sociais então esse é o meu referencial teórico. São os movimentos sociais e a pedagogia com ciência.	- debate	Debate	Debate

Depoimento	Explicitação dos significados	Categorias	Categoria
Um outro ponto alto, que eu acho interessantíssimo, é que cada instituição, preservando o núcleo básico, ela pode ter o curso de pedagogia que ela desejar, isso as diretrizes nos dão liberdade, só que as instituições não estão sabendo usar deste direito, está lá claro.	- Autonomia - Núcleo básico	Autonomia	Autonomia
Bem, então voltando às diretrizes, eu creio que eu só tenho mais uma questão negativa:	- Autonomia; - certificação;	Autonomia	Autonomia

<p>as diretrizes sustentam a existência de um sistema de certificação... e esse sistema de certificação é a grande regulação do estado, que acaba tendo um modelo, um modelito, que interfere no reconhecimento dos cursos, por exemplo. Então você não pode fugir daquele modelito das competências, você entende como as diretrizes, elas avançam, mas ao mesmo tempo elas, pelas injunções jurídicas, elas retrocedem?</p> <p>Porque, ( ), olhe: toda instituição tem condição, respeitando os núcleos articuladores ela pode colocar o que quiser no seu currículo, ela pode formar só o docente que é o caso da Federal, pode formar o docente-gestor-pesquisador que é o caso aqui da Católica.</p>	- competência;		
---	----------------	--	--

Depoimento	Explicitação dos significados	Categorias	Categoria
<p>A partir dos grandes movimentos, e não éramos, não somos só nós que defendemos isso, são cinco entidades científicas que trabalham em conjunto: a Anfope, a Anped, [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação], o Forumdir [Fórum Nacional de Diretores de Faculdades, Centro de Educação ou Equivalentes das Universidades Públicas Brasileiras], que é Associação dos Diretores de Faculdades e Similares de Educação Pública, a outra instituição é a Anpae [Associação Nacional de Política e Administração da Educação], que você deve conhecer.</p>	- Diálogo entre as entidades;	Diálogo	Diálogo
<p>Eu acredito agora nessa ideia que nós estamos defendendo, que nós começamos a defender durante todo o período que nós tivemos de preparação para o Plano Nacional de Educação [PNE], as audiências públicas que nós tivemos na comissão especial de educação, que o plano ficou por três anos e meio e depois foi para o senado e depois retornou para ser referendado ali e que acabou saindo, ahn, não o plano que a gente deseja, o plano nacional, porque tem muitas questões que não são decorrentes da Conae [Conferência Nacional de Educação] que nós tivemos indicações, perdemos muita coisa no plano, perdemos no sentido de</p>	-Diálogo; - debate entre as entidades;	Diálogo	Diálogo

movimentos sociais, a correlação de forças foi muito difícil na Câmara.			
---	--	--	--

Depoimento	Explicitação dos significados	Categorias	Categoria
nós partimos do princípio que todo pedagogo é professor e um cientista e um gestor. Essa é a grande defesa que nós temos.	- Pedagogo-professor, cientista e gestor	-Identidade profissional;	Pedagogo
Até eu queria trazer pra você um livro que nós publicamos aqui, eu e do nosso professor, mas eu não tinha um volume em casa, é ... casa de ferreiro minha querida/ é sobre identidade profissional/ , eu defendo nesse livro a identidade profissional, com base na docência, mas ele é um pedagogo que eu denomino de <i>unitas multiplex</i> , que, não fui eu que inventou essa expressão, ela vem de Carolo, um estudioso chileno, de formação de professores e significa o seguinte: eles não chamam de pedagogo, eles chamam de professor, mas esse professor da pedagogia, eles chamam de metodólogo, no Chile, assim como em Cuba, todo pedagogo é metodólogo.	- Metodólogo	- Identidade profissional;	Pedagogo

Depoimento	Explicitação dos significados	Categoria
Bem, essa expressão [ <i>unitas multiplex</i> ], ela indica que o nosso pedagogo das diretrizes e ali a gente encontra respaldo nas diretrizes 2006, que ele é, um professor, ele é um pesquisador, porque não existe professor sem ser pesquisador, e ele é um gestor. Agora, o que tem sido interpretado, às vezes equivocadamente, que esse gestor é que ele é apenas o diretor de escola, não é isso. Primeiro ele é o gestor da sala de aula, você não abre mão de ser o coordenador geral da tua sala de aula como pedagogo, não pode abrir mão.	- Docência ampliada Unitas multiplex	Docência ampliada
Agora esse gestor, ele começa a ser o gestor da sala de aula, ele pode ser o gestor de um curso como coordenador, ele pode ser um supervisor quando ele trabalha com a relação com os professores, é um gestor, todos eles são gestores, e ele pode ser gestor do sistema nacional de educação, por exemplo. Então, é um gestor com uma visão bastante ampla. E é isso que nós temos como identidade do pedagogo.	- Docência ampliada;	Docência ampliada
A LDB tem um conceito de educação muito ampliada que diz que a educação, ela se faz na escola,	Conceito de educação	Docência ampliada

nos movimentos sociais e no mundo do trabalho. Tem lá que a educação está em todos os espaços: na escola, nos movimentos sociais e no mundo do trabalho. Com isso, nós colocamos, por esse conceito ser tão amplo da educação, nós colocamos como princípio a articulação entre formação inicial e continuada, o pedagogo não pode ficar na formação inicial, ele tem que estar em constante aperfeiçoamento ou na própria escola, como a escola reflexiva ou nos cursos como você tá fazendo aí seu doutorado, nos cursos de especialização, no mestrado.	ampliado pela LDB	
--	-------------------	--

Depoimento	Explicitação dos significados	Categoria
Bem, ponto negativo, nós perdemos uma tese que o movimento defende há muito tempo, ponto negativo das diretrizes. É exatamente a identidade da pedagogia como ciência, o que, que nós desejávamos? Que o curso fosse chamado assim: <u>curso de graduação plena em pedagogia</u> e não <u>diretrizes curriculares nacionais para licenciatura plena de pedagogia</u> , que é o que saiu. Que nós entendemos que só a licenciatura restringe a amplitude da atuação do profissional que... pelas diretrizes eles determinam a formação, agora é lá no movimento social, é nas relações sociais, é lá na escola que se define a atuação do pedagogo. E a atuação do pedagogo não se restringe a docência. Então nós perdemos essa tese, que nós queríamos um curso de graduação em pedagogia em que bacharelado e licenciatura estivessem articulados, então esse foi o grande defeito, se você quiser colocar como ponto <u>altamente negativo</u> .	-Pedagogia como ciência	Pedagogia como ciência

Depoimento	Explicitação dos significados	Categoria
Tem mais um, e aí, independe das forças tanto dos movimentos sociais quanto dos conselheiros progressistas do Conselho Nacional [CNE], o que, que acontece na base da formulação das diretrizes? Está pautado exatamente na formação para o mercado de trabalho e não está pautado na formação humanística do pedagogo, então, porque que aparecem lá <u>15 competências</u> dentro das diretrizes? Por quê? Porque é para atender o mercado de trabalho e não é pra atender um curso pautado numa epistemologia humanista, porque o pedagogo, ele necessariamente tem que ser formado com os princípios humanistas, então aí tá o grande nó das diretrizes. Porque como era padrão o modelo das diretrizes, no conselho, para todas as	-Diferentes necessidades formativas;	necessidades formativas

diretrizes do ensino superior tinha que ter arrolado as competências, era um esqueminha assim: perfil que se quer formar e as competências que são o núcleo da formação, esse é um crime que se cometeu, pois as competências são decorrentes da formação e não são o núcleo da formação do pedagogo. Porque tem em todos os cursos, <u>todos</u> os cursos do ensino superior, foi o modelo que o MEC impôs.		
ele deve atuar em todos os espaços onde o ato educativo acontecer. <u>Essa é nossa defesa!</u> Então, nós temos que formar o pedagogo, aqui nós temos três vertentes muito claras: nós formamos um pedagogo para atender crianças como pacientes terminais de câncer, eles têm uma especialidade no currículo, quando eles vão fazer estágios...; nós temos também o pedagogo para trabalhar com os recursos humanos da empresa para humanizar mais as empresas, não é para, como dizem, “você estão formando pedagogo empresarial?” Jamais, nós estamos formando um pedagogo que tenha condições,... aí sim entram as competências. Tenham conhecimentos, saberes, competências, habilidade para humanizar mais as relações humanas nas empresas. Torná-las mais humanas, as relações sociais. Então nós somos totalmente favoráveis a atuação em espaços não escolares.	-Diferentes necessidades formativas; - Espaços escolares e não escolares; -Competências;	Necessidades formativas

Depoimento	Explicitação dos significados	Categoria
Então, foi um conceito cunhado justamente para se contrapor ao currículo mínimo, e ele tem princípios que são bastante, por ser princípio, tem uma amplitude e a própria coordenação do curso e agora o núcleo estruturante do curso, eles têm possibilidade, têm liberdade de ir assumindo como princípio sem engessar o currículo, e esse era o nosso desejo: ultrapassar, descartar o currículo mínimo e termos esses eixos, que depois eles, ao longo dos nossos debates, eles foram sendo considerados princípios. Primeiro eles nasceram como eixos curriculares, então um dos eixos é aquilo que todo mundo reclama que o curso de pedagogia é muito mais prático do que teórico e não é verdade, mas então a gente trouxe como um dos princípios: a sólida formação teórica do pedagogo.	Autonomia Sólida formação teórica	Autonomia
O terceiro princípio é a articulação teoria-prática, que é até tautológico repetir isso, mas o que, que acontece? Os alunos não encontram na formação deles essa articulação, eles vivem dizendo que não encontram,	Relação teoria e prática	Relação teoria e prática



que o professor não consegue fazer essa articulação. E a nossa luta é que esse princípio atravessasse o currículo todo, principalmente com eixos que possam, nós temos, por exemplo, essas atividades complementares, que são as 200 horas, eles tem a liberdade de cursar fora, em outras atividades.		
O que, que, quando eu falo dos princípios, os princípios todos, ali há uma articulação teoria e prática, na base comum, e eu sou defensora dessa base, na atitude do professor, por exemplo, se você é professor de didática, porque não trabalhar de uma forma democrática? O aluno diz assim: “ah eu não quero fazer esse plano de ensino aí porque - ô coisa chata”! E tem o modelito ali do professor de didática e ele não libera para uma outra estrutura de plano.	Princípios articulação teoria e prática;	Relação teoria e prática
Então, eu sempre digo, se nós conseguíssemos entender que as diretrizes curriculares nos dão orientação para a formação, mas elas apontam também para que você articule com a prática, porque você tem liberdade no seu currículo para fazer, nós transformamos as atividades complementares em... /um exemplo que eu quero dizer de prática também, nós pegamos literatura, por exemplo, para eles estudarem literatura infantil: todos os professores recomendam que eles leiam naquele semestre tais e tais livros. E nas atividades complementares se faz articulação do que se fez na disciplina daquele professor e o que se conseguiu fazer na prática; ele como professor, se ele conseguiu aplicar aquela literatura lá no trabalho dele, então é dessa forma.	Autonomia Articulação teoria e prática	Autonomia
Então eu encontro alternativas, primeiro na liberdade que se tem de colocar as disciplinas que você desejar no teu currículo desde que você respeite os núcleos, tem que ter conteúdo básico, tem que ter os conteúdos que você vai... aí que você pode fazer uma articulação direta para profissão e tem toda a parte complementar, então você tem liberdade para usar. Agora é <u>atitude</u> , em primeiro lugar, teoria e prática, a unidade teoria e prática é <u>atitude do professor</u> , entende? O professor tem que ser formado pra isso, o problema é que nós somos formados no tecnicismo.	Autonomia Relação teoria e prática	Autonomia

Depoimento	Explicitação dos significados	Categoria
É, a outra questão, que é princípio, que é o compromisso social profissional do pedagogo.	Compromisso social	Compromisso social
Porque falamos do compromisso social do pedagogo? Surgiu no nosso movimento, aquelas avaliações que os alunos chegam e dizem assim: “olha, eu vim fazer	Compromisso social	Compromisso social

<p>pedagogia mas eu não quero ter aluno, eu quero ser só dono de escola”; o outro diz assim: “ah, eu odeio criança”!, em compensação outros ingênuos dizem que “só vieram fazer pedagogia porque eles adoram criança pequena”. Então vem como uma ingenuidade tal que esse compromisso social do pedagogo como profissional, ele não aparece nos anseios dos nossos alunos. Então, a partir disso, nós estamos discutindo esse princípio, e esse é um princípio: é o compromisso social, você ter o compromisso social que você vem fazer pedagogia, você tem o compromisso social de atender criança pequena, se você não gosta da criança pequena, mas você tem o compromisso social de atuar como professor de primeiro a quinto ano, então é por isso que ele é um dos princípios norteadores da formação.</p>		
--	--	--

Depoimento	Explicitação dos significados	Categoria
<p>Então você tem que ter um propósito de ir numa articulação, o pedagogo ele é destinado à educação básica, prioritariamente, então tem que ter essa articulação com a educação básica./</p> <p>Nós temos uma disciplina aqui que faz, pretende fazer, e não é estágio, se chama “ação pedagógica na escola”; eles vão para a escola para conhecer a escola como um todo e daí os alunos ficam um ano nessa é... no conhecimento, só o CMEI [Centro Municipal de Educação Infantil], por exemplo, de educação infantil; conhece a outra de ensino médio, as que têm só a primeira fase, que nós chamamos aqui de primeira etapa do ensino fundamental, e assim eles vão desenvolvendo essa disciplina tomando contato com toda a dinâmica escolar. Depois quando eles vão para o estágio eles estão tranquilos, ninguém teme estar no estágio.</p>	Relação com a educação básica	Relação com a educação básica

#### QUADRO 10 – Categorização: PESQUISADOR 2

Depoimento	Explicitação dos significados	Categoria
<p><i>E não curso de pedagogia.</i> É um curso de licenciatura em pedagogia. Mas aí as coisas, eu imagino que você não estranha essa minha posição, a minha resistência a esta resolução, que é resistência ao modo de pensar e operar da Anfope, ... eu não acho que um curso de formação devesse se chamar curso de pedagogia, de maneira que eu também não acho que o egresso desse</p>	<p>Não é curso de Pedagogia, é uma licenciatura da educação infantil e séries iniciais</p>	Pedagogia

<p>curso se chame pedagogo. Então é um curso de licenciatura para a Educação Infantil e Séries Iniciais.</p>		
<p>Então a questão que me parece crucial.... é que eu tenho um raciocínio de que há um sentido amplo de pedagogia e um sentido estrito. E o sentido amplo de pedagogia, é de que a pedagogia é um campo teórico, é um campo teórico investigativo. E com todas as restrições que muita gente faz a essa expressão, vamos dizer assim: a pedagogia é um campo científico, ela tem o seu corpo conceitual, ela tem os seus processos investigativos, ela tem as suas regras de validação da investigação, ela, na minha maneira de ver, ela resolve requisitos do campo epistemológico. Então eu acho que pedagogia tem um sentido amplo e um sentido estrito. E é claro que sob certo ponto de vista, todos os profissionais que trabalham, que atuam no âmbito de... vamos dizer de transmissão de saberes de modos de ação, todos esses, todo mundo que trabalha com formação humana, saberes, modo de agir, todos são pedagogos. Eu não sei por que chamar de pedagogo o professor das Séries Iniciais e não chamar de pedagogo o licenciado em química, em física, como não chamar de pedagogo o professor de Ensino Superior. Quer dizer, então, nesse sentido, todos somos pedagogos. Agora, no sentido estrito, a pedagogia acaba se desdobrando, em vários subcampos como é o caso da teoria da educação, a didática, a história da educação e todas as demais ciências e sociologias da educação, história de educação e etc. E, de maneira que nesse sentido, uma coisa é a pedagogia e outra coisa é a docência. Então eu não posso concordar, desde o começo eu me firmo nessa oposição da redução do campo profissional da pedagogia à docência ou até como eu costumo dizer uma condição simplista e reducionista de pedagogia. E, portanto, do exercício profissional do pedagogo.</p>	<p>Pedagogia sentido amplo e restrito. Pedagogia – diferente de docência</p>	<p>Pedagogia</p>
<p>A terceira crítica, acho que, a primeira eu já falei que é misturar pedagogia com formação de professores. A terceira crítica é a confusão conceitual, acho que as diretrizes sofrem de uma <i>pobreza conceitual imensa</i>, ela não dá conta de resolver conceitualmente temas centrais da teoria pedagógica, e minimamente educação-pedagogia-docência. Um termo é tratado pelo outro, e o termo principal fica subsumido no termo secundário que é a docência como objeto do curso de pedagogia. E, se for levar em conta também outros termos como gestão, avaliação é visível a <i>dubiedade</i> terminológica da resolução, por exemplo, em algum momento diz: “o objeto do curso de</p>	<p>Confusão conceitual</p>	<p>Conceitos</p>

<p>pedagogia é a docência”, e em outro momento diz: “não, ele prepara pra atividades educativas”, se você fizer uma análise detida você vai ver lá que em alguns momentos ele diz: “esse curso se destina a formar professores para o exercício profissional em atividades educativas”, em outros momentos para as atividades docentes. Atividades educativas e atividades docentes é a mesma coisa? Tudo se mistura?</p>		
<p>Eu pesquisei os 41 cursos de licenciatura de pedagogia do meu estado. Eu queria saber nessa pesquisa, três coisas: qual é o lugar, qual a percentagem da carga horária total do curso, qual é a percentagem que cabe, que está destinada ao que eu chamo de conhecimento profissional específico de professor, tá? E eu entendo que conhecimento profissional específico de professor é: didática, metodologias específicas e conteúdos do Ensino Fundamental que os professores vão ensinar na escola. Essa pesquisa tá publica também, eu escrevi vários artigos diferentes em torno desse tema e o que eu conclui basicamente dessas pesquisas: que em média 28% da carga horária do currículo é destinada a isso que eu chamo de conhecimento profissional específico... do professor; há uma série de conclusões, mas eu reconheci, porque eu estudei também as ementas, eu reconheci também nesses currículos uma didática muito frágil com forte caráter ainda instrumental, e uma didática genérica e retórica que passa longe da problemática teórica e prática, da natureza do campo do didático que é o ensino aprendizagem.</p>	<p>Conhecimento profissional específico</p>	<p>Exercício profissional</p>
<p>Bem, a outra coisa que eu queria colocar como introdução pra responder sua pergunta, é que outra pesquisa que eu identifiquei é que o sistema de formação de professores no Brasil, ele possui dois formatos distintos: um no que se refere ao chamado curso de licenciatura em pedagogia e outro no que se refere às demais licenciaturas. Então a licenciatura em pedagogia, eu digo assim, simplificando o meu pensamento, eu digo assim que a licenciatura em pedagogia <i>tem muita pedagogia e zero de conteúdo</i>. E que nas demais licenciaturas que formam professores a partir do 6º ano, você tem muito conteúdo e pouca pedagogia. No caso da pedagogia eu ponho zero mesmo. Mas na licenciatura ainda tem aí um pouco de conteúdo. Qual é a questão chave que se põe aí? A questão chave que se põe aí é de que a formação de professores, independentemente da modalidade atendida, a ser atendida, ela tem a ver diretamente com a relação entre o conhecimento pedagógico e o conhecimento disciplinar. Por quê? Na lógica do meu</p>	<p>Pedagogia X outras licenciaturas</p>	<p>Pedagogia</p>

<p>raciocínio, segundo o qual a questão da escola tá vinculada ao saber, ao conhecimento, e a partir daí é que nós vamos verificar outras relações importantes, incluindo a diversidade, se isto faz sentido, então, você tem o trabalho docente necessariamente vinculado a um saber. Eu não vejo o trabalho docente desvinculado de um saber.</p>		
<p>É, mas tudo bem, eu primeiro distinguiria num curso de pedagogia a formação do pedagogo, vamos chamar, especialista, a formação do professor de Educação Infantil e de Séries Iniciais, e a formação continuada de professores; eu teria um curso de pedagogia com esses três blocos, no mesmo lugar. Vamos dizer que o curso de pedagogia, o pedagogo, especialista que eu defendo, ele faria estudos teóricos de pedagogia, preparação para investigação científica e para o exercício profissional no sistema de ensino nas escolas e outras instituições de natureza educacional e ensino. Há um monte... há uma lista de coisas aqui da utilidade de você ter um curso para formar o pedagogo, <i>stricto sensu</i> propriamente dito. Não vou falar a lista aqui, mas não é difícil de ter isso, tá publicado inclusive. Eu criaria então um outro bloco para os professores para a Educação Básica, e depois um sistema de formação continuada, visando o atendimento aos professores da rede, à coordenação de atividades de estágio, estruturas de apoio didático metodológico, biblioteca, centro de documentação à disposição dos professores, publicações de periódicos de cunho pedagógico didático, etc., etc., etc. Eu criaria um espaço institucional para segurar a presença de professores das escolas nos cursos e eventos do curso de pedagogia, fazendo um pouco este vai e vem da escola pro estudo, do estudo pra escola.</p>	<p>Organização do curso de pedagogia (currículo?)</p>	<p>Currículo</p>
<p>É, vamos dizer que, com todas as contradições hein Margarete? Cursos normais como o Cefam, em São Paulo, eram melhores do que qualquer curso de pedagogia hoje. É,...tinha, eu tinha muito amor pelo Cefam. Assim como há notícias, e pesquisas de que, de que o curso normal, era muito bom, o curso normal cumpria muito bem a sua função, de uma maneira ate muito mais eficaz do que os atuais cursos de pedagogia, com base nessa legislação. Então vamos dizer que como princípio geral, é importante que, todos os professores sejam formados em nível superior, desde que esses cursos tivessem a qualidade necessária, e a qualidade necessária é aquela que prepara profissionais pro exercício profissional competente, para atender as necessidades das crianças. Dentro de um determinado perfil, que por sua vez</p>	<p>Contradições</p>	<p>Críticas</p>

depende da concepção de escola. Então eu bato muito nisso. Dependendo da concepção que você tem de escola, tudo mais vai estar subordinado.		
---	--	--

Depoimento	Explicitação dos significados	Categoria
... É, nesse texto é que eu falo... por exemplo, primeira coisa... ele se destina a formação de professores para um monte de modalidades, Educação Infantil, Anos Iniciais, Ensino Médio na modalidade Normal, Educação Profissional na Área de Serviços de Apoio Escolar, mas não há nenhuma orientação nas diretrizes sobre a formação específica a cada um desses cursos. Então não é só a crítica que muita gente faz de uma formação genérica. É uma formação difusa, é uma formação fragmentada, quer dizer, é uma licenciatura única para várias modalidades de ensino que tem peculiaridades totalmente identificáveis. Por exemplo, como é que pode formar em 3 anos e meio, em 4 anos, 3.200 horas, um profissional para a Educação Infantil e para as Séries Iniciais? Não to nem falando dos outros cursos aqui, meio malucos. E, até onde eu sei, a titulação que o egresso recebe é licenciado em pedagogia.	Formação genérica. Diferentes modalidades. Docência Ampliada. Tempo de duração do curso	
Bem, a segunda crítica, muito forte, é o que eu chamo de <i>pulverização da noção de docência</i> . Então se você pega o artigo 4º e parágrafo único da resolução, você tem lá, que as diretrizes são elaboradas pra formar na docência, na gestão, no planejamento, na coordenação, na avaliação de atividades educativas, o que eu acho um absurdo, que é um <i>entendimento genérico de atividades docentes</i> . Esse tipo de coisa, assim eu já discuti muito, você conhece muito bem essa discussão, uma coisa, Margarete, é você formar, é você ter espaço no currículo de formação de professores, para as Séries Iniciais, para a participação na gestão, tô absolutamente de acordo, prego isso. Eu já fui diretor de escola 12 anos da minha vida, quando você tava contando a sua trajetória, eu também fui diretor de escola, 12 anos, e então, assim, uma coisa é... /	Entendimento genérico de atividades docentes. Docência Ampliada	Docência ampliada / crítica
... até o livro que eu escrevi: “Organização e Gestão”, tá escrito lá com todas as letras: “este livro se destina a ajudar a preparar os professores para participarem das práticas de gestão, processos de tomada de decisão,” e enfim... Outra coisa é você institucionalizar que este curso de 3.200 horas forma o gestor. Isto pra mim é <i>uma brincadeira</i> , total. Assim, não... não vejo sentido. E, isto é explícito nas diretrizes. É, aí neste, eu creio que o principal dele é essa ideia de que o curso de pedagogia forma pra gestão, pra planejamento, pra	Professor X gestor Carga horária/ duração do curso	Formação / crítica

coordenação, pra avaliação e etc.		
<p>Outra questão séria esta imprecisão do percurso curricular para a Educação Infantil e para as Séries Iniciais.</p> <p>Sem falar das outras finalidades que são colocadas ali logo no começo: Ensino Médio e etc. Alguns cursos tão fazendo, tão diferenciando Educação Infantil e Séries Iniciais. Mas são coisas tão diferentes... são exercícios profissionais tão distintos. Então, o problema do percurso curricular não diferenciado.</p> <p>A outra questão é a questão das habilitações, perdão, vamos falar primeiro das atribuições docentes, é um total “samba de crioulo doido”. O docente vira um super profissional ... ele tem que fazer um monte de coisas. E a redação dessas atribuições mistura objetivos, conteúdos, até recomendações morais, gerando superposições e imprecisões quanto ao perfil do egresso. Mas esse, depois eu vou tentar explicar na minha maneira de ver hoje sobre esse, esse tema desta diversidade, não era esta... como é que se diz? Essa mistura de atribuições de todo tipo.</p>	Imprecisão do percurso curricular	Percurso / crítica
<p>.... O tema das habilitações, o artigo 10 determina a extinção de todas as habilitações decorrentes da legislação anterior, mas aparece num artigo à expressão que é.... sobre a atuação profissional desse pedagogo, entre aspas, e que levaria ao curso, no currículo do curso, aprofundamento e diversificação de estudos voltados às áreas de atuação profissional; áreas de atuação profissional é outro nome de habilitação. Então aqui ela extingui as habilitações antigas, anuncia que elas podem existir, no entanto, não há nenhuma orientação mais explícita e nem sei como é que os cursos estão fazendo isto hoje. E o artigo 14, na minha avaliação pelo conjunto das críticas, o artigo 14 é inteiramente descabido. Esse artigo diz que... o artigo 14 assegura a formação de profissionais de educação previsto no artigo 64 da LDB. Você, você tá lembrada, não é, desse artigo 64 da LDB? Então lá que fala das habilitações explicitamente. O que que a resolução diz? Uma vez que as diretrizes formam no mesmo curso o docente, o gestor e o pesquisador, então as diretrizes resolveram o problema da formação específica, essas áreas de atuação profissional específica.</p>	Formação – docente, gestor e o pesquisador	Formação / crítica
<p>você tá perguntando para mudar o currículo de pedagogia, outras diretrizes, curriculares, essa não serve para o que eu estou falando, então fazer formação de nível superior do jeito que está, melhor deixar a formação de curso normal, porque não está ajudando nada. Os professores não tem conteúdo, você</p>	Atuação docente/ formação/ currículo	Currículo

sabe disto ! Você pega professora de matemática, das crianças, ... vai lá nas escolas, lá em, São Paulo, não precisa ser nem de periferia, e, a professora não sabe..., ela não estudou o conteúdo de matemática, o que ela faz? Ela vai pegar o livro didático, mas ela não tem raciocínio matemático, ela não incorporou os procedimentos lógicos e investigativos da matemática, para ajudar a formar nos alunos operações mentais para pensar matematicamente. Então ela vai ensinar matemática errado		
--	--	--

Depoimento	Explicitação dos significados	Categoria
São apenas funções diferentes, mas todos são trabalhadores, todos são educadores. Portanto, o coordenador pedagógico e o diretor na divisão social do trabalho, eles exercem o papel de dominadores, e os professores acabam colocados na função de dominados. Por mais que se possa achar aí, isso uma simplificação. Eu continuo achando que foi a partir desse raciocínio que apareceu esse mote da Anfope. Todos são docentes, o gestor é docente, o pesquisador é docente, o avaliador é docente. Então é com isso que vamos derrubar o pedagogo especialista, o que aconteceu então? Uma série de absurdos. Você pega qualquer currículo de faculdade, aqui, federal daqui, a católica, você tem, quando muito, uma disciplina de organização e gestão, as vezes com outro nome, de 60 horas, as vezes você tem o que se chamava antigamente estrutura e funcionamento de ensino, também com outro nome, e acabou gestão. Quer dizer, com 120 horas no total do curso, supõem-se que você forma o gestor, o diretor, o coordenador pedagógico, o supervisor de ensino.	Autonomia da universidade	Autonomia

Depoimento	Explicitação dos significados	Categoria
Bem, eu entendo que é absolutamente crucial, você ter diretores de escola e coordenadores pedagógicos, preparados cientificamente e profissionalmente para assumir seus papéis na escola. E pra isto é necessário uma formação específica, as práticas de gestão implicam conhecimentos específicos. Não só do ponto de vista organizacional, administrativo, ... uma formação pedagógica, o coordenador pedagógico por exemplo, precisava conhecer muito bem epistemologia, ele tinha que ter uma noção muito boa do caráter epistemológico das disciplinas, ele não precisava ser matemático, mas ele precisava dominar o processo do conhecimento matemático, para ele	Formação do especialista bacharelado	Especialista



<p>poder/ Eu acho que a principal função de um coordenador pedagógico é assistir aulas dos professores. Para ajuda-los. Tudo combinado tudo acertado, numa prática cooperativa. Reuniões de trabalho, atividades de pesquisa, etc. Eu tenho aqui uma lista de atribuições da coordenação pedagógica que são práticas profissionais, muito específicas. Enfim, eu quero todo esse pessoal num curso de pedagogia, num bacharelado, para formar esses profissionais, isto é de justiça, para resolver a pergunta: Para que servem as escolas. As escolas servem para ajudar os alunos, a desenvolverem seus processos de pensamento por meio dos conteúdos, é simples de dizer, mas tem uma complexidade imensa nisto. É Margarete, é assim, em linhas gerais, isso que eu penso sobre a formação do especialista.</p>		
--	--	--

Depoimento	Explicitação dos significados	Categoria
<p>[...] existem hierarquias de poder, de campos científicos, e, muito claras. Nos cursos de pedagogia e nas licenciaturas. Por exemplo, é sabido que a grande maioria dos colegas que ensinam filosofia da educação, eles não tem vínculos com as escolas, não tem vínculos com os trabalhos dos professores, eles não tem vínculos com a problemática da escola. O que acontece? Teoria, muita teoria desvinculada da prática. Da mesma maneira se aplica a todas as disciplinas dos fundamentos da educação. É, talvez seja um pouco retórico. É isso que eu, que a gente diz, muita gente diz e eu também digo. Nenhuma teoria deveria estar desassociada da prática, assim como nenhuma prática devia estar desassociada da teoria.</p>	Relação teoria e prática	Relação teoria e prática
<p>Eu não concordo por exemplo, com argumentos de colegas - uma representante clássica desse pensamento é a Guiomar e, as vezes também a própria Bernadete também tem esse raciocínio - Que o curso de pedagogia devia se centrar na formação prática do professor. Eu não gosto dessa maneira de entender. Eu acho que o que resolve o problema da teoria, da relação teoria e prática, é um entendimento de que o processo de ensino deve estar diretamente articulado com os processos de investigação. O que significa entender a pesquisa, como metodologia de ensino, nas matérias. A pesquisa como investigação da prática. Quer dizer, ela é tanto instrumento de ensino, como concepção de currículo. Eu tenho medo de que esse modo de formular fique parecendo que eu quero simplificar o currículo de formação na pesquisa, não é</p>	Formação prática	Relação teoria e prática

<p>isto. Quer dizer, a pesquisa aparece como uma condição instrumental pra disciplinas de conteúdo, pras disciplinas de estágios. É isto que eu acho. Assim o tema da teoria e da prática, na verdade, pra entender um pouco melhor essa minha posição, era preciso entender uma formulação que eu faço, dentro dos estudos que eu estou fazendo.</p>		
<p>Cada campo científico tem os seus procedimentos lógicos e investigativos. E esses campos científicos pressupõem modos gerais de investigação e solução de problemas. No processo de investigação científica os especialistas, os pesquisadores aplicam operações mentais para realizar suas pesquisas. Com o objetivo de ir constituindo os objetos de estudo. Procedimentos lógicos e investigativos, modos gerais de resolver problemas que vão levando a constituição dos objetos de estudo.</p> <p>Esta, quer dizer, é, que quando você vai ensinar física, você vai ensinar. E, do que se trata?</p> <p>Descobrir, captar estes procedimentos lógicos e investigativos, é, porque eles vão se transformar nas operações mentais a serem desenvolvidas pelos alunos. O que a gente chama de pensamento teórico conceitual ou conceitos, então, nesse entendimento que eu trabalho.</p> <p>É, quer dizer, que num processo de ensino o professor de certa forma, reproduz aqueles processos lógicos e investigativos do cientista. O que significa que, a melhor maneira de a gente aprender as coisas é você incorporar os conceitos, não o conteúdo enquanto tal, é eu incorporo os conceitos porque conceitos são procedimentos mentais, para lidar com a realidade. E como é que você faz isso? Colocando os alunos numa atividade investigativa, e pra mim isto vale para o ensino na formação de professores, e vale também no ensino para as crianças.</p> <p>E, de maneira que, esses procedimentos lógicos e investigativos da ciência se transformam em operações mentais a serem desenvolvidos pelos alunos. É a partir deste argumento é que eu, eu afirmo isto. Que a garantia de articular teoria e prática é colocar a pesquisa como forma de ensino e como base da organização curricular, acho que, não sei se, deu pra esclarecer o meu pensamento.</p>		
<p>Como é que eu coloco as realidades sociais, a diversidade, o preconceito, as condições de vida, como é que eu coloco isto é no âmbito dos conceitos científicos das matérias, e como é que eu coloco a experiência do aluno como objeto de pensamento para</p>	<p>Teoria e prática / conhecimento científico</p>	<p>Relação teoria e prática</p>

<p>não ficar na experiência, isso é pouco! Como é que eu transformo água em objeto de pensamento dos alunos? Quer dizer, como é que a seca dos reservatórios de água de São Paulo estão envolvidas nas relações sociais, estão envolvidas nas relações capitalistas de produção? Só posso fazer isso no âmbito da abstração, no âmbito do conceito. E daí o aluno reelaborando conceitualmente a sua própria realidade, volta à sua realidade. Vai à sua realidade, com esse caráter transformador. Mas, eu agora trabalho a minha realidade, com os conceitos, e isso tudo mediante a práticas investigativas.</p>		
---	--	--

Depoimento	Explicitação dos significados	Categoria
<p>Completando um pouco a primeira coisa que eu estava dizendo aqui na nossa conversa. Nas coisas que eu estou escrevendo que as políticas educacionais do MEC são ambíguas, e essa ambiguidade se estende a tudo mais, aos currículos, as escolas, as formas de organização e gestão, a formação de professores, as práticas de avaliação, etc. A ambiguidade, não começa, não está no curso de pedagogia, a ambiguidade está nas políticas do MEC.</p>	Ambiguidade	Ambiguidade
<p>São Paulo é um exemplo disso, aqui em Goiás também é um exemplo típico, dos 25 estados acho que pelo menos uns 18 tão aplicando as políticas que eu chamo de currículo instrumental de resultados. É um, municiado pelo sistema de avaliação. Pelas provas em escala. Tipo SARESP que também tem isto, as escolas estão hoje voltadas para preparar os meninos para fazerem os testes. E por outro lado, as políticas assistenciais, isso que eu chamo de ambiguidade. E, eu acho que é uma ambiguidade perversa, porque, ao mesmo tempo que o MEC com base na terceira via e com apoio de colegas dessa área por um lado, as políticas educacionais e políticas para a escola voltadas para o atendimento a diversidade, elas querem uma escola de assistência e de proteção social a pobreza, e uma escola que eu chamo de acolhimento, escola do acolhimento e da convivência. Este é o modelo organizacional que o MEC incentiva e, um exemplo clássico disto é a escola de tempo integral, seja onde for, São Paulo, aqui, a ideia que está sendo difundida pelas políticas públicas, é aquela coisa que a mãe vai pegar a criança na escola e pergunta pra professora que está entregando a filha, a mãe pergunta:</p>	Ambiguidade	Ambiguidade

<p>“- professora a minha filha, tomou banho, comeu?” , “- sim” . “- então tá bom” .</p> <p>E quando se trata de avaliar o desempenho do sistema o MEC aplica os testes, aqui você cuida, aqui você educa. Supostamente. Isto que eu acho perverso, eu acho que isto é, é uma, que se chama pedagogia da exclusão.</p>		
<p>Então nós estamos realmente num momento de oferta de cursos de formação de professores de ensino superior. Mas nós estamos num momento que os currículos de formação profissional de professor espelham a ambiguidade do sistema nacional de ensino, e no ponto de vista essa ambiguidade leva a uma debilidade das diretrizes, portanto uma debilidade dos currículos e portanto, uma debilidade na formação. Assim, não sou eu que falo, tem que ver os dados, os dados empíricos, a realidade. Quer dizer, nunca a formação de professores foi tão frágil, deficiente. Agora, como é que você pode ter êxito nos exames na prova Brasil, na provinha Brasil, se as professoras do país inteiro não sabem o português, não sabem a matemática e não sabem biologia pra ensinar ciências? Sem falar de educação física e arte, que é um descalabro total, quer dizer, é ruim falar mas, a quem atribuir o insucesso das crianças, na prova Brasil, nas provas SAEB ? A quem atribuir? Eu sei, colegas caem em cima de mim, você tá vitimizando os professores, não, eu tô vitimizando é o sistema mesmo, que a ambiguidade da escola é a ambiguidade do sistema, que o sistema não sabe se cuida ou ensina, o sistema não sabe ligar ensinar e cuidar.</p>	<p>Currículo/ ambiguidade</p>	

Depoimento	Explicitação dos significados	Categoria
<p>[...] são três fontes de políticas educacionais possíveis de ser identificadas hoje no Brasil. Aqui estão as fontes de políticas, aqui estão o que as políticas geram, que currículo ela gera, e como essas três fontes indicam referenciais de qualidades de ensino, e de como isso acaba afetando a didática e as práticas pedagógicas didáticas, podia ate falar aqui, organização e gestão da escola, aqui, práticas de avaliação. Como é que essas três fontes: o neoliberalismo, que tem duas orientações, dentro do neoliberalismo você tem as políticas dos organismos multilaterais o banco mundial, eu tenho escrito muito sobre isso, e a terceira via, que é uma orientação é uma crítica ao neoliberalismo economicista e com pouca sensibilidade as políticas sociais, a terceira via é</p>	<p>Política/ currículo</p>	<p>Currículo</p>

um capitalismo light, um capitalismo de conciliação, é um capitalismo de diminuição dos conflitos, é um capitalismo de compensação, de coisas para os pobres. O capitalismo, de ações sócio educativas, do Mais Educação, são bem típicas disso, a escola de tempo integral, quer dizer, você converte a escola num guarda-chuva de políticas sociais, com o objetivo de conciliação, de formação dos alunos, para a solidariedade, e no final das contas, minimizar conflitos sociais. Quer dizer, a pobreza e as consequências da pobreza hoje são coisas muito prejudiciais ao capitalismo, então nós temos que transformar a escola num lugar de convivência. É, neste currículo de proteção social, desse currículo para diversidade. É, você tem duas políticas do MEC, uma é a política do currículo de resultados.		
--	--	--

Depoimento	Explicitação dos significados	Categoria
<p>Eu estou fazendo uma introdução para não já dizer assim, tem elogio ou não tem elogio, e qual é a crítica. A mim, me parece hoje, que na verdade as diferentes posições em relação a currículo, formação de professores, avaliação: avaliação de sistema, avaliação de escola, avaliação de aprendizagem, tudo isso é hoje, pra mim, me parece muito relacionado com a resposta a uma pergunta chave: Para que servem as escolas? E especialmente: para que servem as escolas destinadas às camadas pobres da sociedade? E eu cheguei a essa pergunta, que aliás também... vem sendo feita por um outro pesquisador internacional que é o Michael Young. /</p> <p>Foi interessante que em algum momento há uns 8 anos atrás eu me pus uma pergunta, que na minha trajetória de pesquisador, de militante, eu me coloquei uma pergunta que eu achava assim, bem eu já fiz muita caminhada por esse campo da educação, da pesquisa, e papéis institucionais, orientação de tese e dissertações, e eu sempre lidei com teoria da educação, didática e organização da escola, são essas três áreas que eu sempre estive vinculado e nos últimos 10/12 anos o meu foco passou a ser a escola, mas especialmente o tema do ensino-aprendizagem, que é a área, hoje a minha área preferida. Mas aí eu comecei a me</p>	Posicionamentos	Compromisso social

<p>perguntar, no sentido de ligar o micro e o macro, comecei a me perguntar: quando e porque a escola publica brasileira decaiu? E aí eu comecei a estudar especialmente o tema da desigualdade social e desigualdade escolar, ou as relações entre escola e pobreza. E foi aí que eu enveredei para o assunto de: por onde e por que caminhos são geradas as políticas públicas para a escola? E aí essa pergunta que está frequentando diretamente a minha pesquisa hoje, que é isto: para que servem as escolas destinadas as camadas pobres da sociedade? E agora eu estou então, entendendo melhor, eu, pelo menos eu. Às vezes as outras pessoas já entenderam isto mas eu... é... em algum momento a gente faz síntese na cabeça da gente, na lógica da gente, na trajetória, no percurso do que cada um vai fazendo, a história de vida e tal, e aí... que eu acho que o problema da formação de professores para Educação Infantil e Séries Iniciais tem haver diretamente com a resposta a essa pergunta: para que servem as escolas? De maneira que isto me deixa mais a vontade hoje para dizer o seguinte: eu não tenho nenhum elogio às diretrizes curriculares da pedagogia.</p>		
<p>A partir da gestão Lula acho que em 2004/ 2005? Eu quero dizer, para não esticar muito a conversa e as coisas que estou dizendo tão já escritas, se for o caso de aprofundar isso... é de que a política do MEC [Ministério da Educação], a partir da gestão Lula, não exatamente no começo, mas ali no terceiro ano, que foi se definindo um entendimento de que as políticas educacionais se orientassem para a diversidade social e cultural, eu creio que foi 2005/2006, mas foi em 2007 que ficou muito claro, embora, ainda com muita precariedade, mas ficou claro que o MEC - os técnicos do MEC ligados ao PT definiram que as políticas educacionais teriam como foco o atendimento à diversidade social e cultural. É claro que políticas orientadas por este objetivo ... elas acabam também determinando a orientação da escola. Então a escola passou a ser entendida como o lugar de atendimento à diversidade cultural. Para formular isso de uma maneira lógica: o objetivo da escola era o atendimento a diversidade sociocultural. Bem, eu entendo que a</p>	Questões políticas	Compromisso social

<p>diversidade sociocultural é algo inerente ao ser humano, a diferença é constitutiva do ser humano e não existe nenhuma educação, nenhuma prática educativa, seja escolar ou não, que não considere a diversidade sociocultural. O problema é que este modo de definir as políticas em geral e as políticas da escola acabou, no meu entender, tirando o foco do objetivo da escola para o desenvolvimento do pensamento dos alunos; tirando o foco da escola do conhecimento para a diversidade sociocultural. A minha posição é de que escola, o objetivo da escola, é uma escolarização igual, por meio de um currículo comum, para sujeitos diferentes. Eu acho que focar o currículo na diversidade social e cultural desfoca o objetivo básico da escola. Por quê? Porque a missão social prioritária da escola é a sua missão pedagógica, e, portanto, eu não posso subsumir a missão pedagógica da missão social; eu não posso sobrepor à missão pedagógica a missão social, porque nesse caso o que nós temos então, no fim das contas, é um esvaziamento do sentido de escola, é um esvaziamento do conteúdo e da formação do pensamento, a desfiguração do espaço escolar como lugar de formação de capacidades cognitivas e de desenvolvimento global de sua personalidade. Então, no meu entendimento, essa política colocou a escola como estratégia do Estado para a solução de problemas sociais e econômicos e aqueles que possam comprometer a ordem social e política. E é uma política educacional muito mais de prevenção e remediamento de conflitos sociais do que de cumprir a sua missão básica, essencial, democrática que é a formação cultural e científica dos alunos visando o desenvolvimento do pensamento. Então eu estou criticando hoje a escola como agência de serviços sociais públicos. Então eu acho que o sentido republicano de escola, o sentido democrático de escola, é exatamente assegurar a justiça social na escola pelo acesso a todos dos conteúdos culturais e científicos como meio de ampliação, de promoção e ampliação de desenvolvimento dos processos psíquicos superiores em articulação direta com a diversidade sociocultural. Mais uma coisinha pra firmar minha posição, que eu trabalho... meu trabalho</p>		
---	--	--

<p>de teoria e pesquisa é um trabalho numa perspectiva de esquerda, e eu acho que... uma posição de esquerda não pode escolher entre a igualdade e a diferença, e as políticas do MEC no meu entender sobrevalorizam a diferença em prejuízo da igualdade. Por quê? Porque se você dissolver o papel da escola como... o papel do conhecimento como direito universal diz respeito a igualdade entre os seres humanos. Então uma política para todos deve ao mesmo tempo atender o princípio da diferença, mas também ao princípio da igualdade. Eu entendo, portanto, que as diretrizes da pedagogia já foram impregnadas desta orientação política do MEC e por essa razão imaginou-se que: da mesma forma que a escola serve para tudo..., essa escola como é que o Nóvoa diz? Essa escola transbordante... do mesmo modo que a escola serve para tudo o professor também tem que servir pra tudo. E como é uma política de assistência social e muito mais que uma política pedagógica, no fim das contas, o papel da escola fica reduzido ao que os documentos do MEC dizem educar, perdoar, cuidar e educar. E eu novamente preciso dizer que eu não sou contra ao cuidado, não sou contra ao acolhimento de modo algum, e toda educação acolhe, todo professor acolhe, toda escola tem que ser acolhedora. Mas eu não posso aceitar que a escola tenha o seu papel reduzido ao cuidado e ao acolhimento. Bem, eu escrevi também um texto sobre isso, também não sei se você conhece, o texto se chama: “O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres” . As diretrizes da licenciatura em pedagogia já estão dentro dessa orientação das políticas que eu estou criticando, em 2010 foram feitas as diretrizes curriculares para a educação básica dentro dessa mesma orientação, de secundarização do conhecimento em favor de uma escola de assistência. E a forma mais completa desse modelo é o que se chama a Escola Integral ou o Programa Mais Educação. Eu já fiz uma análise detalhada do documento Educação Integral onde eu mostro que o papel da escola tá desfigurado... <i>desfigurado</i>. Então a minha lógica é muito simples, se você desfigura o papel da escola, se a escola perde a</p>		
---	--	--



<p>sua identidade e <i>vira um monte de coisa</i>, o assunto conhecimento e o assunto formação do pensamento somem para dar lugar a outras funções que deveriam caber a outros setores do governo; se você desfigura a escola, você também desfigura a identidade do professor, esta é a crítica talvez hoje mais forte que eu faria às diretrizes. Ela compromete a identidade profissional do professor.</p>		
<p>Completando um pouco a primeira coisa que eu estava dizendo aqui na nossa conversa. Nas coisas que eu estou escrevendo que as políticas educacionais do MEC são ambíguas, e essa ambiguidade se estende a tudo mais, aos currículos, as escolas, as formas de organização e gestão, a formação de professores, as práticas de avaliação, etc. A ambiguidade, Margarete, não começa, não está no curso de pedagogia, a ambiguidade está nas políticas do MEC.</p> <p>Você veja são três fontes de políticas educacionais possíveis de ser identificadas hoje no Brasil. Aqui estão as fontes de políticas, aqui estão o que as políticas geram, que currículo ela gera, e como essas três fontes indicam referenciais de qualidades de ensino, e de como isso acaba afetando a didática e as práticas pedagógicas didáticas, podia até falar aqui, organização e gestão da escola, aqui, práticas de avaliação. Como é que essas três fontes: o neoliberalismo, que tem duas orientações, dentro do neoliberalismo você tem as políticas dos organismos multilaterais o banco mundial, eu tenho escrito muito sobre isso, e a terceira via, que é uma orientação é uma crítica ao neoliberalismo economicista e com pouca sensibilidade as políticas sociais, a terceira via é um capitalismo light, um capitalismo de conciliação, é um capitalismo de diminuição dos conflitos, é um capitalismo de compensação, de coisas para os pobres. O capitalismo, de ações sócio educativas, do Mais Educação, são bem típicas disso, a escola de tempo integral, quer dizer, você converte a escola num guarda-chuva de políticas sociais, com o objetivo de conciliação, de formação dos alunos, para a solidariedade, e no final das contas, minimizar conflitos sociais. Quer dizer, a pobreza e as consequências da pobreza hoje são coisas muito prejudiciais ao capitalismo, então nós temos que transformar a escola num lugar de convivência. É, neste currículo de proteção social, desse currículo para diversidade. É, você tem duas políticas do MEC, uma é a política do currículo de resultados. São Paulo é um</p>	<p>Ambiguidade/ questões políticas/ distorções</p>	<p>Compromisso social</p>

<p>exemplo disso, aqui em Goiás também é um exemplo típico, dos 25 estados acho que pelo menos uns 18 tão aplicando as políticas que eu chamo de currículo instrumental de resultados. É um, municiado pelo sistema de avaliação. Pelas provas em escala. Tipo SARESP que também tem isto, as escolas estão hoje voltadas para preparar os meninos para fazerem os testes. E por outro lado, as políticas assistenciais, isso que eu chamo de ambiguidade. E, eu acho que é uma ambiguidade perversa, porque, ao mesmo tempo que o MEC com base na terceira via e com apoio de colegas dessa área por um lado, as políticas educacionais e políticas para a escola voltadas para o atendimento a diversidade, elas querem uma escola de assistência e de proteção social a pobreza, e uma escola que eu chamo de acolhimento, escola do acolhimento e da convivência. Este é o modelo organizacional que o MEC incentiva e, um exemplo clássico disto é a escola de tempo integral, seja onde for, São Paulo, aqui, a ideia que está sendo difundida pelas políticas públicas, é aquela coisa que a mãe vai pegar a criança na escola e pergunta pra professora que está entregando a filha, a mãe pergunta:</p> <p>“- professora a minha filha, tomou banho, comeu?” ,</p> <p>“- sim”.</p> <p>“- então tá bom”.</p> <p>E quando se trata de avaliar o desempenho do sistema o MEC aplica os testes, aqui você cuida, aqui você educa. Supostamente. Isto que eu acho perverso, eu acho que isto é, é uma, que se chama pedagogia da exclusão.</p>		
--	--	--